Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Sonia Regina Nascimento Horn

Representações metafóricas da corrupção endêmica em corpus digital: o caso do jeitinho brasileiro

Rio de Janeiro
2022

Sonia Regina Nascimento Horn

Representações metafóricas da corrupção endêmica em corpus digital: o caso do jeitinho brasileiro

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof.ª Dra. Tania Maria Granja Shepherd

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

H813 Horn, Sônia Regina Nascimento.
Representações metafóricas da corrupção endêmica em corpus digital: o caso do jeitinho brasileiro / Sônia Regina Nascimento Horn. – 2022.
164 f. : il.

Orientadora: Tania Maria Granja Shepherd.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Metáfora - Teses. 2. Linguística de corpus - Teses. 3. Gramática cognitiva – Teses. 4. Características nacionais brasileiras - Teses. I. Shepherd, Tania M. G. (Tania Maria Granja). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801.541.251

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Sonia Regina Nascimento Horn

Representações metafóricas da corrupção endêmica em corpus digital: o caso do jeitinho brasileiro

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 14 de março de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.ª Dra. Tania Maria Granja Shepherd (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.ª Dra. Sandra Pereira Bernardo
Instituto de Letras – UERJ

Prof.ª Dra. Patrícia Pereira Bertoli
Instituto de Letras – UERJ

Prof.ª Dra. Solange Coelho Vereza
Universidade Federal Fluminense

Prof.ª Dra. Marcia Veirano Pinto
Universidade Federal de São Paulo

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese aos meus antepassados, em especial, aos meus bisavós, avós paternos e maternos, por terem fincado raízes neste Brasil. Ao meu pai, José Paulo, *in memoriam*, à minha mãe Gilda, à minha família amada: meu esposo Niels e filhos Samuel e Marcela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, meu refúgio eterno. À Nossa Senhora, Mãe de Deus, a Quem sempre peço a intercessão para ouvir as minhas preces.

À minha família, meu esposo Niels e meus filhos Samuel e Marcela, pelo amor incondicional, compreensão, cooperação e paciência em meus momentos mais difíceis. Nunca esqueçam o quanto eu amo vocês (NEOQEAV)!

Ao meu pai, José Paulo, in memoriam, sonhador, como eu, e, que, mesmo sem ter tido oportunidade de continuar seus estudos, sempre valorizou a educação dos filhos.

À minha mãe, Gilda, por todo carinho e amor a mim dedicado, fonte de sabedoria, um exemplo de fé e perseverança.

Aos meus irmãos, Paulo Eduardo, in memoriam, José Eduardo, in memoriam, e irmãs, Solange e Simone, por termos formado um elo de amor e amizade ao longo de nossas vidas.

À minha querida orientadora Dra. Tania Shepherd, pelo apoio, incentivo e dedicação de sempre. Você foi uma verdadeira mãe nesse processo, ajudando-me a trilhar este caminho de pesquisa, principalmente na construção de uma ponte entre a linguística de corpus e a metáfora. Agradeço as valiosas contribuições teóricas e temáticas para o desenvolvimento desta tese, bem como as críticas relevantes até esta versão final. Obrigada por ter sempre dado um “jeitinho” de me atender quando necessário.

Aos membros do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UERJ, em especial aos professores do programa e aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação, pelo pronto atendimento sempre que solicitado, minha gratidão.

À professora Dra. Solange Vereza, por ter me dado a oportunidade de ter sido sua aluna ouvinte e por ter me apresentado a uma “ilha instigante” chamada Metáfora!

Às professoras Dra. Solange Vereza, novamente, e Dra. Sandra Bernardo pelas valiosas contribuições durante o exame de qualificação.

Às professoras Dra. Marcia Veirano, Dra. Patrícia Bertoli, Dra. Sandra Bernardo, Dra. Solange Vereza por terem aceitado o convite para comporem a banca examinadora desta tese.

Às professoras Dra. Gisele de Carvalho e Dra. Deise Friedrich, por terem aceitado o convite à suplência da banca examinadora.

Às queridas amigas de longa data, Carmem, Gelciara e Rosângela, que sempre estiveram comigo, mesmo nas minhas ausências, com palavras de apoio e carinho.

Às queridas amigas Daniela, Nilma, Ana Paula e Adriana, fontes de incentivo, escuta e carinho e que me ajudaram a superar os desafios de conciliar a tese com o ritmo frenético do trabalho.

Aos amigos que ganhei durante o doutorado. À querida Deise, gratidão por estar sempre presente nos momentos mais difíceis e nos mais alegres dessa longa caminhada. Ao querido Paulo, pelos trabalhos e seminários que fizemos juntos e pela amizade.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho, minha gratidão eterna.

Você sabe com quem está falando? Tenho as costas quentes, vim trabalhar aqui por meio de um peixe. Aliás, peixe não, tubarão. Quebrei o galho de um magnata, então foi só ele mexer os pauzinhos e cá estou. Afinal, uma mão lava a outra, não é? Cá entre nós, tão importante quanto um bom currículo é ter QI (quem indique). Mas vou aliviar dessa vez, só porque é para você. É só me ajudar e eu te ajudo. Arranja o troco do guaraná e fica tudo certo. Sem fila, sem burocracia, em 15 minutos você está liberado.

Felipe Torres

RESUMO

HORN, Sonia Regina Nascimento. *Representações metafóricas da corrupção endêmica em corpus digital:* o caso do jeitinho brasileiro. 2022. 164 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta tese investigou um fenômeno cognitivo: a percepção da corrupção endêmica por brasileiros e uma de suas manifestações em nossa cultura, o "jeitinho". A orientação teórico-metodológica adveio da Linguística Cognitiva e da Linguística de Corpus. Analisaram-se dois corpora exploratórios: o primeiro com dados da seção *Now,* componente do Corpus do Português, disponibilizado *online* e o segundo, um corpus de símiles, compilado a partir do mecanismo de busca *Google.* A tese explorou inicialmente os *frames* desses dois corpora, para depois buscá-los no corpus de estudo, que consistiu de comentários coletados na rede social *YouTube*, entre o período de 2014 e 2021, em português brasileiro contemporâneo em uso. A hipótese da tese foi que seriam encontrados padrões metafóricos que pudessem caracterizar o fenômeno do jeitinho no corpus de estudo, conforme Semino, Demjén e Demmen (2018). Foram identificados padrões coerentes de repetição, entre "tópicos" (as porções não metafóricas) e seus veículos (as partes metafóricas), o que sugeriu a presença de "metáforas sistemáticas", que emergiram de textos descontinuados, como são característicos de comentários feitos em rede social**.** Assim, apesar de a definição tradicional da metáfora sistemática focar na articulação entre duas ideias distintas em um mesmo evento discursivo (Cameron, 2003), os tópicos do Corpus comentários funcionaram como um elemento integrador de coesão, os quais serviram de arcabouço para identificação das metáforas sistemáticas, as quais, nesta tese, foram também definidas como metáforas reiteradas, de natureza cultural. Propusemos que a função dessas metáforas sistemáticas nos comentários analisados foi a de criar alinhamentos de posição entre os interlocutores, que não se conheciam e que não estavam no mesmo evento discursivo. A análise constatou a presença reiterada de três *frames:* Disseminação, Raiz e Presença, com padrões lexicais repetidos, como em corrupção (endêmica) que se alastra, se espalha, como uma praga ou um vírus. A partir dos *frames,* foram recrutadas 8 metáforas sistemáticas, das quais a mais reiterada foi *JEITINHO BRASILEIRO É OBJETO HERDADO.* A que apareceu em menor número foi *JEITINHO BRASILEIRO É FLEXIBILIDADE.*

Palavras-chave: Jeitinho brasileiro. Metáfora sistemática. *Frames*. Linguística de corpus. Linguística cognitiva. Comentários em rede social.

ABSTRACT

HORN, Sonia Regina Nascimento. *Metaphorical representations of endemic corruption in a digital corpus*: the case of the Brazilian "Jeitinho". 2022. 164 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This thesis investigated a cognitive phenomenon: the perception of endemic corruption by Brazilians and one of its manifestations in our culture, the “jeitinho”. The theoretical and methodological orientation was based on Cognitive Linguistics and Corpus Linguistics. Two exploratory corpora were analyzed: the first, with data from the Now section, a component of the Contemporary Portuguese Corpus, available online, and the second, a Corpus of Similes, which was compiled by using the Google search engine. The thesis initially explored the frames of these two corpora, and then searched for them in the Study Corpus, which consisted of comments collected on the *YouTube* social network, between 2014 and 2021, in contemporary Brazilian Portuguese in use. The hypothesis of the thesis was that metaphorical patterns would be found and, therefore, could characterize the jeitinho phenomenon in the Study Corpus (Semino, Demjén and Demmen, 2018). Consistent patterns of repetition were identified among “topics” (the non-metaphorical portions) and their vehicles (the metaphorical parts), which suggested the presence of “systematic metaphors” that emerged from discontinued texts, one of the characteristics of comments made in social networks. Thus, although the traditional definition of systematic metaphor focuses on the articulation between two distinct ideas in the same discursive event (Cameron, 2003), the topics of Corpus comments functioned as an integrating element of cohesion, which served as a framework for the identification of systematic metaphors, which, in this thesis, were also defined as reiterated metaphors of a cultural nature. We proposed that the function of these systematic metaphors in the analyzed comments was to create position alignments among the interlocutors, who did not know one another and were not at the same discursive event. The analysis found the presence of three repeated frames: Dissemination, Root and Presence, with repeated lexical patterns, as in (endemic) corruption that spreads out like a plague or a virus. Eight systematic metaphors were recruited from the frames, of which the most reiterated was *BRAZILIAN JEITINHO IS AN INHERITED OBJECT.* The one that appeared in a smaller number was *BRAZILIAN JEITINHO IS FLEXIBILITY.*

Keywords: Brazilian jeitinho. Systematic metaphor. Frames. Corpus Linguistics. Cognitive Linguistics. Social network comments

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Barbosa – favor – jeitinho – corrupção…….. 28

Figura 2 - Elementos constitutivos da metáfora sistemática……... 61

Figura 3 - Amostra de linha de concordância de jeitinho brasileiro no Corpus N…….. 81

Figura 4 - Amostra de linha de concordância de jeitinho brasileiro no Corpus C……..… 90

Figura 5 - Colocados de Jeitinho brasileiro em suas posições reais……... 91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Domínios fonte e domínios alvo…….… 43

Quadro 2 - Diferenças entre texto e Corpus……. 69

Quadro 3 - Símiles extraídos da web, do Google……. 94

Quadro 4 - Ocorrências de Jeitinho brasileiro e o colocado ‘corrupção’……..… 95

Quadro 5 - Lista de Símiles…….. 95

Quadro 6 - Campos Semânticos do Frame 1…… 98

Quadro 7 - Campos Semânticos do Frame 2…… 100

Quadro 8 - Campos Semânticos do Frame 3…… 101

Quadro 9 - Campos Semânticos do Frame 4……...……. 101

Quadro 10 - Campo Semântico Frame 5…… 102

Quadro 11 - Interseção de *Frames* do Corpus S e do Corpus C……. 118

Quadro 12 - Resumo das metáforas sistemáticas no Corpus C….……. 127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Instâncias do padrão: Jeitinho brasileiro é do Corpus N…… 82

Tabela 2 - Informações resumitivas dos vídeos do Corpus C……. 88

Tabela 3 - Colocados à direita e à esquerda do Corpus N…….…….. 93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LA	Linguística Aplicada
LC	Linguística Cognitiva
LdC	Linguística de Corpus
MIP	*Metaphor Identification Procedure*
MIPVU	*Metaphor Identification Procedure Vrije University*
NOW	*News on the web Corpus*
TMC	Teoria da Metáfora Conceptual
URL	*Uniform Resource Locator*

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO…….……..	16
1	**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**…….…….	34
1.1	**A metáfora sob uma perspectiva histórica**…….…...	35
1.1.1	Visão tradicional da metáfora…….....	35
1.1.2	Visão interacional da metáfora…….....	36
1.2	**Linguística Cognitiva e a visão cognitiva da metáfora**……	39
1.3	**Teoria da Metáfora Conceptual**…….	40
1.4	**Metaforicidade e métodos de configuração**……..	47
1.5	**Fases da visão cognitivo-discursiva da metáfora**……..	53
1.5.1	Primeira fase…….....	54
1.5.2	Segunda fase……..	55
1.6	**Metaforema, metáforas situadas e nicho metafórico**……...	56
1.7	**Metáfora sistemática**……...	58
1.8	***Framing* como uma função da metáfora**……...	62
1.8.1	*Frames* ou enquadres……...	62
2	**METÁFORA E CORPUS**……...	67
2.1	**Linguística de Corpus**……...….	67
2.2	**O corpus e suas possíveis abordagens na LdC**…….	72
2.2.1	Reflexão sobre os princípios adotados por Deignan…….....	74
2.3	**Linguística de Corpus e estudos da metáfora**……...	75
3	**MATERIAIS E MÉTODOS**……...	79
3.1	**Sobre a tipologia da pesquisa**…….	79
3.2	**A coleta e tratamento de dados**……..	79
3.3	**Compilação dos corpora pequenos**……	80

3.3.1 Corpus exploratório N……...… 81

3.3.2 Corpus exploratório S……..... 83

3.4 **Corpus C: comentários em rede social (*YouTube*)**……..... 85

3.4.1 Corpus C: descrição e compilação……..……..... 87

3.4.2 Procedimentos…….. 89

4 **ANÁLISE DE DADOS**……..... 92

4.1 **Partindo de corpora pequenos**…….. 92

4.2 **Corpus S: campos semânticos e *frames* ativados**…….. 95

4.2.1 *Frame 1:* Disseminação……..... 97

4.2.2 *Frame 2*: Presença……..... 99

4.2.3 *Frame 3:* Infinitude…….. 100

4.2.4 *Frame 4:* Profundeza……..... 101

4.2.5 *Frame 5:* Raiz……..... 102

4.3 ***Frames* ativados do Corpus C**…… 103

4.3.1 *Frame* Herança Cultural……..... 103

4.3.2 *Frame* Raiz + Doença……..……..... 105

4.3.3 *Frame* Presença……..... 107

4.3.4 *Frame* Corrupção……..... 107

4.3.5 *Frame* Disseminação……..... 112

4.3.6 *Frame* Maldição……..... 112

4.3.7 *Frame* Repulsa (Sujeira, Podridão, Nojeira, Vergonha)……..... 113

4.3.7.1 *Frame* Sujeira……..... 114

4.3.7.2 *Frame* Podridão……..... 114

4.3.7.3 *Frame* Nojeira…….. 114

4.3.7.4 *Frame* Vergonha……..... 115

4.3.8 *Frame* Flexibilidade / Criatividade……..... 116

4.4 **Comparação entre os *frames* evocados no Corpus S e no Corpus C**…….. 117

4.5 **Metáforas do Jeitinho Brasileiro do Corpus C**……..... 119

CONSIDERAÇÕES FINAIS……. 129

REFERÊNCIAS ….....……. 141

APÊNDICE – Inventário de Campos Semânticos com itens lexicais extraídos do Corpus C…… 154

ANEXO A – Modelo de metaforização de Lakoff (1987)……..... 160

ANEXO B – Modelo de metaforização de Goatly (1997)…… 161

ANEXO C – Modelo de metaforização de Deignan (1997, 2005)……... 162

ANEXO D – Crônica de Paulo Mendes Campos – Dar um Jeitinho……... 163

INTRODUÇÃO

O homem é ele mais a sua circunstância

José Ortega y Gasset

A metáfora é sabidamente uma ferramenta central da comunicação e do pensamento humano. Por ser intrinsecamente ligada à linguagem e ao pensamento, a metáfora já foi estudada através de múltiplos ângulos dentro da Linguística Cognitiva, desde o trabalho pioneiro de Lakoff e Johnson (1980). Esses ângulos incluem tais elementos como a identificação dos domínios-fonte das expressões metafóricas, a interação da forma e do significado metafórico, a relação entre metáfora e discurso, o desenvolvimento histórico das metáforas e a aquisição e uso (*priming*) das metáforas. Trabalhos como os de Charteris-Black (2005, p. 26-29) já demonstraram a importância de padrões metafóricos para representar e consolidar ideologias em práticas sociais. Isso porque as metáforas são inerentemente ideológicas[1]. Além disso têm uma outra característica importante para os estudos linguísticos, já que um mesmo conceito pode ser metaforizado de diferentes maneiras, e essas maneiras podem suscitar inferências e avaliações distintas. O uso continuado de padrões metafóricos pode sedimentar crenças e percepções dentro de um grupo social, transformando esse uso em convenções. Dessa forma, as escolhas metafóricas, mesmo que convencionalizadas, são raramente neutras (POTTS; SEMINO, 2019, p. 81).

Esta tese trabalha com metáforas no português brasileiro contemporâneo em uso. A tese investiga um volume considerável de exemplos desse uso tanto na mídia impressa, quanto em seção de comentários de mídias sociais. Por acreditar que só a linguagem em uso fornece os subsídios necessários para estudar a linguagem metafórica, e por reconhecer que se pode extrair padrões metafóricos a partir de muitos dados, a pesquisa faz uso do que se convencionou chamar de Linguística de Corpus (doravante LdC). Como tema, a tese estuda um assunto que parece permear o cotidiano da sociedade e do pensamento dos brasileiros, ou seja, a "corrupção" endêmica, e o faz tentando mapear suas manifestações metafóricas.

Antes de abordar as motivações para a escolha dessa temática, abro aqui um espaço para definir o que vem a ser corrupção. Lanço mão de Holmes (2015), que segue a tendência entre teóricos de separar o termo em dois outros distintos: a corrupção "sistêmica" e a

1 Refiro-me a questões ideológicas no sentido mais simples do termo, isto é, que surgem a partir dos padrões metafóricos.

corrupção "endêmica[2]". A corrupção sistêmica é aquela que é externa ao indivíduo e tem raízes no próprio sistema político de um determinado grupo social, sistema esse que, por vezes, pode favorecer e, por vezes, criar condições ideais para práticas corruptas. Um possível exemplo seria o processo de financiamento de eleições do Brasil. O financiamento de origem pública serviria para, teoricamente, se evitar o assim chamado "caixa dois" das campanhas políticas brasileiras. Um outro sistema seria o das emendas parlamentares ao orçamento brasileiro, que podem se tornar um método de compra de fidelidade no Congresso Nacional.

Por outro lado, há a corrupção "endêmica" que, como a metáfora da endemia sugere, ocorre habitualmente e com incidência significativa em dada população, de forma capilarizada, através de inúmeras práticas sociais. Hanns[3] dá como exemplo de corrupção endêmica aquela em que um indivíduo recebe um ponto a mais numa prova por erro de contagem do professor, mas não avisa ao mesmo que está recebendo nota em excesso.

O tema desta tese é a corrupção de natureza endêmica e algumas de suas representações metafóricas. As motivações para a escolha deste tema são inúmeras. A primeira tem razões pessoais: ela advém da minha indignação com práticas corruptas do dia a dia. A segunda motivação em estudar as representações de corrupção advém da ubiquidade do tópico. Apesar de ser um antigo tema de interesse, ainda é falado e discutido na mídia e nas rodas familiares. Em 2017, por exemplo, no início dos estudos para esta tese, a palavra corrupção foi eleita a "palavra do ano". A seleção, que foi inspirada na "palavra do ano" do Dicionário Oxford[4], levou em conta tanto o voto popular, como a percepção de 5 jurados. Esse tópico ainda vem sendo discutido, ainda que tenham se passado um pouco mais de quatro anos da escolha da palavra do ano, com a eleição de Jair Bolsonaro como "pessoa corrupta do ano" de 2020[5].

Uma terceira motivação em estudar as representações de corrupção é poder fazê-lo através de metáforas. O porquê das metáforas me remete ao ano de 2009, quando me inscrevi no curso de Metáfora e Discurso, como disciplina avulsa do curso de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, Metáfora e Indeterminação, ministrado pela professora Dra. Solange Vereza. Naquela época, mergulhei no assunto, principalmente na metáfora conceptual, uma perspectiva analítica totalmente inovadora para mim. Minha monografia de

---

2 A corrupção endêmica é por vezes chamada de microcorrupção e a sistemática, de macrocorrupção.
3 É possível derrotar a corrupção?, 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Casa do Saber. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vAZZ93JPUnw&ab_channel=CasadoSaber. Acesso em: 19 fev. 2021.
4 Ver palavra do ano em 2017 em: https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,corrupcao-e-eleita-a-palavra-do-ano-por-brasileiros,70002077782. Acesso em: 20 nov. 2017
5 Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/12/30/bolsonaro-e-eleito-pessoa-corrupta-do-ano-por-consorcio-internacional-de-midia.htm. Acesso em: jan. 2021.

final de curso teve como tema as metáforas conceptuais presentes nas reportagens sobre futebol (2009), que eram constituídas de relatos/narrações jornalísticas de partidas de futebol. A análise de dados de natureza qualitativa baseou-se em repetidas leituras dos relatos e posterior categorização das possíveis metáforas conceptuais. A metáfora conceptual mais recorrente naquele trabalho foi FUTEBOL É GUERRA. Nos relatos das partidas de futebol da mídia escrita daquele mesmo ano, observou-se claramente uma "batalha virtual" sendo realizada através das escolhas lexicais dos jornalistas, em que o jogo de futebol era relatado através do domínio fonte da guerra. Para que chegasse às metáforas conceptuais, encontrei diversas metáforas linguísticas[6], como, por exemplo, "*A Argentina se entregou*" (2009) ou "*O Atacante entrou em briga pela artilharia*" (2009, p. 21). Outras metáforas conceptuais foram depreendidas dos mapeamentos: FUTEBOL É FESTA, FUTEBOL É RELIGIÃO[7], MAIS É PARA CIMA e MENOS É PARA BAIXO. A partir de então, passei a observar com mais critério e fascínio, o uso da metáfora com relação às nossas escolhas lexicais e não somente vê-la como a "rainha" das figuras de linguagem.

Há ainda uma quarta motivação, além das razões pessoais e da perenidade do tópico de estudo: a percepção de que o enfoque dos inúmeros trabalhos acadêmicos sobre corrupção é em grande parte relacionado à Antropologia, à História, à Filosofia, à Sociologia e à Economia. Na área da Linguística, como será mostrado nesta introdução, os poucos trabalhos sobre as metáforas da corrupção são em sua grande maioria sobre corrupção sistêmica. Ainda que intimamente ligada à corrupção sistêmica (Cf. ROMEIRO, 2017), a corrupção endêmica e a linguagem metafórica a ela associada se reveste de atualidade e relevância, especialmente no âmbito do português brasileiro contemporâneo. Dessa forma, o presente estudo pretende lançar luz sobre um aspecto "Cinderela" da corrupção, com frequência ignorado: a corrupção do dia a dia, ou endêmica. A pesquisa da tese é feita sob o viés da Linguística cognitiva (LC), com foco na linguagem em uso e da Linguística de Corpus (LdC) como ferramenta teórico-metodológica.

Tendo discutido a motivação e a natureza da pesquisa, faço abaixo um breve passeio sobre a conceituação da corrupção em perspectiva histórica, incluindo algumas definições

---

6 Para a TMC, as metáforas linguísticas são chamadas de expressões metafóricas.

7 Outros exemplos inferidos dos relatos futebolísticos. Para FUTEBOL É RELIGIÃO: "Goleiro Marcos *foi do inferno para o céu*", "Júlio César fez o primeiro milagre". Com FUTEBOL É FESTA: "*No embalo do apitaço* provocado pela torcida", "*Show* vascaíno dentro de campo". Com MAIS É PARA CIMA OU MENOS É PARA BAIXO: "*Subiu* para 31 pontos", "Na *zona da degola*", "Deixou *a zona de rebaixamento* no Campeonato Brasileiro". Todos os exemplos citados foram extraídos da Monografia desta pesquisadora, intitulada Metáforas nas Reportagens de Futebol, UFF (2009, p. 23-26).

encontradas na literatura. Em seguida, abordo alguns estudos prévios sobre corrupção sistêmica e endêmica**.**

Conceituação de corrupção: origens e definições

Com jeitinho, parece que vai
Alberto Carlos Almeida

A palavra corrupção é originária da junção de *cor* (coração) e *rupta* (quebra, rompimento); em latim, o adjetivo *corruptus* significa "quebrado em pedaços" ou "apodrecido". Parece haver um consenso na literatura sobre a origem da palavra, além de um consenso sobre uma definição curta: corrupção seria algo não ético ou legal feito em beneficio próprio. Além disso, segundo De Graaf, Wagenaar e Hoenderboom (2010, p. 169), o conceito de corrupção nas diferentes discussões acadêmicas possui, geralmente, uma conotação moral. Como prática social, "corrupção" é considerada por muitos como fenômeno multifacetado (ANDVIG; FJELDSTAD, 2001, p. 4), já que "corrupção" depende de culturas, crenças e contextos sócio-históricos. Holmes (2015, p. 27) se refere ao conceito de corrupção como um comportamento impróprio vinculado a uma posição ou cargo oficial. Entretanto, a autora complementa que os termos "comportamento impróprio" e "posição oficial" são imprecisos e por conseguinte, geram debates. Uma razão para termos tantas interpretações do que possa vir a ser corrupção, segundo a autora, são as diferenças culturais.

A corrupção pode existir em qualquer país, qualquer época, em qualquer forma de governo, conforme Farrales (2005) e conclui que "as diferenças nas normas e expectativas em relação a comportamentos aceitáveis variam de um país para o outro. Em outras palavras, o que pode ser considerado corrupção em um país pode ser perfeitamente legítimo em outro" (FARRALES, 2005, p. 32). Não obstante, o autor acrescenta que a corrupção é um fenômeno atemporal.

Grosso modo, a definição de Holmes (2015, p. 27) dialoga com a de Farrales (2005, p. 32), pois ambos consideram o contexto cultural como primordial para identificarmos atos corruptos. Holmes (2015, p. 31) destaca que cultura pode ser definida como "o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos dominantes em uma determinada sociedade, que podem

estar relacionados à sua religião principal, ou à sua condição de país colonizado ou potência colonial. Em suma, a cultura é fortemente influenciada pela tradição e história”[8].

Parece ser impraticável chegar a uma definição única de corrupção que consiga dar conta dos casos possíveis e momentos distintos em que possa haver um ato corruto. Uma boa definição do que seja o fenômeno de corrupção é dada por Martins (2008, p. 12), que propõe que o termo corrupção equivale a “tudo que é desviado, errado e não é correto nem adequado aos costumes de um povo”, sendo um fenômeno que pode ocorrer tanto no âmbito político, empresarial e particular, dentro de nossas casas e interações cotidianas.

Um breve histórico sobre o conceito de corrupção

O tema da corrupção foi de interesse de filósofos gregos como Parmênides, Heráclito, Platão, Aristóteles[9]. Este último, por exemplo, no seu livro “Sobre a Geração e a Corrupção”, descreve a corrupção como uma questão biológica, algo que gera decomposição e a consequente degradação do corpo, culminando com a morte. Essa imagem biológica da corrupção se transporta para o mundo político e social a partir do momento que os filósofos passam a perceber as cidades como corpos naturais (ARISTÓTELES, 2009, p. 153). É importante ressaltar que, até então, o conceito de corrupção não tinha relação com a moral humana. Ainda segundo Martins (2008, p. 19), na Grécia antiga, “a moralidade privada e pública era concebida em decorrência das normas políticas, porque se entendia que o homem dependia da coletividade, do grupo social, da pólis (cidade)”. Dito de outra forma, havia uma relação entre moral e política, a qual não constituía campos separados.

Durante o Renascimento italiano, segundo Martins (2008), Maquiavel formulou uma teoria política que ainda empresta muitas de suas concepções a teorias nos dias de hoje, já que defende a autonomia da política com relação à ética ou à moralidade individual. Com esta separação, o conceito de corrupção permite duas possíveis maneiras de interpretação. Por um lado, o conceito pode ser atrelado a uma ótica moralista, marcando assim uma possível decadência das virtudes do indivíduo. Por outro lado, a corrupção pode ser interpretada como

---

8 Tradução minha para: “*Here, culture can be defined as the dominant beliefs, attitudes, and behaviour in a given society, which might relate to its principal religion, and whether or not the country was a colony or a colonial power. In short, culture is heavily influenced by tradition and history*.” HOLMES, 2015, p. 31. Nesta tese, todas as traduções dos excertos em inglês são de minha responsabilidade.

9 Na filosofia de Aristóteles, contrariamente ao conceito de “geração” ou criação, a corrupção designa a destruição ou degradação da substância. “A corrupção”, diz Aristóteles, “é uma mudança que vai de algo ao não-ser desse algo; é absoluta quando vai da substância ao não-ser da substância, específica quando vai para a especificação oposta”. Disponível em: https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/corrup%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 12 jan. 2021.

algo resultante de regras próprias do mundo político, isentando o indivíduo, insolitamente, de maiores correlações com a moralidade (MARTINS, 2008, p. 23). Contudo, ao contrário de Martins, que foca em seu livro a visão de corrupção do ponto de vista eminentemente político, ou seja, como corrupção sistêmica, pode-se formular uma hipótese que, se a corrupção moral de um indivíduo influencia a coletividade, como diziam os filósofos gregos, logo a qualidade moral e ética de um indivíduo passa a ser um termômetro ideal para se medir a corrupção.

Como já apontado no início desta introdução, há inúmeros trabalhos acadêmicos sobre o fenômeno da corrupção, os quais nos ajudam a operacionalizar o conceito. Na próxima seção, destaco alguns desses estudos, oriundos tanto de pesquisadores estrangeiros como brasileiros. Vale ressaltar que grande parte dessas pesquisas têm como foco questões econômicas e políticas, isto é, são focados na corrupção sistêmica, e alguns trabalhos têm vertentes históricas, filosóficas, sociológicas e antropológicas. Qualquer que seja o foco, ou das ciências sociais ou humanas, os trabalhos citados certamente contribuem para um entendimento do tópico em suas peculiaridades.

Estudos anteriores sobre corrupção

De acordo com De Graaf, Wagenaar e Hoenderboom (2010, p. 167), existem duas vertentes de pesquisas sobre o tema da corrupção: a dos pesquisadores universalistas e dos particularistas. Para o primeiro grupo, a corrupção é semelhante em todas as partes do mundo. Já para o segundo grupo, a corrupção pode diferir amplamente, de acordo com as diferentes culturas e grupos sociais. Além dessas duas vertentes, os autores acrescentam que existem duas tradições nos estudos sobre a corrupção. Uma tradição[10], segundo os autores (2010, p. 98), estuda a corrupção empiricamente, sob uma perspectiva positivista. A segunda corrente não manifesta interesse por uma verdade ou por uma única e correta definição sobre o que seria corrupção. Esse grupo pertence à chamada vertente pós-positivista, cultural ou antropológica, e manifesta um maior interesse em investigar as causas e os efeitos da corrupção e não necessariamente encontrar uma definição para o fenômeno. Nesse sentido, para a vertente pós-positivista, a linguagem exerce um papel muito importante já que é por meio da linguagem que o mundo é representado. De Graaf, Wagenaar e Hoenderboom (2010, p. 101) ressaltam que

10 À primeira tradição pertencem Huisman; Van de Walle (2010), Huberts (2010) e Rose-Ackerman, (2010). À segunda tradição, pertencem Huntington (1989), Johnston (1996), Anderson; Heywood (2009), Haller, Shore (2005).

> o acesso que temos a uma realidade fora da linguagem é altamente problemática. E quando se pensa em linguagem, se pensa também na cultura da qual esta língua faz parte. O significado e o efeito das palavras dependem do contexto em que são faladas ou escritas[11].

Em síntese, as definições de corrupção nos estudos pós-positivistas dão ênfase ao construtivismo social. "Corrupção" e ser "corrupto" implicam um determinado local e um determinado momento, ou, nas palavras de Anderson e Heywood (2009, p. 749),

> o ponto principal é que existem muitos tipos diferentes de corrupção, que variam de acordo com setor em que ocorrem (público ou privado; político ou administrativo), os atores envolvidos, por exemplo, funcionários públicos, empresários políticos e outros), o impacto que eles causam (se são localizadas ou extensas) e o grau em que são formalizadas (incorporadas e sistêmicas, ou ocasionais e esporádicas).[12]

O que existe no mundo é uma necessidade, independentemente dos seres humanos ou da linguagem, de dar sentido às coisas. O próprio mundo não dá sentido a objetos: isso é feito através da linguagem. Essa visão da linguagem implica a possibilidade de descrever o contexto da corrupção como uma construção discursiva. O significado é sempre contextual, contingente e histórico. Fato é que o significado e o efeito das palavras dependem do contexto em que são falados ou escritos. O termo corrupção, portanto, é sempre social e historicamente construído. Esse é o ponto adotado nesta tese.

O livro organizado por De Graaf, Wagenaar e Hoenderboom (2010) tem como ênfase sistematizar as perspectivas teóricas sobre a corrupção principalmente no universo da Europa Ocidental, e, em especial, sobre pesquisas envolvendo situações de corrupção nos Países Baixos. Mais recentemente ainda, Rotberg e colaboradores (2019) discorrem sobre a corrupção sistêmica, ou política, na América Latina. Contudo, é interessante observar, que, para os autores traçarem a genealogia das práticas corruptas na política, veem a necessidade de **buscar as raízes**[13] dessas práticas, de acordo com o contexto histórico e sociocultural de cada país estudado. Essas raízes são consideradas como práticas catalisadoras de uma corrupção maior.

---

11 Tradução minha para: "*The access we have to a reality outside language is highly problematic. Language does not simply report facts; it is not a simple medium for the transport of meaning. The meaning and effect of words depend on the context in which they are spoken or written.*"

12 Tradução minha para: "*The key point is that there are many different types of corruption, which vary according to the sector in which they occur (public or private; political or administrative), the actors involved (for instance, state officials, politicians, entrepreneurs and so forth), the impact they have (localised or extensive) and the degree to which they are formalised (embedded and systemic or occasional and sporadic)*". (ANDERSON; HEYWOOD, 2009, p. 749).

13 Nesta tese, algumas palavras ou expressões são grifadas com o objetivo de chamar a atenção do leitor para a importância que atribuo a elas.

Rotberg e colaboradores (2019) desenvolveram um estudo minucioso sobre as práticas corruptas no México, Venezuela, Bolívia, Peru, Colômbia, Chile, Costa Rica, Argentina, assim como no Brasil. Segundo Rotberg (2019, p. 2), quase todas as nações da América Latina abrigam contextos semelhantes de corrupção, inclusive contextos semelhantes de corrupções endêmicas, ou do dia a dia. Contudo, o autor ressalta que Chile, Uruguai, assim como a Costa Rica, têm desfrutado ao longo do tempo de instituições mais robustas, capazes de combater a corrupção. Rotberg chega a sugerir, equivocadamente, até mesmo que "Uruguai e Chile representam a Dinamarca da América Latina" (2019, p. 12) e, conclui que a corrupção na América Latina pode ser avaliada de acordo com uma gradação, citando, mais uma vez, o Chile como um dos países menos corruptos, esquecendo-se talvez de todo o período do governo Pinochet.

Um outro estudo publicado no exterior, que tem como foco a corrupção endêmica e em especial o jeitinho brasileiro é o de Amado e Brasil (1991). Os autores da área de Administração, mostram as características culturais da sociedade brasileira, e ao mesmo tempo, tentam articular essas características culturais à realidade humana das organizações. Segundo os autores, o jeitinho é o elemento-chave da cultura brasileira (p. 38) e é o jeitinho que azeita as relações dentro das empresas.

No caso de trabalhos brasileiros, estes alegam que a corrupção existe há longa data pelas bandas do hemisfério sul. Romeiro (2017) descreve como era a corrupção em nosso país, no período colonial, entre os séculos 16 e 18. A historiadora relata que o conceito de corrupção naquele período era muito mais abrangente que o atual, porque englobava uma série de condutas e comportamentos que hoje, certamente, não consideraríamos como sendo corruptos. Romeiro conclui que a corrupção se tornou um componente essencial ao funcionamento da administração colonial. A autora avalia que essa dinâmica foi fundamental para a preservação do sistema e flexibilização das relações políticas. A mesma historiadora afirma, categoricamente, que se o Brasil tivesse sido um império mais rígido, possivelmente não teria se sustentado por muito tempo. A sobrevivência desse império estaria ligada a essa configuração sociopolítica mais "fluida". Melhor dizendo, sem a corrupção, ou seja, sem as regras mais frouxas, o Império não teria se sustentado, segundo Romeiro.

Dentro das inúmeras manifestações de corrupção contexto-dependentes, há três, em especial, que inclusive já receberam rótulos específicos: **jeitinho brasileiro, malandragem** e a ideia do **homem cordial**. Assim, antes de falar sobre o fenômeno do jeitinho brasileiro, é preciso trazer à discussão, as obras socioantropológicas de Sérgio Buarque de Holanda (2004), Roberto DaMatta (2015) e Lívia Barbosa (1992), que desenvolveram estudos sobre

quem são os brasileiros enquanto povo. Para esta tese, atenho-me principalmente às reflexões sobre as ditas ilicitudes cometidas pelo brasileiro, em especial, as ideias sobre homem cordial, jeitinho brasileiro e sobre malandragem desses teóricos.

Na obra de Buarque de Holanda, o brasileiro é descrito como homem cordial, uma descrição que é interpretada erroneamente por muitos, porque, neste caso, não se trata da cordialidade no sentido de polidez. A palavra cordial remete ao latim *cordis*, que significa coração. Portanto, o homem cordial para Buarque de Holanda (2004, p. 17) é alguém que age com o coração, com sentimentos e não com a razão. Assim, para o autor, o homem cordial considera sua esfera privada, o círculo de amizades que tem, como algo que se estende para a esfera pública. Isso gera, segundo Buarque de Holanda um grave problema de entendimento das leis em prol de interesses próprios. Em outras palavras, o brasileiro, o homem cordial é avesso a entender as leis como algo que se aplica ao coletivo. O homem cordial põe de lado a ética no cumprimento dessas leis.

A importante obra de DaMatta atua como comentário de Buarque de Holanda (2015, p. 80). DaMatta complementa indiretamente a figura do homem cordial ao sintetizar a malandragem e o jeitinho como um modo de "navegação social". Segundo o autor, o dilema brasileiro reside numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional, feito de leis universais, cujo sujeito é o indivíduo e as situações em que cada qual se salva e se livra como pode, utilizando para isso, o seu sistema de relações pessoais. Haveria assim nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais que conduz ao polo tradicional do sistema). Entre os dois, balança o coração do brasileiro. E no meio dos dois, a malandragem, o jeitinho e o famoso e antipático "sabe com quem está falando?" seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro.

Assim como na definição do homem cordial de Buarque de Holanda, o jeitinho e a inventividade na malandragem colocam o coração do brasileiro na berlinda, já que a necessidade de satisfazer vontades e desejos próprios se sobrepõem às normas do bom senso e da coletividade, que tem como consequência, atos de corrupção nos diversos setores da sociedade. O malandro é, segundo DaMatta (2015, p. 67), "o profissional do jeitinho e da arte de sobreviver em situações mais difíceis".

Outrossim, quase no final da segunda década do século 21, parece que os efeitos das inúmeras manifestações de corrupção causam muitos danos, por causa das consequências advindas do jeitinho, as quais parecem perenes em nossa cultura, tema que abordo a seguir.

O jeitinho brasileiro e a arte de ser mais igual do que os outros

O título desta seção repete o subtítulo do livro da antropóloga social, Lívia Barbosa[14] (1992), no qual a autora disseca o caso do jeitinho brasileiro. Hoje, as expressões "país do jeitinho" ou "jeitinho brasileiro" funcionam como "fórmulas mágicas para definir o país e o povo brasileiro, sintetizando uma gama variada de fatos e situações" (1992, p. 1). Barbosa acrescenta que, até a publicação de seu livro, era surpreendente o pouco interesse com relação à questão cotidiana do jeitinho brasileiro (1992, p. 11).

É claro que o pouco interesse acadêmico não ocorre somente no âmbito das ciências sociais. Isso pode ser atestado por pesquisa bibliográfica feita sobre o tema, na qual pude achar muitos trabalhos sobre a corrupção sistêmica, principalmente no universo da política. Entretanto, os trabalhos com foco linguístico sobre o jeitinho brasileiro, são em número incipiente.

A partir de um levantamento para sua tese na década de 1980, Barbosa (1992) registrou a existência de apenas cinco estudos que tratavam do jeitinho no âmbito sociológico. O primeiro foi o de Guerreiro Ramos, apresentado no livro *Administração e estratégia de desenvolvimento*. Para Guerreiro Ramos, o jeitinho é uma categoria central da sociedade brasileira, uma característica em comum com outros países latino-americanos. O autor, entretanto, acreditava que o jeitinho desapareceria no futuro a partir do momento em que estes países praticantes do "jeitinho" começassem a se desenvolver econômica e socialmente. Neste caso, a industrialização teria um papel importante neste processo. Barbosa analisa que, para Guerreiro Ramos, o jeitinho funcionava como "um mecanismo de adaptação às situações perversas da sociedade brasileira", isto é, era uma questão de sobrevivência. Outra conclusão de Barbosa sobre este trabalho é a percepção do jeitinho como um "simples reflexo de um estágio de desenvolvimento econômico e social" (p. 11-13). Um outro texto sobre jeitinho é o ensaio "A técnica e o riso", de Roberto Campos, no qual o autor faz uma comparação entre as sociedades de origem anglo-saxã e as latinas. O autor então constata três diferenças fundamentais (p. 14-17),

14 Este livro é uma versão adaptada da tese de doutorado da autora, defendida em 1986, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Lívia Barbosa foi orientanda de Roberto Da Matta.

> a existência do namoro nas sociedades latinas, para o qual os anglo-saxões nem mesmo têm um termo linguístico; a existência da rua, não como um lugar de passagem apenas, mas também como lugar de sociabilidade, o que permite distinguir nos países latinos ruas e Ruas; e finalmente, a existência do jeitinho. Segundo Campos, o jeitinho não é uma instituição legal nem ilegal, é simplesmente paralegal. Suas raízes estão ligadas a três fatores principais. O primeiro é de origem histórica. […] O segundo fator que propiciaria o florescimento do jeito nos países latinos concerne à diferença de atitudes entre estes e os anglo-saxões no tocante às relações entre a lei e o fato social. A terceira causa estaria circunscrita à atitude religiosa.

O terceiro estudo encontrado por Barbosa é o de Oliveira Torres. Para Torres, o jeito é uma maneira de ser peculiarmente brasileiro, fruto de condições históricas. Assim, o jeitinho é visto como uma filosofia de vida. O autor identifica dois tipos – o prático e o teórico. O jeito prático é definido como viver uma situação de maneira criativa, improvisada, muitas vezes apelando para a esperteza do brasileiro. O jeito teórico, segundo Barbosa, apesar de ser mencionado no texto de Oliveira Torres, o autor não o define propriamente.

Barbosa dá destaque ao estudo de Keith Rosen, por ter sido o mais minucioso, segundo a autora. Professor de Direito da Universidade de Ohio, Rosen escreveu: "*The jeito – Brazil´s Institutional Bypass of the Formal Legal System and its Development Implications"*, no qual detalha cinco tipos de jeito, além de suas causas, a partir da história do Brasil colonial. Para Rosen, uma grande dificuldade em se estudar o jeito é sua multiplicidade de formas e as consequências para a sociedade[15]. O autor também reconhece que embora tão presente na sociedade, até então havia tido pouco interesse de pesquisa nas Ciências Sociais e a causa disso, segundo Rosen (1992, p. 22), pode ser por conta da

> [d]ificuldade no âmbito das relações pessoais, pois sendo essa instituição tão intimamente ligada à corrupção, talvez seja mais político fazer de conta que as regras correspondem ao que é feito do que correr o risco de embaraçar os amigos ao apontar todas essas disparidades.

Vale ressaltar que uma tradução para o inglês dos termos "jeitinho" ou "jeitinho brasileiro" parece ser algo complexo de se obter, já que a expressão "*little way"* (jeitinho) não

15 É interessante perceber que todos os tipos de *jeito* são relacionados a funcionários públicos: 1. Quando um funcionário público se desvia de sua obrigação por causa de ganhos pecuniários ou de status (como amigos, família); 2. Quando cidadãos empregam subterfúgios ou contornam obrigações legais que são justas e sensíveis sob o ponto de vista objetivo; 3. Quando a velocidade com que um funcionário público desempenha suas obrigações legais depende de ganhos pecuniários ou de status; 4. Quando cidadãos empregam subterfúgios para contornar obrigações legais que são irreais, injustas ou inúteis; e 5. Quando um funcionário público se desvia de suas obrigações legais por causa de suas convicções de que as normas são irreais, injustas ou inócuas. Para Rozen, os três primeiros poderiam ser classificados como corrupção e os dois últimos como jeitinho.

encontra a mesma correspondência em português para aquilo que é ilícito ou ilegal e *by-pass* (desvio) não quer dizer necessariamente dar um jeitinho.

Por fim, a tese central do artigo de Clovis de Abreu e colaboradores é que o jeitinho é um recurso de poder. Destes cinco trabalhos estudados por Barbosa, este é o único que se baseia em uma pesquisa empírica e que abandona as causas históricas do jeito como tema central. Barbosa conclui (1992, p. 27) que

> [e]mbora ricos e sugestivos, esses estudos passam ao largo de certas questões fundamentais. Entre elas está a importante transformação sofrida, em tempos recentes, pela categoria jeitinho: de drama social do cotidiano a elemento de identidade social.

Como se vê, o trabalho mais recente sobre jeitinho abordado por Barbosa é da década de 1980. O livro resultante de sua tese data de 1992, ou seja, tem quase 30 anos. Uma pesquisa bibliográfica sobre estudos mais recentes acerca do jeitinho brasileiro mostra duas monografias no âmbito da Administração Pública, uma dissertação na mesma área, além de alguns artigos na área de Direito e Administração[16], todos relacionados a aspectos culturais do jeitinho dentro de cada uma dessas disciplinas. Uma dissertação sobre o jeitinho foi a de Muniz (2009), que teve a literatura ficcional brasileira contemporânea como foco principal. Por outro lado, existem muitas pesquisas sobre a corrupção sistêmica. Ainda assim, esses estudos parecem esparsos, quando foco são estudos linguísticos associados à metáfora em corpora de comentários em português contemporâneo. Logo, percebe-se que há muito a ser explorado sobre a corrupção/jeitinho em interface com a LC e LdC.

A pesquisa socioantropológica de Barbosa, de natureza empírica, envolveu 200 pessoas em diferentes cidades brasileiras, no período de 1984 e 1986. Como instrumentos de pesquisa, a autora utilizou questionários e entrevistas com diferentes segmentos e faixas etárias da população, de estudantes até pessoas com mais de 70 anos. A autora também fez uso de material proveniente de jornais, rádio, televisão, música, literatura, que serviram de bússola para orientá-la na pesquisa. A partir das respostas dos participantes, a autora identificou características fundamentais a respeito do jeitinho: a primeira é seu *caráter universal***,** já que o uso da expressão é, segundo Barbosa, facilmente entendido, exceto em pouquíssimos casos. Entretanto, ao utilizar um sinônimo, como quebra-galho, jeitinho, jogo de cintura, a expressão é logo compreendida pela pessoa.

---

16 A monografia de Batista (2012) foi sobre o *jeito*: O Fenômeno do Jeitinho: Como um traço da cultura brasileira compõe a cultura de uma organização do setor público federal. O trabalho de Rocha (2019), também da área de Administração, teve como tema: A compreensão das práticas sociais no Brasil a partir da percepção: o caso “jeitinho” e a corrupção no Brasil.

Quanto à definição, Barbosa (1992, p. 32) propõe que

> para todos, grosso modo, o *jeitinho* é sempre uma forma especial de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma de burla a alguma regra ou norma preestabelecida, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade. **Portanto, para que uma determinada situação seja considerada jeito necessita-se de um acontecimento imprevisto e adverso aos objetivos do indivíduo.**

Não obstante, Barbosa endossa que uma definição para o jeitinho brasileiro não pode se limitar apenas à categoria universal - existem outras no contexto social brasileiro que oscilam entre o favor e a corrupção. Assim, torna-se difícil delimitarmos essas três categorias,. Talvez por essa razão, definir o jeitinho seja tão ambíguo e complexo de delimitar. Dito isso, uma forma melhor de entender e distinguir essas categorias é pensá-las com um *continuum* que se entende de um polo, caracterizado como positivo pela sociedade e na qual estaria a categoria *favor* (considerado honesto), até um outro, visto como negativo, onde se encontraria a *corrupção* (avaliada negativamente). No meio, estaria o *jeitinho*, que pode ser visto tanto de uma perspectiva negativa quanto positiva, a depender da situação. O que caracteriza a passagem de uma categoria para outra é mais o *contexto* em que a situação ocorre e o *tipo de relação existente entre as pessoas* envolvidas do que natureza peculiar a cada uma[17].

Vejamos essas três categorias representadas graficamente, a seguir:

Figura 1 – *Continuum* para caracterização de jeitinho

Fonte: BARBOSA, 1992, p. 33.

17 No âmbito das Letras, Moisés (2014) a pesquisa intitulada: Do jeitinho brasileiro ao *Brazilian Little Way*: uma leitura semiótica. Nos textos analisados, a autora propôs uma gradação maior do que aquela sugerida por Barbosa (2006), entre o favor e a corrupção, em que o *continnum* do jeitinho brasileiro oscila em uma escala desde a solidariedade, sobrevivência, improvisação, malandragem, entre outros, até flexibilidade moral.

Como exemplo, transcrevo um trecho extraído do site Politize[18] que mostra o quão tênue é esta linha, já que pode oscilar entre a criatividade e a corrupção:

> Imagine a seguinte situação: você está na fila do banco. Muitas pessoas esperam para serem atendidas e há um número pequeno de funcionários para atender a todos. As horas não passam, o recinto está abafado e as crianças à sua frente choram, angustiadas com a demora daquele ambiente desinteressante. De repente, você vê um homem andando rapidamente em direção ao caixa. Lá na frente você percebe o homem tentando ser atendido, mas a funcionária faz sinal negativo. Ele diz que seu caso é uma emergência e que o que ele precisa é "rapidinho".
> A funcionária continua negando, porém ele é persistente. Nesse momento, o tumulto na fila começa e alguém lá no fundo grita "a fila começa aqui!", mas o homem não hesita e, de tanto insistir, aparece o gerente. Este o chama num canto e pega o papel que o homem tem em mãos. Pronto, o homem conseguiu o que tanto queria, mesmo com a longa fila e a demorada espera. Esse é o clássico jeitinho brasileiro.

Vale ressaltar que a corrupção sistêmica não parece fazer parte deste continuum. Mas este é sem dúvida um exemplo de corrupção endêmica e poderia ter acontecido em qualquer outra fila. Talvez a banalidade do jeitinho corrobore para situações de corrupção mais complexas.

Almeida (2018, p. 48), em seu livro "A Cabeça do Brasileiro" desenvolveu uma espécie de radiografia do brasileiro por meio de uma pesquisa quantitativa na qual investigou as percepções dos brasileiros a respeito de diferentes aspectos da sociedade, entre os quais, sobre a ética e o jeitinho brasileiros, um dos poucos estudos com foco na corrupção endêmica no Brasil. Uma das conclusões para dificuldade de combater a corrupção está no *grau de tolerância do "jeitinho"*, o qual está longe de ser um mal apenas de políticos e governantes. Almeida fez três perguntas aos entrevistados: primeiro, se alguma vez na vida já haviam pedido para alguém dar um jeitinho a seu favor; segundo, se alguma vez na vida já haviam pedido para alguém dar um jeitinho para alguém e por último se alguma vez na vida já haviam dado um jeitinho. O resultado nada surpreendente, porém impactante, mostrou que dois terços de toda população brasileira já se utilizaram desse tipo de recurso. O autor veementemente sugere que o jeitinho brasileiro pode ser uma antessala da corrupção.

Nos estudos feitos pela Transparência Internacional em 2013, em um relatório anual intitulado "*Global Corruption Barometer*[19]", uma parcela significativa da população mundial disse não tomar a iniciativa e relatar um esquema de corrupção quando se depara com um.

---

18 Disponível em: https://www.politize.com.br/jeitinho-brasileiro/?https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQiA962BBhCzARIsAIpWEL1oJtkkqmDMqV88AU0xtC2SLoKYxt0x3w0fJENDcrP0qV3mEwH8o7caAtDkEALw_wcB. Acesso em 16 fev. 2021.
19 Disponível em: https://images.transparencycdn.org/images/2013_GlobalCorruptionBarometer_EN_200525_112757.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

Entre essa parcela, a razão predominante para não denunciarem (45%) foi: "não faria diferença alguma[20]". E, mais uma vez, temos a comprovação de uma descrença por parte da população. A inércia ocorre por não nos acharmos capazes de mudarmos a situação, sendo que se cem por cento da população mundial aceitasse relatar escândalos, o cenário seria diferente. Perceber as pequenas corrupções "do dia a dia" e mudar essa postura de conformidade é o primeiro passo para a mudança que tanto queremos ver no país. Entretanto, conforme Abramo, ex-integrante da ONG Transparência Brasil, analisar a corrupção não é tarefa fácil, devido à carência de levantamentos empíricos sobre o tema (2005, p. 34-35), algo que vai ao encontro do objetivo deste trabalho, pelo menos parcialmente, já que esperamos contribuir de maneira mais precisa e qualitativa a respeito de como os sujeitos respondentes percebem a corrupção do dia a dia, sob a ótica discursivo-cognitiva, marcada por evidências linguísticas extraídas do corpus compilado para esta tese.

Em entrevista para BBC Brasil, o jurista e professor emérito da Universidade de Direito da USP, Dallari[21] afirma categoricamente que é a partir das pequenas corrupções e dos pequenos subornos do cotidiano que decorrem as grandes corrupções, como na política, por exemplo. Da mesma maneira, Sandel[22], em outra entrevista à revista Exame, sugere que quando "a corrupção se faz presente em todas as esferas do governo e nas empresas, é comum que a corrupção esteja presente na vida cotidiana de muitas pessoas". Dessa forma, parece que estamos diante do que Sandel identifica como uma "falência moral", porque existe uma "incapacidade generalizada de reconhecer e respeitar o direito das outras pessoas com quem dividimos um país". Pode não haver solução para o fim da corrupção, mas, de fato, ela pode ser combatida.

"O Brasil tolera a corrupção por causa de sua tradição jurídica romano-germânica e por seu forte compromisso com a individualidade" – é o que afirmam Nishijima, Sati e Cati (2019, p. 29). As características culturais brasileiras que contribuem para atos corruptos são um dos focos do artigo destes autores. Eles argumentam que os traços culturais brasileiros também são elementos importantes que nos ajudam a entender as instituições do país e como elas funcionam. Então, de certa forma, as corrupções do dia a dia são uma espécie de "mola propulsora do mal" para as grandes corrupções públicas.

---

20 Tradução minha de "*It wouldn't make any difference*". Disponível acima, p. 23.

21 GIANOTTI, J. A.; DALLARI, D. Duas visões: o Brasil é hoje um país mais corrupto? *BBC*, 30 nov. 2011. Entrevista concedida a R. Spuldar. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/notícias/2011/12/111130_corrupcao_brasil_entrevistas_rp. Acesso em: 31 jan. 2019.

22 SANDEL, M. Combate à corrupção requer mudança cultural, diz filósofo. *Exame*. 26 fev. 2015. Entrevista concedida a E. Salgado. Disponível em: https://exame.com/revista-exame/combate-a-corrupcao-requer-mudanca-cultural-diz-filosofo/. Acesso em: 31 jan. 2019.

Fato é que o tema “corrupção” sempre suscitou diferentes questionamentos, invariavelmente alinhados a um denominador comum: sua conotação negativa. Como vimos anteriormente nesta introdução, a própria palavra “corrupção” sofreu mudanças etimológicas ao longo dos séculos. De um sentido mais corpóreo e biológico na civilização greco-romana a uma questão mais atrelada ao universo da política nos dias de hoje. Vimos, porém, que a corrupção transcende a política e diante da complexidade e amplitude do tema, a corrupção se encontra enraizada e institucionalizada em todos os países e povos, sempre existiu e sempre existirá.

Nesta tese, o conceito de corrupção está em consonância com Martins (2008), De Graaf, Wagenaar e Hoenderboom (2010), Andrig e Fjeldstad (2001), Farrales (2005), Holmes (2015) e Almeida (2018). Ou seja, corrupção

1. Trata-se de uma **ruptura, um desvio**, pois aquele que corrompe não está interessado no bem comum;
2. É **onipresente**, pois existe tanto no universo público e privado;
3. É conceito **multifacetado** pois apresenta diferentes formas e encontra-se inserida em contextos sócio-históricos específicos;
4. É conceito cultural, pois a **cultura**, como diz Holmes (2015), é uma variável preponderante para encontrarmos uma definição.

Talvez por todas as razões acima, o conceito de corrupção seja algo fluido, sem limites demarcados, que existe em um contínuo, em uma espécie de “zona cinzenta moral”, como metaforizada por Almeida (2018). “Jeitinho” pode ser entendido por “[u]m modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal” (DAMATTA, 2015, 65).

Problemas de pesquisa, perguntas e objetivos

Como pôde ser contrastado através do panorama histórico dos estudos sobre corrupção feito nas seções acima, transparecem dois problemas: a lacuna nos estudos sobre corrupção endêmica na área da Linguística e os poucos estudos que unem a Linguística Cognitiva (LC) e os estudos formados pelo corpus, para iluminar representações mentais daquilo que foi definido como uma prática social do brasileiro.

Dessa forma, o estudo que aqui apresento visa preencher esse vácuo. Mas entendo que o conceito corrupção endêmica é fugidio e difícil de definir. Portanto, nada mais relevante do que realizar um estudo **empírico**, no qual são compiladas e analisadas as verbalizações de falantes de português brasileiro contemporâneo, neste início de século, realizadas em rede

social. Dessa forma, a tese une dois pontos importantes: estuda a conceituação/representação da corrupção endêmica e mais especificamente do jeitinho brasileiro no contexto de mídias e interações digitais, e faz a análise do tema por meio do levantamento de *frames* e de metáforas constantes dessas interações. Para suprir a lacuna, a tese pretende responder às seguintes perguntas:

1. É possível mapear a percepção do brasileiro de uma característica da corrupção endêmica através do uso que faz de padrões metafóricos?
2. Quando mencionada a expressão jeitinho brasileiro em corpora de natureza distintos, quais *frames* são ativados?
3. Esses *frames* se repetem, ou seja, formam padrões?
4. Quando mencionada a expressão jeitinho brasileiro em corpora distintos, quais metaforizações são recrutadas?
5. Essas metaforizações também formam padrões, ou seja, se repetem no corpus?
6. O que os possíveis padrões metafóricos revelam sobre as percepções da natureza do brasileiro e de si próprio?

Objetivo geral e objetivos específicos

Alicerçando a tese, tenho como objetivo geral investigar as metaforizações da corrupção endêmica no contexto brasileiro, em especial, do jeitinho brasileiro em um corpus de estudo formado por comentários sobre temáticas apresentadas em vídeos postados em rede social.

Para alcançar o objetivo geral e responder às perguntas de pesquisa, pretendo focar nos seguintes objetivos específicos:

- Identificar as frequências, formas e funções do uso da expressão “jeitinho brasileiro”;
- Analisar o modo pelo qual as diferentes conceptualizações do fenômeno “jeitinho brasileiro” e o seu léxico são usados;
- Identificar se a expressão evoca *frames* e se há metáforas em seu entorno;
- Comparar *frames* e metáforas, verificando se há pontos congruentes nos corpora de estudo e corpora exploratórios;
- Avaliar se os achados são indicativos de como os sujeitos desta pesquisa se percebem e percebem a prática do jeitinho.

- Atualizar, se possível, a pesquisa de Barbosa (1992). A partir dos mapeamentos semânticos dos corpora, do levantamento das metáforas sistemáticas, de natureza cognitivo-discursiva, aliando cognição com a metáfora em uso.

Organização da tese

A tese mapeia possíveis metaforizações do tema da corrupção endêmica no português brasileiro contemporâneo. Mais que isso, nesse mapeamento, esta tese faz um levantamento de **padrões de metaforização**, partindo de corpora especialmente selecionados para a pesquisa. Para tal, a tese é dividida em seis partes:

Na Introdução, apresento as justificativas para a escolha do tema, enfatizando as lacunas dos estudos sobre o tópico;

A fundamentação teórica é desenvolvida no capítulo 1, no qual discuto a literatura relacionada aos estudos sobre metáfora, começando pelo paradigma aristotélico (Visão Tradicional), até a perspectiva cognitivo-discursiva, na qual esta tese se situa;

O capítulo 2 é sobre a interface entre Metáfora e Linguística de Corpus. Nesse capítulo faz-se uma reflexão sobre os princípios que norteiam esta pesquisa, a partir das abordagens de Deignan (1997, 2005, 2015) e Vereza (2010, 2013a, 2013b), que têm como prioridade a busca por um corpus de pesquisa produtivo e autêntico como ponto de partida para estudos de corpora maiores;

O capítulo 3, de Metodologia, detalha a compilação dos corpora desta tese, a análise auxiliada/informada por computador no estudo da metáfora e os princípios usados para extrair e analisar as metáforas;

O capítulo 4 detalha as análises de cada um dos corpora, bem como compara os dados e levanta pontos congruentes;

As considerações finais respondem às perguntas de pesquisa e discutem a adequação dos instrumentos teórico-metodológicos e a possível atualização da pesquisa de Barbosa. Por fim, os possíveis encaminhamentos futuros da pesquisa são delineados.

1 **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

> A metáfora é um recurso tão humano que talvez seja a última coisa que os robôs do futuro entendam. Provavelmente eles responderão "não tem registro, não tem registro", como aquele robô de "perdidos no espaço", quando ouvirem uma metáfora
>
> *Berber Sardinha*

Por ser um recurso tão inerente linguagem humana, a metáfora pode apresentar-se de maneira inovadora e criativa. Nem sempre, porém, percebe-se quando se usam metáforas porque muitas delas já se encontram cristalizadas em nossa vida cotidiana, tanto na linguagem quanto em nossos pensamentos e ações. Esta tese estuda metáforas da corrupção endêmica e as possíveis maneiras de verbalizá-las e por isso este capítulo teórico se concentra em estudos relevantes sobre a metáfora para o tópico em tela.

O capítulo começa com uma perspectiva histórica, apresentando a visão tradicional, na qual a metáfora é vista como um ornamento (ARISTÓTELES, 2008). Em seguida, elenco os estudos que marcaram uma certa ruptura com relação ao paradigma aristotélico, a começar pela Visão Interacional de Metáfora (RICHARDS, 1936; BLACK, 1962; 1993). Em um terceiro momento, o enfoque recai sobre a chamada "virada cognitiva" propriamente dita (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 2002). Nesta perspectiva analítica, o pensamento passa a ter o foco central das pesquisas. Apresento em seguida a fase chamada de "cognitivo-discursiva", dividida em duas fases (Cf. VEREZA, 2010; 2013a, 2013b). Esta última fase começou no final da década de 1990 e perdura até os dias de hoje. Uma pesquisa que marca esse momento é a de Deignan (1997, 2005), na qual a autora examinou a linguagem metafórica de dados não literários, de forma sistemática, com o auxílio do computador, e usando os princípios da linguística de corpus (LdC). Deignan, que fornece o aporte teórico para a tese, resgata o papel fundamental da língua em uso na compreensão da metáfora, além de conectar o aspecto conceptual ao linguístico. O último item da linha do tempo a ser descrito é a Visão Comunicativa de Metáfora, protagonizada por Steen (2006), que envolve uma abordagem tridimensional da metáfora, entre linguagem, pensamento e comunicação.

Vale ressaltar que esta apresentação dos principais movimentos de estudos da metáfora representa tão somente um recorte do desenvolvimento dos estudos sobre esse fenômeno ao longo da história. Note-se que muitos dos conceitos presentes nessa linha do tempo não são usados como ferramental analítico, mas sim como uma panorâmica do estado da arte no estudo da metáfora. Contudo, é na perspectiva cognitivo-discursiva em que este trabalho está inserido, já que parto do pressuposto de que as metáforas estão sustentadas por três pilares: o da cognição (pensamento), o do discurso (língua em uso) e o da sociedade (cultura).

Assim, sob o viés cognitivo-discursivo, busquei autores que adotam essa perspectiva, a começar por Deignan (1997, 2005, 2015, 2017), Vereza (2010, 2013a e 2013b, 2016), Semino (2008, 2017), Cameron (2003, 2010), Cameron e Deignan (2006), Cameron e Maslen (2010). Investigo a língua em uso em corpora especialmente compilado para esta tese. A partir desses corpora, faço levantamentos de *frames* (SEMINO; DEMJÉN; DEMMEN, 2018), e de metáforas linguísticas sobre o tópico da corrupção endêmica.

1.1 **A metáfora sob uma perspectiva histórica**

1.1.1 Visão tradicional da metáfora

Etimologicamente o termo metáfora deriva da palavra grega *metaphorein*, através da junção de dois elementos que a compõem – meta, que significa “sobre” e *pherein*, que é sinônimo de transporte, mudança. Na Grécia antiga, os estudos predominantes sobre metáfora advinham de Aristóteles. Nos escritos aristotélicos, que datam do século IV antes de Cristo, a metáfora é definida como a transferência de uma palavra, a qual pode ocorrer de quatro maneiras: (1) do nome de uma coisa para outra, (2) do gênero para a espécie, (3) da espécie para o gênero e (4), de uma espécie para uma outra, por meio de **analogia** (ARISTÓTELES, 2008, p. 83). Este último tipo de metáfora, por analogia, é o que mais se aproxima da definição contemporânea, já que envolve a noção de transporte entre um domínio semântico (A) e outro (B), um conceito ainda defendido pelos pesquisadores na atualidade (Cf. SARDINHA, 2007a). Dito *de outra* forma, na visão aristotélica de metáfora, um termo ou nome pode ser substituído por outro.

Na visão tradicional, a metáfora é considerada um ornamento linguístico, fruto da imaginação de poetas – uma figura de linguagem apoiada em uma realidade objetiva das coisas e do mundo, sem guardar qualquer relação com os fenômenos humanos cognitivos. Trata-se, portanto, de um fenômeno da linguagem, não necessariamente relacionado com a comunicação das pessoas no dia a dia (KÖVECSES, 2002, p. viii). Um outro aspecto a destacar é que nesta visão, a metáfora encontra-se vinculada à Retórica, ou seja, à arte de persuasão e à Poética. Tal perspectiva perdurou por séculos, quando então os estudos sobre a metáfora passaram por uma transição, com os estudos de Richards, na década de 1930, e de Black, na década de 1960, os quais são detalhados em 1.1.2. Esses teóricos mudam a definição de metáfora a partir da função desempenhada pela metáfora na língua.

1.1.2 Visão interacional da metáfora

Outras teorias emergiram a partir da visão clássica, na cronologia de estudos sobre o tema. A perspectiva tradicional de ver a metáfora como uma figura ornamental da linguagem é posta em prova. Como resultado, duas outras teorias são desenvolvidas: "a teoria da comparação" (RICHARDS, 1936) e a abordagem interativa (BLACK, 1962; 1993).

Richards (1936) vinculou sua teoria da metáfora à Retórica. Nas palavras de Fossile (2011, p. 5), "Richards defendeu que a Retórica seria a teoria do discurso, do pensamento como discurso". Dessa forma, Richards estabelece que o sentido de uma frase não deriva do sentido das palavras, mas envolve a semântica da frase como um todo. A partir desta visão, surge a *Teoria da Interação* de Richards. Sob esta ótica, "a metáfora conserva dois pensamentos diferentes, ao mesmo tempo, resultando, desse modo, em uma significação da interação desses dois pensamentos. A metáfora nasce do uso, que é regido pelo pensamento" (MOURA, 2008, p. 182). Deste modo, para que uma metáfora seja compreendida a fim de construir sentidos, é necessário fazer uma ligação entre duas ideias. Portanto, uma outra contribuição da teoria de Richards é, conforme Sardinha (2007, p. 29), a introdução do **caráter binário da metáfora**, estabelecendo conceitos até hoje relevantes: **Tópico** (*Topic*), **Teor** (*Tenor*), **Veículo** (*Vehicl*e), **Base** (*Ground*) e **Tensão** (*Tension*). Tópico seria a porção não metafórica de uma expressão metafórica. Em "Jeitinho brasileiro é um câncer", o tópico é "Jeitinho brasileiro". Em contrapartida, Veículo seria a porção metafórica de uma expressão. No exemplo citado, o Veículo é "câncer". Base é a relação entre Tópico e Veículo. Neste caso,

o Veículo “câncer” indica que nos referimos ao Tópico “Jeitinho brasileiro” como uma doença séria e letal. Tensão refere-se à incompatibilidade entre o Tópico e o Veículo, quando interpretados literalmente. Jeitinho brasileiro é uma característica de um povo e o câncer é uma doença. Dizer que um é similar ao outro gera tensão entre os sentidos estabelecidos, tensão essa que só pode ser resolvida por meio de uma interpretação metafórica. O efeito cognitivo da metáfora “Jeitinho brasileiro é um câncer” é ressaltado pelos aspectos de doença e sofrimento. Por outro lado, se são salientados os aspectos de doença possivelmente incurável, outros aspectos são apagados, como a possibilidade de cura diante do tratamento certo.

Pode-se dizer que o estudo de Richards deu um certo impulso para o desenvolvimento de pesquisas sobre metáfora porque estabeleceu aspectos ainda hoje valorizados, especialmente com relação à sua origem. A metáfora é, portanto, na visão de Richards, um “instrumento do pensamento”. Como destaca Fossile (2011, p. 6):

> a meu ver, um dos fatos mais notáveis do estudo desenvolvido por Richards foi a percepção de que a metáfora não era apenas a troca ou substituição ou deslocamento de palavras, mas a interação de pensamentos. E, parece-me, que esse fato contribuiu para conduzir a investigação de Richards à percepção de que a metáfora era composta por conceitos e não apenas por palavras.

A ideia da interação de pensamentos, aliada à percepção da metáfora como sendo composta por conceitos, sintetiza a relevância da *Teoria da Interação*, no sentido de propagar o surgimento de uma outra visão de metáfora, mais direcionada à cognição, isto é, ao pensamento. A partir dessa dicotomia entre linguagem e pensamento, germinaram as pesquisas em metáfora cognitiva. Essas propunham uma divisão entre dois planos, o conceptual, relacionado a conceitos e o plano da expressão, relacionado às palavras que são usadas para exprimirem esses conceitos (MOURA, 2008, p. 182).

A ideia da metáfora como um processo cognitivo, cujas ideias seminais se expandem em 1980, com Lakoff e Johnson, começa a ganhar força com a Teoria da *Interação Semântica* de Black (1962), que constata que a metáfora pode receber um número de diferentes e conflitantes leituras, pois pode possuir sentidos distintos para diferentes pessoas. A partir daí, Black ressalta a existência de uma inescapável indeterminação na interpretação da metáfora, uma vez que “necessariamente, temos de ler por detrás das palavras, não podemos estabelecer limites para interpretações; a ambiguidade é um subproduto necessário da subjetividade da

metáfora[23]" (BLACK, 1993, p.29). Sob essa ótica da Teoria da Interação Semântica, as metáforas formam interações entre dois "sistemas", com base em analogias de estruturas parcialmente criadas e parcialmente descobertas. Um sistema é primário e o outro é secundário. Essa dualidade é marcada pelo contraste entre o **léxico**, que está sendo usado metaforicamente (***focus***), e o restante da frase, que é usado literalmente (***frame***). O autor exemplifica essa situação com a frase "A mulher é uma rosa". "Rosa" é a temática primária e o restante da frase, "A mulher é uma", a temática secundária. Em nosso corpus, essa relação poderia ser representada pela mesma frase "Jeitinho brasileiro é um câncer", na qual "jeitinho brasileiro" é a temática primária e "é um câncer" é a temática secundária. Câncer é o *focus*, já que está sendo usado metaforicamente, enquanto a corrupção é o *frame*, usado literalmente. A metáfora ganha existência na inter-relação entre o *focus* e o *frame*. Essa inter-relação funciona como uma espécie de projeção sobre o tema primário em questão. No caso do atributo direcionado à mulher, poderíamos certamente evocar adjetivos relacionados a uma rosa, com uma prosódia semântica positiva: cheirosa, perfumada, bonita, delicada. Por outro lado, poderíamos evocar também outros atributos, com prosódia semântica nem sempre positiva, como murcha, grande, pequena, caída. Daí ser tão importante a constatação de Black sobre a indeterminação da metáfora. O autor nos impõe a seguinte questão: "Por que tentar ver A como metaforicamente B, quando A não é literalmente B. Bem, fazemos porque podemos, porque criamos limites conceituais que não são rígidos, mas são elásticos[24]" (BLACK, 1993, p. 33). Black também ressalta a importância da **criatividade** inerente às metáforas, já que, segundo o autor, uma determinada metáfora pode gerar diferentes *insights* a partir do conhecimento depreendido e/ou a partir das relações entre os temas primário e secundário, discutidos anteriormente nesta seção. Dessa forma, o autor argumenta que as metáforas podem gerar percepções de "como as coisas são", na realidade (FOSSILE, 2011, p. 10).

Essa capacidade de criar associações indica uma função cognitiva na realização metafórica e representa o início de um novo olhar, no qual o alvo de pesquisa passa a se direcionar para a metáfora como sendo central para a cognição, a partir da década de 1980, a qual damos destaque a seguir.

---

23 Minha tradução para: "*Since we must necessarily read 'behind the words', we cannot set firm bounds to the admissible interpretations: ambiguity is a necessary by-product of the metaphor´s suggestiveness.*" (BLACK, 1993, p. 29).

24 Minha tradução do original: "*Why try to see A as metaphorically B, when it literally is not B? Well, because we can do so, conceptual boundaries not being rigid, but elastic and permeable*".

1.2 **Linguística Cognitiva e a visão cognitiva da metáfora**[25]

A partir dos estudos de Richards e Black supracitados, a relação entre a produção da metáfora e a forma como pensamos, agimos e percebemos o mundo tornou-se uma peça fundamental para o que resultou na Teoria da Metáfora Conceptual, doravante, TMC, a partir da década de 1980. Assim, o paradigma aristotélico dá lugar ao paradigma cognitivista da metáfora.

O vasto campo da Linguística Cognitiva (LC) foi metaforizado como um "arquipélago" formado por 12 ilhas: Gramática Cognitiva, Interpretação Gramatical, Rede Radial, Teoria dos Protótipos, Rede Esquemática, Metáfora Conceptual, Esquemas Imagéticos, Metonímia, Espaços Mentais, Semântica de *Frames***,** Gramática de Construção, Linguística baseada no uso (Cf. GEERAERTS, 2006, p.2). Quando o livro de Geeraerts foi escrito há mais de uma década, o autor referia-se à metáfora como a mais famosa das "ilhas". Desde então, muitos pesquisadores continuam a se dedicar ao tema. Vale ressaltar que essa nova visão de metáfora contribuiu para a fundamentação e expansão da LC como uma área de pesquisa ampla e **transdisciplinar**, cujo objetivo principal, segundo Evans e Green (2006, p. vi) é investigar a relação entre a língua, a mente e a experiência social e corpórea da palavra. Em linhas gerais, e como afirma Moreira (2014, p.2),

> [a] LC apresenta diversidade teórica e metodológica. Assume que a linguagem é parte integrante da cognição, fundamentando-se em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais. O modelo é baseado no uso e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural, a fim de melhor compreender como é que a linguagem contribui para o conhecimento do mundo. Para a LC, toda a linguagem é acerca do significado e o significado é perspectivista**,** quer dizer, ***não*** reflete objetivamente o mundo, mas considera as muitas perspectivas diferentes; **enciclopédico**, isto é, está intimamente associado ao conhecimento do mundo**;** flexível e baseado na experiência e no uso, i.e., na nossa experiência individual corpórea ou biológica e na nossa experiência coletiva, social e cultural e, sempre, na experiência do uso atual da língua.

Geeraerts complementa que "o significado que construímos na e pela linguagem não é um módulo separado e independente da mente, mas reflete nossas experiências como seres

25 Vale ressaltar que estudos de metáfora podem ser desenvolvidos não somente a partir da Linguística Cognitiva, mas também podem ser estudados sob a ótica da Linguística Aplicada (LA). Steen (2006, p. 21), por exemplo, afirma explicitamente que estudou a metáfora, empiricamente, a partir da LA, mas também relacionou a língua com o pensamento. Maslen (2017, p. 91) é outro autor que afirma de forma explicita que a análise de metáfora sistemática é uma técnica de linguística aplicada.

humanos”[26] (2006, p. 5). Nesta tese, além da metáfora, outra teoria que fundamenta este estudo também perpassa outra “ilha” muito importante para entendermos possíveis metaforizações: o conceito de *frames*, que será discutido em 1.8. Na próxima seção, em 1.3, apresento os pontos principais da TMC, oriunda da pesquisa seminal de Lakoff e Johnson (1980, 1999), a qual abriu caminhos para outros estudos e perspectivas sobre a metáfora.

1.3 **Teoria da Metáfora Conceptual (TMC)**

> Se estivermos certos ao sugerir que nosso sistema conceptual é amplamente metafórico, então a maneira como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias é muito mais uma questão de metáfora[27].
>
> *Lakoff e Johnson*

Entre os representantes principais da LC no estudo da metáfora, nesse primeiro momento, destacam-se George Lakoff e Mark Johnson e sua obra *“Metaphors we live by”* (1980)[28]. Porém, ideias e teorias não nascem do nada. A obra de Lakoff e Jonhson teve sua gênese a partir de um estudo de Reddy (1979) intitulado “*The conduit metaphor*” ou “A metáfora do canal”. Nesse estudo, Reddy investigou a maneira como nós conceptualizamos o conceito de comunicação. Reddy constatou nos enunciados estudados “manifestações linguísticas de metáforas conceptuais” governadas por generalizações (REDDY, p. 17). A partir desse trabalho sobre a “metáfora do canal”, Lakoff e Johnson ampliaram as investigações e analisaram um espectro de enunciados da linguagem cotidiana bem mais diversificados. A proposta de Lakoff e Johnson descreve como nossa relação física com o mundo influencia e por vezes molda, nossa estruturação conceitual. A ideia essencial é que

---

26 Do original: “*The meaning we construct in and through the language is not a separate and independent module of the mind, but it reflects our overall experience as human beings.*”.

27 Minha tradução para: “*If we are right in suggesting that our conceptual system is largely metaphorical, then the way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor*” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 1).

28 O título em português é *Metáforas da vida cotidiana*, traduzido por Zanotto et al. e editado pela Educ, Mercado das Letras, 2002.

"nós tipicamente conceptualizamos o não físico em termos do físico[29]" (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 59).Os princípios fundamentais da TMC já foram descritos por inúmeros autores. Adoto aqui a descrição de Deignan (2005, p. 13-23). A autora enumera esses princípios como: a metáfora estrutura o pensamento e o conhecimento; a metáfora é fundamental para a linguagem abstrata; a metáfora é fundamentada na experiência física, ou seja, ela é corporificada; e, por fim, a metáfora é ideológica. Abaixo parafraseio a explicação de Deignan para cada um desses pontos.

1. *A metáfora estrutura o pensamento:* A metáfora conceptual é como uma forma de *descrever a conexão* que existe entre os dois grupos de ideias na mente das pessoas[30] Encontra-se no nível do pensamento, subjacente à linguagem. (DEIGNAN, 2005, p. 14). Existem dois tipos de conhecimento – em primeiro lugar, o conhecimento especializado, por exemplo, o acadêmico, que pode não ser acessível a todos os membros de um grupo social, e, em segundo lugar, o conhecimento de mundo, amplamente compartilhado, através de temas que afetam a experiência de cada ser humano, e que por essa razão, é único a cada um de nós.

2. *A metáfora é fundamental para a linguagem abstrata:* Um dos primeiros e mais influentes estudos em que essa posição é defendida é o de Reddy (1979), com a "Metáfora do Canal", mencionado anteriormente. Reddy mostra que a maioria das palavras e frases que são usadas para falar no campo semântico da comunicação são metáforas de um único domínio fonte, o da transferência física, como por exemplo, nas metáforas linguísticas, "transmitir uma mensagem" e "extrair ideias (de palavras)", isto é, a forma pela qual pensamos sobre a comunicação é inerentemente metafórica (REDDY, 1979, p. 17-18).

3. *A metáfora é corporificada:* A metáfora é fundamentada na experiência física, que tem a capacidade de capturar a natureza essencial de uma experiência. Em sua maioria, é formada por mapeamentos de um domínio concreto para um abstrato. Em síntese, as experiências corporificadas das pessoas em relação a determinadas palavras podem explicar os diferentes significados metafóricos (DEIGNAN, 2005, p. 19-20).

4. *A metáfora é de fundo ideológico:* Para a TMC, a metáfora é potencialmente ideológica. Deignan (2005, p. 125) argumenta que um tema recorrente da TMC é o fato de as metáforas nem sempre refletirem diretamente a realidade. Em vez disso, elas a filtram, de modo que escolhas metafóricas podem ter um ponto de vista enviesado ou tendencioso. Por

29 Minha tradução para: "*We typically conceptualize the nonphysical in terms of the physical*" (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 59).

30 Na abordagem da metáfora de Deignan (2005), as metáforas na linguagem são chamadas de metáforas linguísticas.

esta razão, as metáforas não podem ser apreendidas e analisadas sem um olhar crítico. Este é um fator especialmente importante para a presente tese, o qual será enfocado nas Considerações finais.

Retomando o cerne desta visão experiencialista de metáfora, um outro conceito primordial para a TMC é a noção de *domínio*, o qual é definido como uma área de conhecimento ou da experiência humana. Para exemplificar o que seria domínio, e ilustrar a metáfora conceptual CORRUPÇÃO É DOENÇA, extraímos dois excertos dos corpora de estudo desta pesquisa, a saber:

"Corrupção é um câncer que destrói uma nação!!" e "O Brasil é um câncer".

Se é verdade que compreendemos um domínio em função de outro, então uma das maneiras pelas quais experienciamos a corrupção (domínio alvo) é através de alguma doença (domínio fonte). Desta forma, através da projeção entre os domínios alvo e fonte, ocorrem mapeamentos, que são a relação entre os domínios. O domínio fonte é de natureza concreta, corporeamente experienciado, neste caso, o câncer. Esse domínio refere-se ao conceito de "veículo", postulado por Richards (1936). Já o domínio alvo é estruturado linguisticamente através dos elementos fornecidos pelo domínio fonte. O **domínio alvo é abstrato**, neste caso, a corrupção, e corresponde ao conceito de tópico desenvolvido por Richards. Mais tarde, os termos tópico e veículo passaram a ser utilizados também por Cameron (2003), nas metáforas sistemáticas. Um outro conceito importante para os mapeamentos são os **desdobramentos** *(entailments)*, os quais representam as **inferências** que podem ser feitas com base na metáfora conceptual. No caso de a corrupção ser metaforizada como câncer, alguns desses desdobramentos poderiam ser o fato de que o câncer debilita, corrói, se espalha e algumas vezes, dependendo do tipo de câncer, não tem cura, fatos esses que podem figurar nas expressões linguísticas utilizadas para descrever a corrupção.

Kövecses elaborou uma lista de domínios-fonte e domínios-alvo (2010), baseado na compilação original feita por Deignan (1995). No Quadro 1 abaixo, encontra-se um resumo dessa lista.

Quadro 1 – Domínios fonte e domínios alvo mais comuns segundo Kövecses

DOMÍNIOS FONTE	DOMÍNIOS ALVO
Corpo humano	Emoção
Saúde e doença	Desejo
Animais	Moralidade
Plantas	Pensamento
Prédios e construções	Sociedade/nação
Máquinas/ferramentas	Política
Jogos e esportes	Economia
Transações econômicas	Relações humanas
Cozinha e alimento	Comunicação
Calor e frio	Tempo
Luz e escuridão	Vida e morte
Força	Religião
Movimento e direção	Eventos e ações

Fonte: Adaptado de KÖVECSES, 2010, p. 18-27.

Assim, pode-se dizer que DOMÍNIO ALVO é compreendido através de um DOMÍNIO FONTE, por meio de expressões metafóricas, que criam mapeamentos entre elementos dos dois domínios [31]. Conforme ressalta Kövecses (2010, p. 33), a questão que surge é sabermos se as correspondências entre os domínios apresentados se limitam a eles ou não. O autor argumenta que é possível classificar metáforas de várias maneiras e quatro delas são especialmente relevantes para a visão linguístico-cognitiva da metáfora, ou seja, pode-se classificá-las de acordo com a ***convencionalidade***, a ***função***, a ***natureza*** e o ***nível de generalidade***.

Sob o primeiro aspecto, o da ***convencionalidade ou metaforicidade***, as metáforas variam das mais convencionais até as menos convencionais, estas também conhecidas como metáforas novas ou criativas. No outro lado dessa escala de mais ou menos convencionais, as metáforas convencionais são aquelas que já são usadas pelo público alvo de forma intuitiva. Segundo Lakoff e Turner (1989), as metáforas são convencionais quando estão estabelecidas em nossa experiência diária, sendo utilizadas de forma automática e sem esforço. Kövecses (2010) reitera a posição de Lakoff e Turner a respeito da convencionalidade de uma metáfora, pois entende que tanto as metáforas linguísticas quanto as conceptuais são convencionais

31 Como convenção, as metáforas conceptuais são escritas em caixa alta.

quando estão fortemente estabelecidas em uma comunidade linguística, isto é, estão tão "enraizadas" no uso diário da língua que a maioria das pessoas nem percebem mais que são metáforas.

Como salientado por Semino (2008, p. 19), uma expressão metafórica é considerada convencionalizada quando o seu significado já foi lexicalizado, ou seja, se já faz parte de significados não-metafóricos utilizados como entrada num dicionário. Este parece ser o caso de "jeitinho brasileiro", como veremos mais adiante. Contudo, a autora acrescenta que as expressões metafóricas convencionais variam, dependendo da capacidade dos usuários de compreenderem uma língua e sua metaforicidade. Semino (2008) acrescenta que as metáforas convencionais podem ser exploradas de modo inovador, utilizando variações na escolha de formas e de léxico, dando assim, origem às metáforas criativas, que por sua vez, também podem variar no grau de originalidade e de intensidade. As metáforas novas ou criativas são criadas a partir de metáforas convencionais, de uma forma não tão convencional, e por esta razão são chamadas de criativas. A criatividade não está só restrita à linguagem poética.

Nas palavras de Abreu (2019, p. 28),

> [q]uanto mais enraizada culturalmente (e mais estruturadora em nosso sistema conceptual), mais convencional é a metáfora e menor é a possibilidade de ser reconhecida metaforicamente. Por outro lado, quanto mais criativa é a metáfora, maior é a probabilidade de ser identificada dessa forma.

Apesar de sabermos que a metáfora tem moldado o léxico ao longo dos séculos, como afirma Deignan (2005, p. 35), é certo que **não** se pode estabelecer uma definição única para o que é metáfora, já que sabemos que isso depende da abordagem teórica atrelada a ela, como temos visto ao longo deste capítulo. Estudos de metáfora em literatura, por exemplo, concentram-se prioritariamente nas metáforas novas/criativas. Por outro lado, sob a perspectiva cognitiva, Lakoff investigou algumas metáforas altamente convencionalizadas, ou seja, aquelas que acontecem de maneira inconsciente, sem darmos conta do uso que fazemos delas. Existe, entretanto, um ponto de convergência com relação à metáfora, que é buscarmos a identificação e descrição dos diferentes tipos de expressões linguísticas que consideramos metafóricas (DEIGNAN, 2005, p. 33-34), algo que mostraremos nesta tese mais adiante.

O segundo aspecto segundo o qual se classificam metáforas conceptuais é com relação à **função**. Em outras palavras, uma classificação através da função da metáfora significa dizer como as pessoas pensam e veem o mundo. Existem três tipos: estrutural, ontológica e orientacional. Posteriormente, Lakoff e Johnson incorporaram o conceito de metáforas

primárias, advindo de Grady (1997), acrescentando, portanto, um quarto tipo, com relação à complexidade.

As metáforas estruturais mapeiam um conceito em termos de outro. Elas são responsáveis pela organização de nosso sistema conceptual e exercem influência em nosso modo de pensar, agir e perceber o mundo que nos cerca. Um exemplo de metáfora estrutural clássico é TEMPO É DINHEIRO, na qual concebemos o domínio alvo "tempo" a partir do domínio fonte dinheiro, ou um exemplo do corpus desta tese, CORRUPÇÃO É CÂNCER, na qual concebemos o domínio alvo "corrupção" a partir do domínio fonte "câncer".

As metáforas orientacionais organizam um sistema de conceitos abstratos com relação a outro e são fundamentadas com base em nossas experiências culturais e físicas, além de estarem ligadas à orientação espacial, por exemplo nas noções de para cima/para baixo, dentro/fora, frente/atrás, fundo/raso. É por meio de uma metáfora orientacional que, em nossa cultura, colocamos o futuro como sendo posicionado na nossa frente e o passado atrás (VEREZA, 2006, p. 150). Assim, vale ressaltar que essas orientações não são arbitrárias, pois estão intimamente relacionadas à cultura a qual pertencemos. No corpus de estudo desta tese, há inúmeros exemplos do '"fundo"', indicando coisas ruins, como em: "*Na minha opinião o Brasil nunca vai sair desse* ***buraco****, pelo fato de ter esses corruptos"*. e em "*O Brasil só vai sair do* ***buraco*** *quando o povo parar de ser corrupto"*. Por extensão "*O Brasil é um Titanic eterno"*, também dos nossos dados, configura o **fundo** como algo não desejável.

As metáforas ontológicas são aquelas as quais compreendemos nossas experiências em termos de objetos e substâncias e que nos permitem selecionar partes dessa mesma experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie (VEREZA, 2006, p. 76). A metáfora ontológica, diferentemente da estrutural, não organiza um conceito em termos de outro; ao contrário, organiza todo um sistema de conceitos em relação a um outro (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 2002). Segundo Vereza (2007a, p. 121), "as metáforas ontológicas surgem da necessidade humana de se aprender a dar algum sentido àquilo que não seria apreensível sem uma 'interferência' conceitual organizadora da experiência, o que implica inevitavelmente, a entificação de certos fenômenos". A Personificação é também uma metáfora ontológica e é denominada como tal porque a entidade deve ser necessariamente uma pessoa. Dessa forma, na expressão, "A teoria diz que", temos uma metáfora por personificação, na qual UMA TEORIA É UMA PESSOA, Em um exemplo de meu corpus, um comentarista diz "*O Brasil é corrupto*", personificando o Brasil como o culpado pela corrupção.

As **metáforas primárias** estão relacionadas aos aspectos físicos do corpo humano e estão presentes em diversas culturas. Segundo Lakoff e Johnson (1999, p. 47), as metáforas primárias formam um grande sistema automático e inconsciente sobre o qual não temos escolha: todos nós pensamos naturalmente usando centenas de metáforas primárias. Elas são a forma mais básica de pensamento metafórico e do conceito de corporificação. Acerca dessa afirmação, Lima (2006) acrescenta que "a motivação intrínseca de metáforas primárias **é mais física que cultural**" e, por esta razão, existe a hipótese que esse tipo de metáfora seja compartilhado por várias culturas. Um exemplo de metáfora primária é DESEJAR É TER FOME.

A terceira proposta para classificar metáforas diz respeito à sua **natureza**, que pode ser baseada tanto no **conhecimento** quanto na **imagem**. Conforme afirma Kövecses (2010, p. 43):

> os esquemas imagéticos não se limitam a relações espaciais, como dentro-fora. Outros "esquemas" desempenham um papel em nossa compreensão metafórica de mundo, os quais derivam de nossas interações com o mundo […]. Essas experiências físicas básicas dão origem ao que são chamados de esquemas imagéticos, e estes estruturam muitos de nossos conceitos abstratos metaforicamente[32].

O quarto modo de classificar metáforas conceptuais sugerido por Kövecses (2010, p. 44) é o **nível de generalidade da metáfora**, que pode ser genérico ou específico. A VIDA É UMA VIAGEM, DISCUSSÃO É GUERRA, IDEIAS SÃO COMIDA são metáforas de nível específico. Vida, viagem, argumento, guerra, ideias, comida são conceitos relacionados ao nível específico. Outras metáforas conceptuais são de nível genérico, como EVENTOS SÃO AÇÕES. Conceitos, como eventos e ações, são relacionados ao nível genérico. Alguns tipos de eventos citados por Kövecses são morrer, queimar, amar, adoecer, congelar, o vento soprar, entre outros. Na morte, existe uma entidade, normalmente um ser humano que envelhece ou adoece, como resultado de que esse alguém deixa de existir. Na morte, uma entidade sofre uma mudança como resultado de alguma força, seja tempo, idade ou doença.

Ainda sob a perspectiva da convencionalidade, Deignan (2005) ressalta que há três problemas a serem considerados nas pesquisas sobre metáforas linguísticas: primeiro, quanto ao **grau de metaforicidade**, ou seja, se as metáforas são novas/criativas, convencionalizadas, mortas ou históricas. Segundo, com relação ao tratamento das formas não literais,

---

32 Minha tradução para: "*Image-schemas are not limited to spatial relations, such as 'in-out.' There are many other 'schemas' that play a role in our metaphorical understanding of the world. These basic image-schemas derive from our interactions with the world […] These basic physical experiences give rise to what are called imageschemas, and the image-schemas structure many of our abstract concepts metaphorically*".

gramaticalmente distintas. Por fim, quanto ao tratamento de palavras gramaticais. Para a autora, o grau de metaforicidade é o mais problemático dos três e, por esta razão, dou destaque ao primeiro problema, mencionado pela autora, neste trabalho, isto é, a questão da **metaforicidade,** assim como seus métodos de configuração, na seção 1.4., já que esta é uma questão que abrange não somente as metáforas conceptuais, mas também todas as metáforas inseridas em um contexto cognitivo-discursivo. Antes disso, porém, abordo algumas das críticas feitas à TMC.

A TMC recebeu críticas, por exemplo, de Cameron (1999; 2008), Deignan (2005), Semino (2008), Zanotto, Cameron e Cavalcanti (2008), Vereza (2013a). Duas questões básicas para o descontentamento são: "rigidez teórica e opacidade analítica" (VEREZA, 2013a, p. 110). Uma crítica muito importante à TMC em sua primeira fase, como bem sinaliza Vereza (2010, p. 207) é o fato de os pesquisadores criarem "evidências para testarem uma hipótese, e não o contrário". Em outras palavras, embora Lakoff e Johnson (1980) tenham feito uso de exemplos linguísticos como evidência para afirmar que a metáfora é central para a cognição, eles ainda apresentavam a **linguagem como secundária ao pensamento.**

Outro contraponto à TMC versa sobre o fato de que os autores também não consideram as diferenças linguísticas que a metáfora pode assumir, assim como as diferentes funções que podem desempenhar no discurso. Ademais, eles citam **listas descontextualizadas** de frases e expressões como dados, e trataram um "idioma" como o inglês como homogêneo, sem levar em consideração as diferenças e variações dependendo do meio, registro ou gênero (SEMINO, 2017).

Um terceiro obstáculo para implementar a TMC concerne a **ausência de usos reais da língua** (SARDINHA, 2007; VEREZA, 2012). Essa lacuna é especialmente importante porque o papel da língua é fundamental até mesmo para as metáforas conceptuais, já que é a própria língua que nos fornece *insights* sobre elas.

Tendo feito algumas considerações sobre a TMC para a descrição da língua, abordo a seguir a questão da metaforicidade. Esse parecerá um desvio no percurso traçado ate aqui, mas o tópico da metaforicidade é relevante não somente para as metáforas conceptuais, mas também para as metáforas com enfoque cognitivo-discursivo, o tópico teórico desta tese.

1.4 **Metaforicidade e métodos de configuração**

Em primeiro lugar, vale ressaltar que metaforicidade não é um sinônimo para metáfora *per se*. A metaforicidade é definida, basicamente, "como sendo o **grau** em que uma metáfora é metafórica" (DIENSTBACH, 2017, p. 1769). Em outras palavras, um número considerável de autores veem a necessidade de colocar as metáforas em uma escala de metaforicidade, que delimita o quanto algumas metáforas podem ser "mais metafóricas" do que outras.

O tema da metaforicidade foi enfocado por Deignan (1997) em sua tese de doutorado, que mais tarde transformou-se no livro *Metaphor and Corpus Linguistics* (2005). Nessa mesma obra (p. 36-39), a autora discorre sobre três modelos, desenvolvidos até aquele momento, para lidar com o grau de metaforicidade de uma metáfora: o de Lakoff (1987), o de Goatly (1997) e o seu próprio modelo, que é uma adaptação dos dois primeiros. Interessantemente, Deignan insere em seu modelo algumas definições desenvolvidas pela LdC**,** como veremos a seguir**.**

O modelo de metaforicidade lakoffiano não aceita o rótulo de metáfora "morta" para caracterizar as metáforas convencionais, pelo menos todas elas; pelo contrário, Lakoff considera algumas muito vivas. O autor ilustra seu ponto de vista com exemplos do léxico da língua inglesa: as palavras "*pedigree", "comprehend", "dunk"* e *"grasp"* (ver Anexo A) para Modelo de Metaforização de Lakoff (1987).

O modelo de avaliação do grau de metaforicidade de Lakoff é criticado por Deignan, já que, de fato, é difícil desenvolver categorias para uma análise linguística empírica. Também a autora ressalta que a descrição de Lakoff de tipos de metáforas mortas não se destina a ser usada para categorizar dados linguísticos, porque o autor geralmente não está preocupado com a classificação de expressões linguísticas, ao contrário de um linguista de corpus. Contudo, o modelo lakoffiano faz duas distinções relevantes para um modelo linguístico, segundo a autora (2005, p. 37):

> primeiro, a existência ou não do sentido literal original de um item, um ponto que pode separar expressões historicamente figurativas de outros tipos de metáforas e, em segundo lugar, a existência ou não de mapeamento linguístico sistemático de um domínio sobre outro. Esta segunda distinção não separa a metáfora da não-metáfora, mas destaca uma característica que é considerada muito importante por muitos pesquisadores[33].

33 Minha tradução do original: "*These are, firstly, the existence or otherwise of the original literal sense of an item, a point which can separate historically figurative expressions from other kinds of metaphors, and secondly the existence or otherwise of systematic linguistic mapping of one domain onto another. This second distinction does not separate metaphor from non-metaphor, but does highlight a feature that is regarded as very important by many writers*".

A autora acrescenta que para os linguistas cognitivos, as metáforas sistemáticas são de importância central. Essas metáforas, de natureza sistemática são também importantes para o linguista de corpus, mas por razões distintas. Está na natureza da LdC procurar padrões recorrentes e repetidos que podem configurar metáforas sistemáticas, além de outros fenômenos linguísticos. São raros os estudos informados pelo corpus que se concentram em hápax legomenon (SHEPHERD, 2022)[34]. Entretanto, o corpus marca bem a distinção entre metáforas sistemáticas e situadas (*one-shot*), distinção essa que é relativamente fácil de visualizar usando dados de corpus e software apropriado.

O modelo de metaforicidade de Goatly (1997) foi desenvolvido com o propósito de criar uma classificação para as metáforas linguísticas. Neste modelo, o autor baseia-se em textos em linguagem natural, principalmente extraídos do *Bank of English*[35] e de outras fontes como jornais e textos literários. Goatly não limita sua discussão à metáfora convencional e, na verdade, reconhece a existência de uma **escala de metaforicidade**, que vai das metáforas criativas/novas às mortas. O autor propõe cinco categorias ou "graus de convencionalidade/metaforicidade": metáforas ativas, cansadas, adormecidas, enterradas e mortas (GOATLY, 1997, p. 32; ver Anexo B). Um dos critérios mais importantes para distinguir diferentes níveis de convencionalidade no modelo de Goatly é a maneira pela qual os falantes processam os sentidos metafóricos e se o sentido literal é evocado para abstrair os sentidos figurados. Essa é a única maneira que ele sugere de separar as metáforas adormecidas das cansadas, uma distinção que é particularmente importante porque marca a divisão entre as expressões que a maioria dos falantes consideram metáforas e aquelas que têm apenas origens metafóricas.

Uma avaliação positiva ao modelo de Goatly é feita por Deignan (1997, p. 117-118). Diz a autora que é produtivo o olhar prioritário sobre as realizações linguísticas em vez de processos mentais, os quais complementam o modelo lakoffiano. No entanto, Deignan critica a maneira como Goatly coloca seu modelo em prática, pois ele parece confiar mais nos falantes da língua, ou seja, na forma como processam metáforas do que nos dados linguísticos, propriamente ditos (2005, p. 118),

---

34 Comunicação pessoal. Hapax Legomenon é um fenômeno linguístico em que uma palavra ou expressão é dita apenas uma única vez.

35 *Bank of English* é uma base de dados representativa do corpus COBUILD, contendo 4,5 bilhões de palavras oriundos de uma compilação de textos em inglês. É um projeto de língua inglesa patrocinado pela editora HarperCollins, conduzido pela equipe COBUILD da Universidade de Birmingham, Reino Unido. Disponível em: http://www2.lingsoft.fi/doc/engcg/Bank-of-English.html. Acesso em: 26 fev. 2021.

> Já mostrei por que as **intuições** de usuários individuais da linguagem parecem ser **evidências não confiáveis** para a tomada de decisões sobre metaforicidade e, portanto, considero que outros tipos de evidências são necessários para alocar expressões linguísticas a essas categorias[36].

Quanto ao modelo de Deignan, os tipos de expressões linguísticas com motivações metafóricas são chamadas de **metáforas vivas**, que são divididas em **novas/criativas e convencionais**, as quais foram divididas em **categoria 2a**, para **metáforas *one-shot* (situadas)** e **categoria 2b**, para as **sistemáticas**.

Deignan menciona também a existência das assim-chamadas **metáforas mortas e as metáforas históricas.** Ela dá destaque às metáforas novas e históricas porque considera serem consideravelmente fáceis de identificar, usando dados de corpus (2005, p. 39-40). Quanto às **metáforas novas/criativas,** a autora ressalta que, ao analisarmos as linhas de concordância, não seria difícil decidir sobre os casos de metáforas criativas e, caso surja alguma, uma estratégia sugerida é utilizarmos as frequências do corpus, como uma medida de convencionalidade (DEIGNAN, 1997, p. 122). Em outras palavras, se são pouco frequentes, as metáforas tendem a ser situadas (*one-shot*). Entretanto, **quanto mais frequentes, tendem a ser sistemáticas,** algo que, como já mencionamos acima, é relativamente fácil de observar a partir de um corpus, método de prospecção adotado nesta tese**.**

Com relação às metáforas históricas, estas representam sentidos formados por extensões metafóricas de um sentido literal que já caiu em desuso. Assim como as metáforas novas, as metáforas históricas podem ser identificadas prontamente através dos dados de corpus. Deignan (2005, p. 40) afirma que se as instâncias de uma metáfora linguística não mostram exemplos de um sentido literal relacionado, seja a mesma classe de palavras ou de outra forma, elas são consideradas históricas (Ver Anexo C) para o modelo de metaforicidade de Deignan (1997; 2005, p. 120).

Com relação à identificação das metáforas convencionais (vivas e/ou mortas), existe um problema, segundo Deignan (1997, p. 123) e o cerne da questão é saber diferenciá-las. Para a autora, diferentes categorizações de metáforas podem traçar essa linha tênue entre os casos de metáforas convencionais e mortas em diferentes pontos e por diferentes razões, mas em qualquer estudo, elas devem ser diferenciadas com consistência, por exemplo, com base na frequência e na distribuição das metáforas convencionais. Intuitivamente, a distinção fundamental entre as metáforas convencionais, porém vivas, e as mortas é que as vivas

---

36 Minha tradução do original: "*I have already shown why the intuitions of individual language users seem to be unreliable evidence for making decisions about metaphoricity, and so I consider that other types of evidence are necessary to allocate linguistic expressions to these categories.*"

dependem de um sentido literal, ao contrário da segunda, ou seja, as mortas, que não precisam (1997, p. 41-42).

Aqui abro parênteses para comentar sobre dois métodos desenvolvidos pelo grupo PRAGGLEJAZ[37], como ferramentas para identificação de metáforas em corpus. Primeiramente foi criado o *MIP*, sigla em inglês que significa Procedimento para identificação de metáfora. Mais tarde, o grupo de pesquisadores liderado por Steen ampliou o método, o qual passou a ser conhecido como MIPVU. VU representa as iniciais da universidade **V**rije **U**niversiteit, onde Steen leciona (STEEN et al., 2010). Os passos para identificar as metáforas, segundo Steen et al (2010, p. 6), são os seguintes:

> 1. Ler todo o texto/discurso para estabelecer uma compreensão geral do significado;
> 2. Determinar as unidades lexicais no texto/discurso;
> 3. a) Para cada unidade lexical no texto, estabelecer seu significado no contexto, isto é, como se aplica a uma entidade, relação ou atributo na situação evocada pelo texto (significado contextual). Levar em conta o que vem antes e depois da unidade lexical, b) Para cada unidade lexical, determinar se ela tem um significado contemporâneo mais básico em outros contextos do que no contexto dado Para nossos propósitos, significados tendem a ser: mais concretos; o que eles evocam é mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e saborear, as relações corporais, são mais precisos, são historicamente mais antigas. Os significados básicos não são necessariamente os significados mais frequentes das unidades lexicais, c) Se a unidade lexical tem um significado atual/contemporâneo mais básico em outros contextos que não o contexto dado, decida se o significado da unidade lexical no contexto contrasta com o significado básico, mas pode ser entendido em comparação com ele.
> 4. Se sim, marque a unidade lexical como metafórica[38].

Apesar de o MIP (2007) e MIPVU (2010) já terem uma tradição em diferentes pesquisas para o reconhecimento da metaforicidade, mais recentemente, Patterson (2016) argumenta que há problemas com os sistemas de categorização de metáforas e de medição de metaforicidade, quando os processos de identificação partem da capacidade do analista de identificar aquilo que é literal e aquilo que é metafórico. Patterson afirma que o conceito de

---

37 Esta é uma sigla criada com as iniciais de pesquisadores de metáfora envolvidos neste estudo sobre metaforicidade: **P**eter Crisp, **R**ay Gibbs, **A**lan Cienki, **G**raham Low, **G**erard Steen, **L**ynne Cameron, **E**lena Semino, **J**oe Grady, **A**lice Deignan, **Z**oltan Kövecses. Note-se que **Alice Deignan** fez parte desse grupo de reflexão, mas não adota os critérios do grupo para estabelecer metaforicidade.

38 Minha tradução para: "*1. Read the entire text/discourse to establish a general understanding of the meaning. 2. Determine the lexical units in the text/discourse. 3. a. For each lexical unit in the text, establish its meaning in context, i.e. how it applies to an entity, relation or attribute in the situation evoked by the text (contextual meaning). Take into account what comes before and after the lexical unit. b. For each lexical unit, determine if it has a more basic contemporary meaning in other contexts than the one in the given context. For our purposes, basic meanings tend to be: – more concrete; what they evoke is easier to imagine, see, hear, feel, smell, and taste; – related to bodily action; – more precise (as opposed to vague); – historically older. Basic meanings are not necessarily the most frequent meanings of the lexical unit. c. If the lexical unit has a more basic current/contemporary meaning in other contexts than the given context, decide whether the contextual meaning contrasts with the basic meaning but can be understood in comparison with it. 4. If yes, mark the lexical unit as metaphorical*" (STEEN et al., 2010, p. 6).

metáfora depende, e muito, do julgamento do analista sobre o significado. Por outro lado, tal julgamento depende de nossa exposição prévia (*priming*)[39], aos modos pelos quais uma palavra expressa significados: literal ou figuradamente. Outra crítica do modelo MIP e MIPVU, vem de Deignan (2015). Mesmo tendo participado do grupo original que desenvolveu o MIP, Deignan faz algumas ressalvas quanto o uso do MIP como método de avaliação da metaforicidade. A autora publicou um artigo, "*MIP, the corpus and dictionaries. What makes for the best metaphor analysis?*", no qual mostra como usar um corpus para ajudar a decidir se uma palavra tem um ou mais significados, e caso os tenha, que tipo de relação pode existir entre cada significado. Assim, diz ela, "olhar para os colocados é muitas vezes útil na identificação de *expressões fixas* que podem ser analisadas como um bloco" (DEIGNAN, 2015, p. 146).

Ao olharmos um corpus com vistas a estudar os possíveis padrões de ocorrência de uma palavra/expressão de busca, devemos analisar suas **colocações** (itens lexicais frequentes)**,** suas **coligações** (itens gramaticais frequentes), e suas **associações semânticas** (sentidos positivos ou negativos frequentes). Em outras palavras, examinamos o entorno, as palavras/expressões possivelmente metafóricas. Estes fatores permitem que tenhamos *insights* mais precisos a respeito do comportamento das metáforas em diferentes níveis de significado e deixam transparecer os modos pelos quais usamos a linguagem, ora através de padrões (blocos repetidos), ora através de escolhas singulares.

Uma teoria oriunda dos estudos de corpora e que explica essa alternância sobre o uso da linguagem, com particular relevância para os fundamentos da análise metafórica é o *princípio do idioma* (SINCLAIR, 1991). A teoria baseia-se na premissa de que os usuários de uma língua adquirem, selecionam, usam e entendem muito da linguagem, a partir de um conjunto de padrões. Esses blocos de linguagem variam em termos de graus de fixidez tanto em relação ao léxico (colocação/associação semântica) quanto à gramática (coligação). As metáforas e a linguagem metafórica fariam parte desses padrões (Cf. PHILIP, 2011).

Deignan e o grupo de pesquisadores PRAGGLEJAZ compartilham a premissa de que as **palavras diferem** no grau com que expressam a metaforicidade (2007, p. 2). Porém, Deignan (2015) sempre trabalha com corpus autêntico, digital ou digitalizado e sem filtros de qualquer natureza, baseando-se na metodologia sinclairiana de lexicografia, a LdC, da qual se diz herdeira acadêmica.

---

39 A teoria do *Priming* Lexical foi desenvolvida por Michael Hoey (2005, p. 13), sobre a qual o autor diz que "cada palavra é preparada para uso no discurso como resultado dos efeitos cumulativos dos encontros de um indivíduo com a mesma palavra. Um dos efeitos do *priming* inicial é que se sequências regulares de palavras são construídas, estas também são, por sua vez, *primed"*, ou introjetadas.

Esta tese se apoia na prática de Deignan e também nos exemplos práticos de Patterson (2016), ao atribuir importância à frequência maior ou menor das palavras como índice de seus usos metafóricos ou não já incorporados à língua. Não considero ser necessário, nesta tese, sair do corpus para buscar o significado, já que, segundo Shepherd (2022)[40] o que se perde em processamento horizontal[41], ou seja, nas relações sintagmáticas, ganha-se, por outro lado, em processamento vertical e vice-versa. Tendo exposto pontos importantes sobre modelos de metaforicidade, abordo a visão discursiva e integrada da metáfora, também denominada cognitivo-discursiva (VEREZA, 2013b), dividida em primeira e segunda fases. Vale ressaltar que aqui discurso tem o significado de linguagem em uso.

1.5 **Fases da visão cognitivo-discursiva da metáfora: metáfora em corpora autênticos e pesquisas sobre o tema**

Retomo aqui a linha de tempo dos estudos sobre a metáfora com a qual iniciei este capítulo. A digressão no percurso se deu por conta da importância e da ubiquidade do tópico da metaforicidade, que pertence tanto à TMC, como às fases cognitivo-discursivas que serão discutidas agora.

Desde o final da década de 1990, até os dias de hoje, alguns teóricos começaram a revisitar o papel desempenhado pela língua em uso nos estudos da metáfora. Isso se deu através dos estudos cujo foco é a metáfora discursiva ou metáfora em uso e, principalmente, por causa do entendimento de que a linguagem não poderia ser tratada como item acessório. Para desvendarmos metáforas conceptuais, por exemplo, precisamos de expressões linguísticas. Essa mudança levou em conta preceitos da teoria cognitiva sobre o papel do pensamento em metáforas e sobre a natureza generalizada e convencionalizada de muitas delas.

A assim chamada virada cognitivo-discursiva tornou-se uma nova estratégia no arcabouço teórico-metodológico dos estudos de metáfora. Essa visão discursiva e integrada da metáfora pode ser vista como sendo dividida em dois estágios. O primeiro, está focado na

---

40 Comunicação pessoal.

41 Entende-se por paradigma (eixo vertical) as possibilidades de realização dentro do sintagma (eixo horizontal). Uma expressão metafórica como *O jeitinho brasileiro é um câncer* pode não aparecer v*erbatim* e com frequência em um corpus de estudo. Entretanto a expressão pode se camuflar como *O jeitinho brasileiro é um mal incurável*, *O jeitinho brasileiro é um câncro*; o jeitinho brasileiro *causa metástase*. Portanto, o que se perde no eixo sintagmático pode ser recuperado no eixo do paradigma.

investigação da metáfora em corpora autênticos. O segundo estágio tem como foco não apenas o uso de dados autênticos, mas também o estudo da metáfora no processo de significação do aqui e agora do discurso, ou discurso "online", conceito esse que será comentado abaixo.

1.5.1 Primeira fase

A metáfora discursiva ou metáfora em uso começou a ser investigada, por meio de dados, principalmente por Cameron (2003), Deignan (2005) e Cameron e Deignan (2006). Esse tipo de investigação produziu uma grande quantidade de pesquisas sobre a *frequência, forma* e *função da metáfora*, em tipos de texto ou discursos específicos. O objeto de estudo da tese de Deignan[42], por exemplo, foi estudar aspectos linguísticos da metáfora com base na LdC (2005), na qual a autora desenvolveu uma pesquisa abrangente e sistemática de expressões linguísticas metafóricas em dados de corpora não literários. Para Deignan, a TMC é responsável por revelar algumas características da metáfora linguística, mas **não** explica todos os dados. Entretanto, através da análise dos dados extraídos de um corpus (*Bank of English)*, a autora pôde evidenciar a frequência de metáforas linguísticas convencionais, e, ao mesmo tempo, constatar que os exemplos linguísticos descontextualizados usados na TMC dos primeiros estudos de Lakoff e Johnson (1980) não são suficientemente frequentes para serem considerados como parte da língua natural. Em 2008, Semino dá continuidade aos estudos sobre metáfora como um fenômeno linguístico em diferentes textos e gêneros, explorando formas e funções de **metáforas convencionais**. Em 2017, em outro artigo, Semino mostra a relevância da LdC para o estudo da metáfora. Um ponto crucial que une as duas pesquisas de Semino: o foco de análise é o **uso da língua em seu contexto**. Semino adota a LdC como metodologia, e a utiliza em combinação com análise qualitativa (2017, p. 2), procedimento padrão nos trabalhos sobre corpus. A autora acrescenta que as abordagens de corpus deram e continuam dando uma variedade de contribuições importantes para o estudo da metáfora como um **fenômeno linguístico e cognitivo.** Essas contribuições envolvem não apenas a teoria da metáfora, mas também a compreensão da comunicação em uma variedade de contextos (SEMINO, 2017, p. 13).

---

42 Deignan fez uso do corpus *Bank of English*, um corpus formado de textos em inglês britânico, em sua maioria, e de uso restrito a pesquisadores da Universidade de Birmingham.

1.5.2 Segunda fase

O uso de corpora autênticos acrescentou aspectos mais dinâmicos e contextuais aos estudos sobre a metáfora em uso. Entretanto os corpora autênticos não foram suficientes para iluminar o funcionamento da metáfora no discurso (com "d" minúsculo, significando discurso online), em pleno acontecimento (VEREZA, 2013a, p. 110; VEREZA, 2013b, p. 5). A autora lembra que

> uma série de estudos, protagonizados, principalmente, por Cameron (2008), Cameron e Deignan (2006), Cameron e Maslen (2010), Cameron et al. (2009) e Semino (2008) passaram a direcionar seus questionamentos para a dimensão discursiva da metáfora, propondo unidades de análise como o metaforema (metáfora nova, emergente, local, vinculada a um sistema complexo, candidata a convencionalidade) e metáfora sistemática (metáfora cognitiva subjacente ao discurso, situada, ao contrário da metáfora conceptual, em textos específicos, e evidenciada por marcas linguísticas metafóricas, ou veículos, presentes nesses textos.

Antes de falarmos sobre as principais pesquisas e suas unidades de análise desenvolvidas nessa segunda fase, faz-se necessário fazermos a distinção entre os conceitos de **discurso online e offline.** Os termos são referidos principalmente nesse contexto da segunda fase de pesquisas cognitivo-discursivas, já que representam uma dicotomia entre a metáfora no uso e metáfora no sistema, como sugere Vereza (2016a, p. 567-568). No âmbito do ***discurso offline***, encontra-se o "**sistema conceptual**", onde estariam as "representações mentais mais estáveis, ou seja, uma representação socialmente compartilhada e essencialmente **inconsciente**." Neste nível, o **Discurso** é com ***D* maiúsculo**, porque representa a "inscrição das representações estáveis na linguagem, enquanto sistema". Ao contrário do discurso offline, o ***discurso online*** refere-se ao **evento discursivo** em si, ou seja, à cognição e à linguagem em uso ou **o aqui e agora do discurso**. Vereza ressalta que nesse nível, "as metáforas são *situadas*, de natureza mais deliberada e menos convencional, fazendo parte da tessitura textual e da construção de *frames* online". Nesse caso, o discurso representa o próprio evento discursivo, em pleno acontecimento.

Uma questão fundamental, sinalizada pela mesma autora, diz respeito à análise da linguagem metafórica, já que é essencial sabermos diferenciar entre uma metáfora no universo do *sistema* da língua da metáfora, e no universo do *uso* da língua, por exemplo, no caso das metáforas situadas e conceptuais.

Ademais, uma definição de metáfora para Cameron e Deignan é "unir duas ideias distintas que interagem e coadaptam-se na mente para produzir algo novo, **emergente**, maior que a soma de suas partes" (2006, p. 673). As unidades analíticas sugeridas por Cameron e Deignan (metaforemas e metáforas sistemáticas) são consideradas "emergentes", pois acontecem através de interações construídas em uma comunidade discursiva, em um processo interdependente, formado por aspectos cognitivos e socioculturais (2006). Portanto, o **lócus da metáfora**, sob essa perspectiva da segunda fase da virada cognitivo discursiva, opera na **linguagem do cotidiano.**

Um outro tipo de metáfora também na mesma direção advém do conceito de "nicho metafórico" (VEREZA, 2010; 2013b), o qual "contribui para um entendimento da **metaforicidade textualmente tecida,** a partir de desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais e episódicas". Esse tipo de metáfora, é referido por Vereza como um tipo de metáfora situada (2013b, p. 5). A autora ressalta que "a metáfora situada se encontra claramente na interface entre cognição e pragmática", a qual pode nos ajudar a compreender a complexidade desse entrelace.

A seguir discorro, ainda que brevemente, sobre **metaforema**, além da **metáfora situada** e do **nicho metafórico**, para em seguida concentrar-me na metáfora sistemática, um conceito analítico usado nesta tese e pautado, em grande parte pelos dados analisados.

1.6 **Metaforema, metáforas situadas e nicho metafórico**

Uma unidade de análise desenvolvida a partir da visão cognitivo-discursiva é o metaforema. Esta unidade, que corresponde à metáfora nova[43] ou criativa, foi proposta por Cameron e Deignan (2006) e desenvolvida por Cameron e Maslen (2010). Por outro lado, como ressaltam Cameron e Deignan (2009, p. 151), "é possível que muitas expressões desse tipo sejam usadas na interação e nunca mais sejam repetidas", fato que corresponde à visão de Vereza (2013a, p. 5), quando diz que o metaforema é "uma metáfora nova, emergente, local, vinculada a um sistema complexo, **candidata à convencionalização**". Em outras palavras, o metaforema "revela a flexibilidade suficiente a ponto de estar aberto a negociações, à

43 Segundo Cortez (2012, p. 111): "As metáforas novas podem emergir, em um dado momento de interação e adquirirem estabilidade afetiva, valorativa e de uso, além de estabilidade léxico-gramatical, a partir do uso recorrente e sistemático".

coconstrução e ao desenvolvimento, à medida que os participantes do discurso constroem suas falas e empregam esforços para alcançar um maior entendimento" (CAMERON; DEIGNAN, 2009, p. 158). Há dois outros conceitos que ajudam a identificar a natureza da metáfora no discurso, que merecem ser mencionados, ainda que de forma breve. A razão para a concisão da menção é que nenhum dos conceitos iluminam a natureza das metáforas em dados oriundos de comentários em rede social. São eles a metáfora situada e o nicho metafórico.

A metáfora discursivamente situada, estudada por Vereza (2012; 2013a; 2013b) "não é apenas discursiva por estar na linguagem em uso, mesmo que apenas cognitivamente, mas também se encontra claramente na **interface entre cognição e pragmática**, ajudando-nos a compreender, sob um dado ângulo, a complexidade desse entrelace" (2013b, p. 6). Quanto ao nicho metafórico, Vereza[44] (2016a, p. 561-573) define-o como uma outra unidade de análise da metáfora em uso, que pode ser definida como um grupo de expressões metafóricas, inter-relacionadas, que podem ser encontradas em desdobramentos cognitivos e discursivos de uma proposição metafórica superordenada presente ou inferida no próprio contexto (2007, p. 496). A metáfora situada e nicho metafórico são temporários ou episódicos, já que servem somente para um momento específico do discurso e podem nunca mais emergir. Como o nome diz, a metáfora situada é local e não tende a generalizações, como acontece na abordagem conceptual. Na verdade, o nicho metafórico representa um desdobramento de uma metáfora situada, criando um percurso argumentativo (VEREZA, 2013a; 2016a). A metáfora situada, assim como o nicho metafórico, não remete a uma única metáfora cognitiva, mas a toda uma rede metafórica que vai sendo tecida em uma unidade semântico discursiva construída textualmente. Vale ressaltar que esta pesquisa trata de um corpus composto de comentários em rede social, isto é, de textos não contínuos. Por esta razão de descontinuidade, não parece ser possível encontrarmos nichos metafóricos em comentários.

Outra visão de metáfora a ser comentada neste capítulo é a sugerida por Steen (2006). Ao fazer algumas ponderações sobre a metáfora na língua e no pensamento, o autor propõe quatro abordagens da metáfora: *metáfora na língua como sistema, metáfora no pensamento como sistema, metáfora na língua em uso, e metáfora no pensamento em uso.* Apesar da interdependência entre língua e pensamento como sistema e como uso, o estudo da metáfora requer certo grau de autonomia, porque dessa forma, essa correlação poderá ser mais bem compreendida. O autor acrescenta que a LC geralmente foca nas quatro abordagens supracitadas, enquanto a LA tende a concentrar seus estudos nas duas últimas, isto é, na

44 Articulação entre a cognição e a sociedade, e tanto um conceito quanto o outro são abordados sob ângulos diversos, de acordo com o objeto e as perguntas que norteiam a pesquisa. (VEREZA, 2016, p. 567).

metáfora da língua em uso e no pensamento em uso. Na verdade, a dimensão do olhar sobre a metáfora depende da especificidade do corpus a ser investigado, do fenômeno metafórico em si, e, principalmente, das perguntas de pesquisa que norteiam a reflexão (VEREZA, 2013, p. 16).

Steen (2008) desenvolve uma abordagem não somente conceptual e linguística, já que amplia seu olhar investigativo para uma visão comunicativa, dando-lhe, portanto, uma abordagem tridimensional para entendermos esta outra face da metáfora: o efeito comunicativo.

A seguir, veremos a metáfora sistemática, a qual tem o potencial para nos dizer algo sobre a maneira como falantes conceptualizam o mundo, ou como querem que o conceptualizemos, conforme Maslen (2016, p. 88).

1.7 **Metáfora sistemática**

Trabalhar com corpus equivale a trabalhar com padrões, repetições e recorrências. Nesta seção da tese é interessante olharmos como os teóricos da metáfora veem o fenômeno da recorrência e sistematicidade da metáfora no discurso: a metáfora sistemática.

O conceito de metáfora sistemática surge com Cameron (2003), cuja contribuição resulta em uma linha metodológica estabelecendo procedimentos analíticos para a pesquisa com metáfora. Nesse sentido, a metáfora sistemática (CAMERON; DEIGNAN, 2009, p. 147) é

> [u]ma articulação entre duas ideias distintas que interagem e coadaptam no pensamento para produzir algo novo, emergente, maior do que a soma de suas partes. Esse algo novo, dinâmico e emergente é possível mediante as relações sociais que se estabelecem, também, por meio do discurso, e que justifica o posicionamento de investigar o fenômeno metafórico no uso, que se apresenta como uma unidade analítica.

Cameron (2003) justifica sua proposta argumentando que o “falar” e o “pensar” não podem ser vistos como fenômenos que acontecem separadamente, mas que são conectados um ao outro e construídos em conjunto. Segundo Maslen (2016), a sistematicidade da metáfora sistemática emerge através de **conexões repetidas** e **coerentes entre tópicos e veículos no próprio texto.** Ainda segundo o mesmo autor, “[a] análise começa com o

discurso e, para que conclusões sejam significativas, as generalizações que surgem devem ser rastreáveis até o texto[45] (MASLEN, 2016, p. 88). O surgimento do conceito de metáfora sistemática como instrumento teórico-metodológico é explicado também por Mottin (2012, p. 56) como um contraponto à TMC. A metáfora sistemática coloca em primeiro lugar o **uso**, a **recorrência** e a sistematicidade das metáforas em um determinado **contexto** de uso da língua. Com relação ao contexto, ele é sempre específico, produzido e compreendido por pessoas específicas (CAMERON, 2003, p. 3).

Para que se possa compreender a metáfora sistemática é necessário estudá-la em seu uso dialógico, pois tanto o pensamento quanto a fala, além de serem conectados, são processos dinâmicos que requerem a interpretação constante por parte dos participantes (CAMERON, 2007a). Assim, o **lócus da metáfora sistemática** está no **discurso,** porque diz respeito aos processos mentais, à linguagem, à sociedade e à cultura em síntese, nas **práticas sociais cotidianas**.

Conforme afirma Maslen (2016, p. 88),

> a pesquisa da metáfora sistemática toma como ponto de partida uma de suas características mais intrigantes: o fato de que no uso cotidiano, por mais aleatórias e desconexas que possam parecer, **nossas metáforas muitas vezes se apresentam em padrões**. Quando as pessoas se envolvem em um evento discursivo – quando falam ou escrevem, conversam ou fazem um discurso, contribuem para um debate ou elaboram um editorial, e assim por diante – certos tipos de termos metafóricos podem ser usados para se referir a certos tipos de coisas de maneira que se tornam sistemáticos. Identificar relações sistemáticas entre a semântica das metáforas linguísticas e os "tópicos" a que se referem tem o potencial de nos dizer algo sobre a maneira como **um falante ou escritor conceitua o mundo**, ou sobre como eles **querem que o conceituemos**[46]. (meus grifos)

São justamente esses padrões repetidos que nos interessam nesta tese, porque sinalizam um pensar coletivo e podem sinalizar também percepções sobre práticas sociais, como a que é estudada nesta tese, o jeitinho brasileiro.

---

45 Minha tradução para: "*Analysis starts with the discourse […], and for its conclusions to be meaningful, generalisations which emerge have to be traceable back to the text.*"

46 Minha tradução para: "*Systematic Metaphor research takes as its starting point one of metaphor's more intriguing characteristics: the fact that in everyday use, however random and disjointed they may seem, our metaphors often fall into patterns. When people engage in a discourse event – when they talk or write, have a conversation or deliver a speech, contribute to a debate or craft an editorial, and so on – certain kinds of metaphoric terms can be used to refer to certain kinds of things in ways that become systematic. Identifying systematic relationships between the semantics of linguistic metaphors and the 'topics' they refer to has the potential to tell us something about the way a speaker or writer conceptualises the world, or about how they want us to conceptualise it.*"

Mas o que seria a metáfora sistemática? A metáfora sistemática é definida como "um conjunto[47] de metáforas linguísticas, encontradas em textos autênticos, que podem ser semanticamente relacionadas" (VEREZA, 2013a, p. 110). Em contraponto à metáfora conceptual, a metáfora sistemática dá conta de um evento discursivo específico e estabelece uma relação entre o conceptual e o linguístico (CAMERON; DEIGNAN, 2009, p. 145).

Vale acrescentar que, na metáfora sistemática, a dimensão cognitiva está atrelada a textos específicos, não sendo, necessariamente, parte de um sistema abstrato de produção de significados. Ou seja, a metáfora sistemática se constitui de maneira independente das Metáforas Conceptuais subjacentes, embora exista a possibilidade de estudá-las conjuntamente (NASCIMENTO, 2015, p. 51).

A nomenclatura utilizada por Cameron (2003) é a cunhada por Richards (1936) (Ver 1.1.2) para identificação dos mapeamentos metafóricos, denominados Tópico e Veículo, os quais correspondem aos domínios alvo e fonte respectivamente, na TMC de Lakoff e Johnson (1980; 2002)[48]. O Tópico está relacionado à entidade da qual se fala na metáfora. Já o Veículo está relacionado às expressões linguísticas ou itens lexicais que são empregados num determinado discurso. Segundo Cortez (2012, p. 111), "os aspectos semânticos dos Veículos são bastante relevantes nessa abordagem, pois é na compreensão de tais aspectos que se pode perceber o que tem sido salientado na elaboração metafórica como um todo".

Por outro lado, não é apenas o Veículo que se estabiliza num determinado discurso, mas sim "um agrupamento de aspectos linguísticos e pragmáticos em torno de palavras usadas metaforicamente", como afirmam Cameron e Deignan[49] (2009, p. 156).

Partindo dessa organização, podemos assumir que "a metáfora sistemática é um conjunto dinâmico que não tem existência longe da linguagem em uso, nem pode ser reduzida a apenas um de seus elementos constitutivos, tampouco ser compreendida fora da inter-relação de tais elementos em situações reais de uso." (NASCIMENTO, 2015).

Os elementos constitutivos da metáfora sistemática discutidas por Cameron (2003) e Cameron e Deignan (2009), podem ser observados na figura abaixo.

---

47 Pesquisas recentes sobre metáfora em uso também buscam compreender a motivação de metáforas linguísticas parecerem estar sujeitas a restrições gramaticais e lexicais, a razão da distribuição inconsistente e desigual dessas metáforas linguísticas, já que são expressões de mapeamentos conceptuais, e o motivo de línguas e culturas distintas utilizarem-se de diferentes domínios-fonte. (Cf. CAMERON; DEIGNAN, 2009).

48 Nesta tese, uso os conceitos de domínios, e veículos intercambiavelmente.

49 Convencionou-se que as **metáforas sistemáticas são escritas em caixa alta e itálico** a fim de não serem confundidas com as metáforas conceptuais de Lakoff e Johnson (1980), as quais são tecnicamente rotuladas apenas em caixa alta (CAMERON, 2003, 2008; CAMERON; MASLEN, 2010).

Figura 2 – Elementos constitutivos da metáfora sistemática

Fonte: NASCIMENTO 2015, p. 53.

Assim, ao sintetizar a natureza ontológica da metáfora sistemática, podemos caracterizá-la sob cinco pilares: **linguístico, cognitivo, afetivo, sociocultural** e **pragmático** (Cameron e Deignan, 2009)**.** O primeiro pilar é linguístico porque é através do uso de uma palavra ou frase que podemos obter algum significado em um referido contexto. O segundo é cognitivo porque a linguagem do dia a dia nos revela sistemas de "mapeamentos" metafóricos. O terceiro pilar é afetivo, porque os "veículos" demonstram, com frequência, atitudes, valores, crenças, opiniões e avaliações e, como será mostrado adiante, alinhamentos e pertencimentos a determinadas comunidades. Um dos pilares é de natureza sociocultural, assim como individual, porque dependendo das interações sociais, traz a bagagem cultural de cada um. O último pilar é pragmático porque é motivado pela interação e é usado para fins específicos.

Tome-se por exemplo o corpus de comentários desta tese. Em termos pragmáticos, os comentaristas querem se fazer "ouvir", querem manifestar suas opiniões, e o fazem através de comentários. Como os comentários são relativos a tópicos de interesse pessoal, muito da linguagem usada tem caráter de afeto positivo e/ou negativo. Quanto às questões metodológicas, a abordagem analítica tem de ser empírica, conforme afirma Berber Sardinha (2007, p. 45): "as metáforas sistemáticas revelam-se ao analista por meio das palavras, expressões e frases empregadas e reiteradas pelos participantes".

Por fim, ainda sobre as metáforas sistemáticas, é fundamental acrescentar que, diferentemente dos dados utilizados por Cameron (2003), cujo corpus consistia de interações bem formadas, com perguntas e respostas, afirmações e confirmações, meus dados de pesquisa advêm do discurso fragmentado, que caracterizam os comentários de redes sociais, os quais, quando muito, têm um "curti", sinalizando fala/concordância. Contudo, curiosamente, a partir de um discurso fragmentado, o qual é alimentado, muitas vezes, por anos em que o vídeo está disponível na plataforma, tem-se no Corpus Comentários, um evento comunicativo, construído colaborativamente, em que a coesão é costurada via tópicos, fazendo com que algumas metáforas sistemáticas sejam recrutadas. Dessa forma, houve a necessidade de flexibilizarmos a noção de metáfora sistemática nesta tese, por conta da tipologia do Corpus comentários, como dito anteriormente. Assim, apesar de a definição tradicional da metáfora sistemática focar na articulação entre duas ideias distintas **em um mesmo evento discursivo** (Cameron, 2003), tem-se no Corpus Comentários, um evento comunicativo construído colaborativamente, tendo os tópicos como um elemento integrador, os quais servem de arcabouço para identificação das metáforas sistemáticas, algo que será discutido no capítulo 4 de análise, mas antes disso, é importante falarmos dos *frames* como funções da metáfora.

1.8 ***Framing*** **como uma função da metáfora**

Nesta seção da discussão teórica, enfoco, ainda que de forma breve, dois conceitos utilizados na literatura para entender como e por que razão determinado conhecimento prévio é evocado, quando se usam expressões metafóricas: os conceitos *de frame e framing* (enquadre/enquadramento).

1.8.1 *Frames* ou Enquadres

As metáforas são parte integrante da comunicação e da cognição porque expressam, refletem e reforçam maneiras distintas de darmos sentido a aspectos específicos de nossas vidas, inclusive às atividades do cotidiano. Como afirmam Semino *et al* (2018, p. 625), "essa

função da metáfora é chamada, metaforicamente, de *framing*". Parece existir uma relação quase simbiótica entre o uso de metáforas e contexto mental, também chamado de *frames* (enquadres[50]) no qual são articuladas.

A noção de *frames* tem feito parte de estudos cognitivos como um princípio importante para Ciência Cognitiva, desde a década de 1930 até os dias de hoje. A literatura sobre análise de *frames* é extensa. A obra seminal no campo é a de Goffman (1986), obra cujo subtítulo é, sugestivamente, *um ensaio sobre a organização da experiência*. No livro, Goffman descreve *frame* como um esquema de interpretação no qual as particularidades dos eventos e atividades das quais participamos são *percebidas* e organizadas. O termo cunhado por Goffman (1986) parece ser produtivo, visto que foi usado por Minsky (1975) em Inteligência Artificial, Fillmore (1975) na área da Semântica, e mais recentemente, em Comunicação, por Entman (1993). Especificamente nos estudos sobre a metáfora em língua inglesa, usaram o conceito de *frame / framing*, Lakoff (2001, 2004), Semino (2008), Cameron e Maslen (2010) e Ritchie (2013).

Lakoff (2004, p. XV) define os *frames* como **estruturas mentais que moldam a forma como vemos o mundo.** Uma implicação derivada dessa asserção é que indivíduos tendem a ver o mundo de maneiras distintas. Tal implicação é particularmente importante nesta tese, pelo fato de o fenômeno estudado – a corrupção endêmica - ser percebida, muitas vezes, em polos opostos; ora de forma positiva, ora de forma negativa.

É importante fazer uma distinção entre "*frames*" e "*framing*" (VAN WIJCK; NIEMEYER, 2016). O primeiro termo geralmente é usado de *forma estática.* Dado um *frame* existente, gerando um esquema de interpretação, um observador é levado a interpretar o mundo ao seu redor de acordo com esse esquema. *Framing*, por outro lado, costuma ser usado de *forma dinâmica*, e pode ser entendido como o *processo* através do qual um enunciador pode influenciar os *frames* de coparticipantes de uma interação e, portanto, a maneira como interpretam o mundo.

Na literatura sobre *frames* de referências cognitivas, esses enquadres são definidos como estruturas de conhecimento que ajudam indivíduos a organizarem e interpretarem as informações perceptivas que lhes chegam, ajustando-as em representações cognitivas já disponíveis na memória. Há estudos que tratam de *frames* e *framing* dentro de contextos especiais, tais como organizações e movimentos sociais, como por exemplo, o estudo de Van Wijk e Niemeyer (2016). Dentro das organizações, pode haver disputas gerando o que esses

50 Os termos *frame* e *framing* são usados nesta tese, assim como suas traduções, enquadre e enquadramento, respectivamente.

autores denominam *framing contests* (disputas entre enquadramentos) e dentro de movimentos sociais pode-se observar processos de *frame alignment* (alinhamento de enquadres).

Essa ideia é claramente ilustrada por Lakoff (2004, 2008) ao apresentar uma análise das diferenças entre progressistas e conservadores nos Estados Unidos. Segundo Lakoff (2008, p. 44), progressistas e conservadores não possuem apenas objetivos e valores diferentes, mas têm também diferentes modos de organizar suas experiências e conhecimento. Segundo Lakoff, por trás de toda política progressista, existe o *frame* da empatia, acompanhada de responsabilidade e força para agir de acordo com essa empatia. Os conservadores, por outro lado, enquadram a moralidade como obediência a uma autoridade, que é quem consegue distinguir o certo do errado.

Para alguns autores, como Entman (1993, p. 52), a definição de *framing* incorpora os processos de seleção e relevância. Para este autor,

> [e]nquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais relevantes em comunicar um texto, de forma a promover uma definição de um problema específico, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma sugestão de tratamento com relação ao item descrito[51].

Nesse processo de seleção, uma determinada característica pode ter mais destaque ou não em nosso discurso, assim como pode ter um tom positivo ou negativo. As metáforas desempenham também essa função, sendo importantes na comunicação e cognição porque expressam, refletem e reforçam diferentes maneiras de dar sentido a aspectos particulares de nossas vidas. Ou seja, as metáforas servem frequentemente para dar relevância a algum aspecto do conhecimento.

Em trabalho recente, Semino, Demjén e Demmen (2018) afirmam que apesar das inevitáveis diferenças de significado para *frame/framing* nos campos de pesquisa onde o conceito é usado, *framing* tende a definir uma parte de conhecimento prévio que

(a) diz respeito a uma visão particular do mundo;

(b) gera expectativas e inferências na comunicação e ação;

(c) tende a ser associado a determinadas escolhas lexicais e gramaticais na língua.

---

51 Tradução minha para: *"To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described.*" (ENTMAN, 1993, p. 52).

As autoras propõem uma abordagem integrada para a metáfora na qual usam o conceito de *frame*. Seu ponto de aproximação à metáfora é o **texto**, no qual examinam as escolhas lexicais e gramaticais que sinalizam diferentes *frames* e apontam para padrões de uso da metáfora.

Uma questão também fundamental, segundo as autoras, é definirmos *frames* a partir de três aspectos: quanto à *agência, avaliações* e *emoções*. Um exemplo citado pelas autoras, que ilustra esses três aspectos, é o de estar doente com câncer. Ter câncer pode ser descrito a partir de dois *frames*: uma luta (*fight*) ou uma jornada (*journey)*, ou seja, um trajeto a ser percorrido. Como se pode perceber, tais *frames* implicam relações diferentes entre os sujeitos e a doença, já que os *frames* podem refletir, reforçar, atenuar, encobrir formas distintas de conceberem e experienciarem a doença.

Em outras palavras, somos suscetíveis a enquadramentos distintos, de acordo com nossa visão de mundo, de maneiras específicas. Os *frames* dependem, portanto, do *participante,* do *contexto textual,* das *escolhas feitas* a partir da *cultura* na qual esse participante está inserido, assim como da *visão de mundo* ou conhecimento enciclopédico de cada um.

Semino. Demjén e Demmen (2018) afirmam, ainda, que a noção de enquadre/*frame* é central para três perspectivas (cognitiva, discursiva e prática). Na perspectiva cognitiva as autoras tendem a ver as expressões metafóricas como a do "câncer como uma jornada", como evidência do papel central da metáfora nas estruturas e processos conceptuais. Sob a ótica do discurso, as autoras investigam as formas e funções das metáforas na linguagem em uso, levando em consideração quem as usa, por quê, em quais contextos e quais são seus possíveis efeitos e consequências. Por fim, do ponto de vista da prática**,** o foco está em como as metáforas podem ajudar ou dificultar a comunicação em ambientes institucionais específicos. As autoras concluem que não há consenso sobre como os *frames* funcionam e como melhor podemos analisá-los.

Tomemos os exemplos abaixo extraídos do corpus compilado para esta tese:

"Jeitinho brasileiro é uma herança do passado colonial do país".

"Malandro é malandro, mané é mané. O jeitinho brasileiro veio ainda na época colonial; os colonizadores portugueses eram todos bandidos, ladrões."

Nestes exemplos "jeitinho brasileiro" é visto sob o *frame* de uma herança histórico-cultural da colonização portuguesa. Entretanto, há uma diferença abissal entre os exemplos. No primeiro fala-se sobre uma herança do passado colonial. No segundo nomeia-se um agente doador da herança – os portugueses avaliados como bandidos e ladrões. Nomeiam-se também

os dois grupos envolvidos na distribuição da herança. De um lado os doadores, portugueses malandros, e do outro os herdeiros, aqueles que se deixaram enganar, os manés brasileiros. Se o conhecimento sobre a música de Bezerra da Silva, o autor, é ativado, o mundo será dividido entre o malandro, que é maneiro, sabe das coisas, que não se deixa enganar e o mané.

Em outro estudo recente, Semino (2017) examinou os diferentes enquadres do câncer e o fim da vida feitos por pacientes e por profissionais da saúde. A pesquisa foi iniciada de forma manual e usada como trampolim para a análise auxiliada por computador. O estudo é uma excelente ilustração de como trabalhar com *frames*. Esse estudo foi baseado em um corpus de 1,5 milhão de palavras, compiladas a partir de entrevistas online, assim como postagens de pacientes em estágio terminal, de seus cuidadores (familiares e profissionais). Vários padrões de uso de metáforas foram identificados por meio de uma combinação de concordâncias lexicais e semânticas. Foram constatados enquadres distintos da doença, feitas por pacientes e profissionais de saúde. O estudo revelou que os pacientes usaram enquadres de “luta” com muito mais frequência do que os profissionais de saúde, e esses enquadres se materializaram em metáforas de luta . Esse resultado tem sérias implicações para a comunicação entre esses atores.

Semino mostrou a importância de um tratamento integrado entre *frames*, metáforas e expressões linguísticas repetidas no discurso.

Tendo feito uma retrospectiva sobre o desenvolvimento da metáfora, incluindo a questão da metaforização, do papel da cultura neste processo e da importância dos *frames* como uma função metafórica, o próximo capítulo enfoca a interface entre metáfora e os estudos assistidos por computador, ou LdC.

2 **METÁFORA E CORPUS**

Esta tese tem como objetivo identificar e analisar como possíveis atos de corrupção endêmica são percebidos e verbalizados e se nessas verbalizações existem metaforizações. Para fazer um mapeamento de como um fenômeno se realiza linguisticamente, é fundamental que a pesquisa seja "organizada e sistemática" (PAIVA, 2019, p. 9). Da mesma forma, os procedimentos da pesquisa necessitam de critérios, a começar pelo desenho de pesquisa a ser implementado, e de cuidados especiais com possíveis critérios analíticos para esses não se basearem em um só ponto de vista. Nesta tese, esse obstáculo pôde ser contornado através de metodologia de extração e tratamento de dados com auxílio de computador – a chamada Linguística de Corpus (LdC).

Dentre as abordagens existentes para a pesquisa sobre metáforas auxiliadas por computador, este trabalho escolhe aquela adotada por Deignan, cuja tese sobre metáforas em língua inglesa foi defendida em 1997, e publicada como livro em 2005. Deignan abriu caminhos para pesquisas linguísticas sobre metáforas em grandes corpora de textos autênticos, com auxílio de programas computacionais. Segue também, e de forma mais pontual, a pesquisa de Vereza (2013a).

Este capítulo começa, portanto com uma discussão acerca da LdC, na subseção 2.1. Em seguida, na subseção 2.2, é feita uma reflexão a respeito das possíveis abordagens de um corpus sob a ótica de Deignan (1997, 2005). Terceiro, na subseção 2.3, mostro alguns estudos da metáfora em interface com a LdC.

2.1 **Linguística de Corpus**

> Para a Linguística de Corpus, a linguagem é, em primeiro lugar, algo que é usado em vez de conhecido[52].
>
> *Guy Aston*

52 Minha tradução para: "For Corpus Linguistics, language is in the first place something which is used rather than known".

É difícil encontrarmos uma área da Linguística que já não tenha usado o computador para extração e/ou análise de dados. Se traçarmos a gênese da LdC, temos de situá-la primeiramente como área da Linguística que estuda a **língua em uso**, foco esse por muito tempo relegado a segundo plano. Dessa forma, as duas questões essenciais da LdC são a **autenticidade dos dados linguísticos**, e **a linguagem como fator social**. Em outras palavras, a investigação com base em textos autênticos feita pela LdC parte de **evidências empíricas**.

Apesar de terem clareza quanto ao objeto de estudo da LdC, os linguistas de corpus não mostram tanta precisão quanto à identidade da LdC. Em Viana, Zyngier e Barnbrook (2011), quatorze linguistas famosos responderam a questões relacionadas ao estado da arte da LdC. As respostas chamam a nossa atenção, já que parece não haver um consenso quanto ao que a LdC seria: ora uma teoria, ora uma metodologia. Para Sinclair (1991), por exemplo, a LdC possui um status teórico, e não somente metodológico. Para Aston (2011, p. 2), há uma justificativa bastante plausível para que aceitemos os dois status para a LdC. Diz o autor que quando os linguistas a usam como metodologia, aplicam os dados oriundos de corpora, por exemplo, em dicionários e gramáticas, assim como na produção de materiais didáticos. Sob outra perspectiva, a da LdC vista como teoria, status sempre defendido por Sinclair, o objetivo principal é identificar **padrões de uso** em corpora de textos selecionados (escritos ou falados). A tarefa do linguista aqui seria investigar e produzir novas informações sobre o léxico da língua em uso, informações essas que incluem a frequência e distribuição do léxico em determinados gêneros e possíveis combinações lexicais, entre outros fenômenos. Independentemente de ser usada como teoria ou como metodologia, o ponto de partida para a LdC é invariavelmente o corpus: uma compilação de textos autênticos digitais ou digitalizados que são armazenados e processados por meio de programa de computador.

Vale ressaltar que o objeto de pesquisa para extração e tratamento de dados com auxílio de computador é o corpus ou corpora (no plural), e não o texto. A diferença entre um e outro é algo muito bem caracterizado no quadro elaborado por Tognini-Bonelli (2001, p. 3), a seguir:

Quadro 2 – Diferenças entre texto e corpus

Texto	**Corpus**
Leitura por inteiro	Leitura fragmentada
Leitura em sentido horizontal	Leitura em sentido vertical
Leitura para obter conteúdo	Leitura para obter padrões de uso
Leitura como evento único	Leitura de eventos repetidos (padrões)
Textos contendo exemplos da língua em uso	Corpus contendo *insights* sobre a língua como sistema
Texto como evento comunicativo coerente	Corpus como evento comunicativo não coerente

Fonte: TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 3, traduzido e adaptado pela autora desta tese.

Textos e corpora são, portanto, distintos. A pergunta que se faz é se, mesmo com essas diferenças, seria possível abordarmos um corpus e um texto da mesma forma analítica. Tognini-Bonelli (2001) argumenta que as duas abordagens são fundamentalmente distintas sob vários pontos de vista. A autora sintetiza muito bem essa série de contrastes entre texto e corpus, dizendo que apesar de essas duas fontes de evidência terem algumas semelhanças, ambas implicam etapas analíticas muito diferentes, as quais são de importância vital para qualquer investigação sobre fenômenos linguísticos sistemáticos e/ou situados, como aqueles investigados nesta tese. Como diz a autora:

> É importante entender que um corpus contém evidências de texto e, portanto, dado um quadro metodológico diferente de análise, o corpus também produz *insights* sobre um texto específico. **O corpus, na verdade, pode oferecer ao analista um ponto de vista privilegiado sobre as evidências.** Isto é possível pela nova possibilidade de se acessar simultaneamente a instância individual, que pode ser lida e expandida no eixo horizontal da concordância e a prática social recuperável a partir dos padrões repetidos de co-seleção, o eixo vertical da concordância. Aqui, a frequência de ocorrência é indicativa de frequência de uso e isso dá uma boa base para avaliar o perfil específico de uma palavra, estrutura ou expressão em relação a uma norma. O eixo horizontal também retrata, no nível local, a padronização sintagmática, enquanto o eixo vertical produz a disponibilidade paradigmática[53] (p. 3-4).

Por exemplo, nesta tese, investiga-se uma expressão de busca específica: o "jeitinho brasileiro" em corpora compilados especificamente para a tese. Ao mesmo tempo que a

53 Fonte, do original, Tognini-Bonelli (2001, p. 3-4). "*It is important to understand that a corpus contains text evidence and therefore, given a different methodological framework of analysis, it yields insights into the specific text as well. The corpus, in fact, is in a position to offer the analyst a privileged viewpoint on the evidence, made possible by the new possibility of accessing simultaneously the individual instance, which can be read and expanded on the horizontal axis of the concordance1 and the social practice retrievable in the repeated patterns of co-selection on the vertical axis of the concordance. Here, frequency of occurrence is indicative of frequency of use and this gives a good basis for evaluating the profile of a specific word, structure or expression in relation to a norm. The horizontal axis also portrays, at the local level, the syntagmatic patterning, while the vertical axis yields the paradigmatic availability*".

análise foca na existência de padrões de combinações à direita e à esquerda da palavra de busca (eixo sintagmático), foca também em seleções no eixo paradigmático.

A gênese da LdC remonta a três pesquisadores que, de uma forma ou de outra, valorizaram o léxico como objeto de estudo e delinearam o caminho para uma mudança de foco na Linguística: Malinowski (1935), Firth (1957) e Sinclair (1966). Os três linguistas colocaram o léxico e seu contexto no discurso como foco de investigação. Malinowski, considerado o pai da Antropologia Social, enfatizava o caráter pragmático da linguagem, ou seja, o uso da língua em situação social. Para o autor, "linguagem é ação" (1935, p. 52) e por meio da linguagem, criamos significados únicos, já que, sob esta ótica, não se pode ignorar o contexto no qual a língua está inserida. Sob a ótica de Malinowski, as ações humanas são executadas através de padrões linguísticos. Seu discípulo, Firth, por sua vez, também chamava a atenção para o fato de a natureza do significado estar atrelada ao contexto, a partir da noção de "contexto de situação".

Firth é o primeiro autor a falar sobre colocação (*collocation*), um conceito sobre a associação de dois itens lexicais que está no centro da LdC, e que é também usado nesta tese. Firth (1957, p. 11) ficou conhecido pela famosa citação: "Você conhece uma palavra pela companhia que ela mantém"[54]. Ou seja, os elementos linguísticos possuem uma rede de relações sintagmáticas e paradigmáticas que envolvem o léxico e a gramática, fenômeno este que Firth chamou de **colocação**. Esta tendência de itens lexicais à "colocação" implica uma ordem específica para enviar uma mensagem específica, fornecendo uma espécie de perfil semântico das palavras. Outra questão levantada nas pesquisas de Firth foi reconhecer a importância do **cotexto** de uma palavra de forma a conhecê-la melhor. O cotexto é formado por palavras que aparecem próximas ao léxico sob análise. Mais tarde, Halliday (1994) usou a metáfora do "meio ambiente linguístico" de um item lexical para definir o cotexto.

O léxico também foi o centro da reflexão nas obras de Sinclair. Em seu livro de 2004 (p. 141-142), Sinclair afirma que uma palavra mantém companhias lexicais (**colocação**), mantém companhias gramaticais (**coligação**) e prefere sentidos positivos ou negativos a que ele chamou de **prosódia semântica**. Sinclair argumentou que os significados não estão confinados a palavras individuais, mas possuem extensões mais amplas (*spans*), mesmo que, a princípio, os significados não sejam tão evidentes. Tais extensões que vão além da palavra são chamadas por Stubbs (2001, p. 60) de "unidades estendidas de significados ou itens lexicais".

54 "*You shall know a word by the company it keeps*" (1957, p. 11).

Sardinha (2000, p. 351) explica-nos que os três fenômenos, colocação, coligação e prosódia semântica formam associações distintas. Na colocação, as associações ocorrem entre itens lexicais e campos semânticos. Na coligação, as associações são entre itens lexicais e gramaticais, ou seja, é o léxico nas posições gramaticais preferidas. Por fim, na prosódia semântica, a associação acontece entre itens lexicais e suas possíveis conotações, negativa, positiva ou neutra. Dito de outra forma, uma palavra mantém companhias lexicais como em *jeitinho brasileiro* (colocação), mantém companhias gramaticais preferidas como *jeitinho brasileiro* ***de resolver*** (coligação), e prefere sentidos positivos ou negativos, como em ***a consequência da corrupção*** (prosódia negativa) e *o* ***resultado da*** *pesquisa sobre corrupção* (prosódia positiva). Por sua vez, a **preferência semântica** representa o campo semântico preferido de um léxico. O item lexical "corrupção" parece preferir o campo semântico da política enfocado em textos jornalísticos, para citar um exemplo.

Além de descrever em detalhe essas associações, Sinclair postulou também dois princípios organizacionais que regem a linguagem e explicam muitas das escolhas lexicais que fazemos ao falarmos ou escrevermos. Segundo o autor, (1991, p. 109-110), esses princípios, que são o **princípio da livre escolha** (*open choice principle*) e o **princípio idiomático** (*idiom principle*) são vitais para entendermos por que razão agrupamentos lexicais se repetem com frequência ou não, dentro de determinados gêneros/corpora. Qualquer texto é, portanto, o resultado do entrelaçamento desses dois princípios: ora fazemos escolhas inusitadas de natureza léxico-gramatical ou recorremos a unidades estendidas de significados, compostas por dois, três ou mais itens, já ouvidos/lidos e internalizados. Em outras palavras, fazendo a ponte entre a LC e a LdC, e aplicando-se à linguagem metafórica, pode-se dizer que as metáforas não convencionais, isto é, criativas ou novas fazem parte do *princípio da livre escolha*, enquanto a metáfora usual, repetida e internalizada é parte do *princípio idiomático*.

A LdC produziu um volume considerável de publicações, desde sua gênese até o dia de hoje. Gries (2013), por exemplo, chamou a atenção de outros fatores, além da frequência e da combinação de itens lexicais na contagem do léxico em um corpus. Um desses fatores é a sua distribuição no corpus. Para Gries, não basta olhar qual item lexical se repete, mas **onde** se repete no corpus. Esse "onde", segundo o autor, é a **dispersão**: uma medida estatística básica, muitas vezes subutilizada em LdC, a qual representa o grau de distribuição de um item lexical num corpus. Em outras palavras, a dispersão é um cálculo que avalia e relativiza a distribuição de um item lexical em um corpus. Há diferentes modos de calcular a dispersão e o próprio software usado nas análises pode fazê-lo. Entretanto, como afirmam Burch, Egbert e Biber (2017, p. 190), "[a]pesar de a medição da frequência de palavras ser relativamente

simples, os linguistas de corpus e criadores de listas de vocabulário ainda não chegaram a um consenso sobre a melhor fórmula para medir a dispersão lexical”[55].

Por fim, vale enfatizar que a frequência de um item lexical em um corpus e sua dispersão são dois conceitos distintos. A frequência é a contagem de itens de um corpus, ou seja, se um item lexical aparece com mais frequência em um corpus, ele deve ser mais importante naquele corpus. Entretanto, se esse corpus contém diversos subcorpora, o item lexical pode ser frequente em um subcorpus específico, mas não em todos. Assim, a frequência alta de um item em um corpus por si só pode ser enganosa.

2.2 **O corpus e suas possíveis abordagens na LdC**

> Embora o escopo da Linguística de Corpus possa ser definido em termos do que as pessoas fazem com corpora, seria um engano assumir que a Linguística de Corpus é somente um meio mais rápido de descrever como a linguagem funciona […] A análise de um corpus pode revelar, e frequentemente revela, fatos a respeito de uma língua que nunca se pensou em procurar.
>
> *Berber Sardinha*

O status da LdC como teoria ou como metodologia ou ambos depende dos objetivos do/a pesquisador/a (SARDINHA, 2011, p. 30). De acordo com cada uma dessas visões, podemos entrar no corpus de duas maneiras, que foram descritas e sintetizadas por Tognini-Bonelli (2001), a qual, de acordo com McEnery e Hardie (2012, p. 10), “[é] responsável por uma das mais influentes caracterizações da base teórica da abordagem neo-firthiana[56] em

55 “*Whereas the measurement of word frequency is relatively straightforward, corpus researchers and vocabulary list creators have yet to come to a consensus on the best formula for measuring lexical dispersion*” (BURCH; EGBERT; BIBER, 2017, p. 190).

56 Como o rótulo sugere, os pesquisadores trabalham dentro da estrutura de uma abordagem para linguagem sugerida por J.R. Firth. John Sinclair foi uma das primeiras pessoas a reunir as ideias de Firth como uma metodologia para LdC. Muitos dos outros estudiosos importantes nesta tradição – incluindo Michael Hoey, Susan Hunston, Bill Louw, Michael Stubbs, Wolfgang Teubert e Elena Tognini-Bonelli – são, ou foram anteriormente, associados com a Universidade de Birmingham, onde Sinclair foi professor de inglês de 1965 a 2000. Duas ideias centrais na abordagem da LdC favorecidas pelos neofirthianos são colocação e discurso. Nos

termos de linguística orientada por corpus". Tognini-Bonelli (2001) sugere dois rótulos para os modos de entrada em um corpus, modos esses que estão intimamente ligados aos objetivos da pesquisa a ser desenvolvida: a abordagem dirigida por corpus (corpus-driven approach) e a abordagem baseada em corpus (corpus-based approach).

Na primeira abordagem, "dirigida pelo corpus" "o próprio **corpus incorpora uma teoria da língua**", segundo Tognini-Bonelli (2001, p. 84-85). Conforme ressalta Shepherd (2009, 153-154), essa

> [a]bordagem direcionada pelo corpus, portanto, visa à **observação e análise de padrões e frequências lexicais**. A observação desses padrões pode levar à hipótese, que pode levar à generalização. Em outras palavras, os dados obtidos a partir de corpora podem ser usados para a formulação de descrições de natureza léxico-gramatical.

Na abordagem dirigida pelo corpus, as evidências emergirão dos dados e serão o cerne dos resultados para o pesquisador, como ressalta Oliveira (2009, p.49):

> Novas análises feitas com auxílio de programas de computador podem também levar a descobertas sobre aspectos linguísticos até então não considerados como relevantes pelos pesquisadores, visto que evidências não esperadas podem emergir dos dados. Para que isso possa acontecer, ou seja, para que estas evidências sejam percebidas, alguns linguistas envolvidos com estudos de corpus têm enfatizado que é preciso confiar no texto - "*trust the text*" […], para observá-lo da forma mais isenta possível, deixando que os dados sejam a base para novas descrições e análises, que poderão levar a novas descobertas teóricas.

Quanto à abordagem baseada em corpus, Shepherd (2009b, p. 153) diz que se trata de "uma metodologia que se aproveita do corpus essencialmente para testar e exemplificar teorias e descrições linguísticas preexistentes. Através dessa abordagem, o corpus pode ser usado como fonte de exemplos, que são quantificáveis em sua frequência e extensão".

Deignan (2005), também discorre sobre a diferença entre as abordagens dirigida e baseada em corpus. Para ela, a abordagem dirigida pelo *corpus* serve como base empírica através da qual retiram-se dados e detectam-se fenômenos linguísticos, sem suposições anteriores. As conclusões são alcançadas por meio das observações do corpus em estudo. Por

---

escritos de Sinclair, a centralidade da colocação está ligada acima de tudo à centralidade de significado. Como a própria noção de colocação, a atribuição de um papel central na linguística para o significado no contexto, em última análise, deriva de Firth, mas a linguística de corpus neofirthiana foi desenvolvida extensivamente por Sinclair. Quanto ao discurso, o único entendimento consistente desse termo em todos os campos da linguística é que ele se refere a unidades de linguagem acima do nível da frase (MCENERY; HARDIE, 2011 p. 122-134).

outro lado, no caso de uma investigação baseada em corpus[57], há um fenômeno linguístico a ser focado, como por exemplo o número de vezes que a voz passiva é usada num corpus de artigos acadêmicos, e a investigação é realizada a partir dele.

Qualquer que seja a natureza da investigação, dirigida por ou baseada em corpus, Hunston (2002, p. 23) complementa, dizendo que o corpus tem limites, visto que "**um corpus pode oferecer evidências, mas não pode dar informações**", ou seja, "são os linguistas que produzirão novas informações, teóricas ou aplicadas, a partir do corpus". Esta característica do corpus, de evidenciar fenômenos linguísticos, sem, no entanto, os explicar, suscita outras discussões. Teria a LdC um *modus operandi* apenas computacional e quantitativo? Oliveira (2009, p. 50) faz algumas observações críticas e relevantes em relação ao modo como alguns pesquisadores analisam seus resultados:

> Muitos desses pesquisadores apresentam resultados estatísticos sem desenvolverem discussões complementares ou confrontações com resultados anteriores. Não bastam somente números ou estatísticas para descrever fatos linguísticos, sem levarmos em conta o cotexto e os aspectos socioculturais ligados aos textos.

Entende-se aqui que a pesquisa quantitativa é parte integrante da análise de corpus, porém não parece suficiente para um entendimento minucioso dos resultados. Por esta razão, uma abordagem qualitativa torna-se fundamental para que se possa complementar a análise. Assim, números estatísticos *per se* não são indicadores prontos. Eles precisam ser destrinchados para que se possa construir uma análise satisfatória. Neste quesito, o papel do pesquisador torna-se fundamental. Em outras palavras, as ferramentas computacionais vão nos indicar tendências e mostrar probabilidades, padrões de ocorrência ao lidarem com grande quantidade de dados, mas a análise quantitativa sozinha não nos dará uma visão por inteiro dos resultados da pesquisa.

2.2.1 Reflexão sobre os princípios adotados por Deignan

57 Desde a publicação de Tognini-Bonelli, o termo informado pelo corpus (*corpus-informed*) informado vem sendo usado também, especialmente naqueles trabalhos de preparação de programas e livros didáticos, especialmente nas áreas de línguas com propósitos especiais. Um bom exemplo é: BOULTON, A.; CARTER-THOMAS, S.; ROWLEY-JOLIVET, E. (org.) *Corpus-informed research and learning in ESP*: issues and applications. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

Em favor de estudos linguísticos a partir da análise de corpora com auxílio do computador, Deignan (2005) enumera as inúmeras vantagens proporcionadas pela interface corpus/computador na análise linguística, e, em especial, na análise de metáforas. Primeiro, como a memória humana é limitada, não é possível competir com o computador quando é necessário produzir todo e cada exemplo de um fenômeno linguístico que se quer estudar. Uma outra vantagem é que a análise de corpus pode nos ajudar a obter resultados menos subjetivos do que aqueles provenientes somente da intuição do analista. Deignan sugere ainda que as técnicas utilizadas na análise de corpus se encaixam perfeitamente numa abordagem "***bottom-up**" (ou **indutiva)***, isto é, partindo-se dos dados, pode-se chegar a possíveis conclusões, e, ressalta que, consequentemente, a análise de corpora tem muito a oferecer à análise de muitos aspectos da língua ainda por serem estudados.

Em síntese, a relevância da pesquisa seminal de Deignan sobre metáfora associada à LdC, deve-se a alguns princípios fundamentais:

1. Relações sintagmáticas e semânticas são fundamentais para o estudo da metáfora e são visíveis com o auxílio dos programas concordanciadores;
2. Exemplos inventados não geram hipóteses reais;
3. Resultados convincentes podem ser alcançados com base em dados empíricos; além de fornecerem exemplos autênticos da língua em uso, fornecem também padrões;

A abordagem da LdC pode contribuir para nossa compreensão da metáfora. Da mesma forma, pode-se dizer o mesmo com relação ao estudo da metáfora, que também pode contribuir para estudos em LdC. Uma análise lexical **guiada pelo** corpus em grande escala pode surpreender o/a pesquisador/a pela frequência e sistematicidade da metáfora na linguagem natural (HANKS, 2010, p. 148)

2.3 **Linguística de Corpus e estudos da metáfora**

> A princípio, a compreensão de qualquer fenômeno linguístico pode se beneficiar de uma análise sistemática de grandes quantidades de dados autênticos. [...] Isso se aplica

> particularmente a qualquer fenômeno que seja frequente na linguagem. […] A metáfora é um desses fenômenos, particularmente, como é vista dentro da linguística cognitiva[58].
>
> *Semino*

Segundo Shepherd (2018)[59], analisar um corpus digital ou digitalizado equivale a fazer um raio-X de seu léxico, através da contagem de todo e cada item que compõe o corpus, seus colocados, coligados e suas concordâncias. Por exemplo, ao fazermos uma lista de itens lexicais, podemos analisar quais são os mais frequentes, assim como também podemos verificar se na contagem desses itens predominam mais aqueles de natureza gramatical ou lexical. Das listas de itens lexicais podemos também investigar quais são os colocados principais de determinado item lexical, assim como quais blocos lexicais ocorrem com a mesma palavra. Além disso, podemos gerar informações sobre os padrões de ocorrência de palavras ou grupos de palavras e dessa forma, entender as fraseologias constantes do corpus analisado. Estas são exatamente as crenças adotadas como seminais em qualquer estudo de metáfora com corpus, segundo Deignan, e seguidos por esta tese.

O uso do computador para "garimpar" itens lexicais é extremamente útil também na investigação da metáfora, tanto que esses estudos já têm pelo menos[60] 20 anos. Pesquisas com base na interface entre LdC e Metáfora continuam sendo relevantes e têm sido implementadas de diferentes maneiras e para inúmeros fins. Tal relevância se dá principalmente, porque qualquer fenômeno linguístico, que seja frequente na língua em uso, como por exemplo a metáfora linguística, pode ser beneficiado, se analisado sistematicamente em grandes quantidades de dados (SEMINO, 2017, p.463).

Os estudos da metáfora baseados em corpus já contam com uma produção volumosa. Semino (2017) cita pesquisas que fizeram ou testaram generalizações sobre o uso de metáforas, usando corpora de *referência*, ou seja, grandes corpora de cunho geral, compilados para serem usados como parâmetros no estudo da língua em uso. No caso dos corpora

---

58 Minha tradução para: "*In principle, the understanding of any linguistic phenomenon can benefit from being systematically analyzed in large quantities of naturally occurring data* […]. *This applies particularly to any phenomenon that is claimed to be frequent in language* […]. *Metaphor is such a phenomenon, particularly as it is viewed within cognitive linguistics*" (SEMINO, 2017, p. 463).

59 Comunicação pessoal.

60 Há um bom levantamento dos trabalhos sobre a interface metáfora e corpus digital em: DEIGNAN, A. Corpus linguistics and metaphor. *In:* GIBBS JR., R. (org.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 280-294.

preexistentes, a pesquisa de corpus envolve textos inteiros, como é o caso de um estudo sobre metáforas na Bíblia e no Alcorão, de Charteris-Black (2004).

Além dos corpora de referência no estudo da metáfora, também existe a possibilidade de o pesquisador criar seu próprio corpus, quando o foco é o uso de metáforas em um determinado gênero ou registro, por exemplo. Entre inúmeros casos desse procedimento citados por Semino (2017), são o estudo de Skorczynska e Deignan (2006) e o de L´Hôte (2014). No primeiro, os corpora foram retirados de periódicos e artigos de negócios e no segundo, os corpora continham programas e discursos de líderes de partidos políticos. Há também a compilação de corpora específicos quando o estudo de metáfora é diacrônico, como o de Tissari (2001), que compara metáforas centrais para a conceptualização do amor em inglês antigo, moderno e atual .

No âmbito brasileiro, Berber Sardinha (2009) vem sendo pioneiro no estudo da metáfora com ajuda da LdC. O autor mostra-nos como proceder para selecionar candidatas a metáforas e o uso de um concordanciador, tanto na abordagem baseada em corpus como direcionada por ele. Em um outro artigo de 2011, Berber Sardinha discute quatro aspectos da pesquisa sobre metáfora sob o ponto de vista da LdC: o primeiro diz respeito à lexicogramática das metáforas, que se refere aos padrões da metáfora linguística revelados pela análise de corpus. O segundo mostra as probabilidades metafóricas, que é uma faceta da metáfora que emerge a partir dos estudos relacionados à frequência de metáforas. O terceiro propõe dimensões da variação de metáforas, ou a busca por parâmetros sistemáticos de variação de uso de metáfora em diferentes gêneros. A quarta interface proposta pelo autor captura automaticamente a metáfora e está relacionada ao desenvolvimento de *softwares* que auxiliam na identificação de metáforas em corpora. Berber Sardinha defende que esses quatro aspectos são inter-relacionados, e que progressos em um deles podem acarretar mudanças nos outros.

Outra pesquisa relevante nesse contexto é a de Semino (2017), cujo estudo sobre metáforas, baseado em corpus, tem o câncer e o fim da vida como tema. Nessa pesquisa, a autora também compilou seu próprio corpus de 1,5 milhão de palavras de entrevistas online, assim como postagens de pacientes em estágio terminal, seus cuidadores, familiares e profissionais[61]. Semino, nesta pesquisa, iniciou a análise de forma manual, como um trampolim para a análise auxiliada por computador. Uma variedade de padrões de uso de

61 Semino constatou diferenças quantitativas no uso da metáfora de VIOLÊNCIA entre profissionais de saúde e pacientes. Esses últimos recorrem a essas metáforas mais frequentemente.

metáforas foram identificados por meio de uma combinação de concordâncias lexicais e semânticas.

Estudos mais recentes na interface de metáfora e LdC incorporam análises de palavras-chave e de chavicidade como parte de sua metodologia. Segundo Semino (2017, p. 467)[62], a LdC considera que "as palavras-chave são aquelas usadas com muito mais frequência (em uma extensão estatisticamente significativa) em um corpus de dados em comparação a um corpus de referência (geralmente maior)". Por fim, vale ressaltar que a própria virada cognitivo-discursiva, a qual Vereza (2010, 2013) faz referência, marca o protagonismo que a interface metáfora – LdC tem exercido nos dias atuais (ver capítulo 1).

Esta tese situa-se nesta produtiva interface metáfora/LdC. Inicia com uma abordagem dirigida por corpus (*corpus-driven*), cujos pontos de entradas são itens lexicais em corpora exploratórios, mas segue, no seu todo, um procedimento híbrido, porque uma vez estabelecidos os significados dos itens iniciais, a tese recorre à percepção do analista , à sua interpretação qualitativa sobre *frames*, entre outros. Tais procedimentos serão descritos em mais detalhes, no próximo capítulo intitulado Materiais e Métodos, no qual mostro o passo a passo da coleta do corpus e o tratamento dos dados.

62 Tradução minha para "*keywords are words that are used much more frequently (to a statistically significant extent) in one´s corpus of data as compared with a (usually larger) reference corpus*."

3 **MATERIAIS E MÉTODOS**

Este capítulo descreve os materiais e procedimentos metodológicos desta pesquisa, assim como os justifica. A tese objetiva levantar padrões metafóricos, a partir de falantes do português brasileiro contemporâneo, com o objetivo de analisar como verbalizam um aspecto do fenômeno da corrupção endêmica, ao comentarem vídeos de uma rede social. Começo explicitando a coleta de dois corpora pequenos, procedimento sugerido por Deignan (2005) e Vereza (2013b) para a prospecção de metáforas. O primeiro corpus, denominado **Corpus N**, foi compilado a partir do banco de dados textuais *NOW*, composto de textos de mídia impressa em português brasileiro contemporâneo. O segundo corpus, denominado **Corpus S**, é um corpus de símiles compilado a partir do site de busca *Google*. Em seguida, discuto os procedimentos de compilação do denominado **Corpus C**, compilação de vários corpora de comentários feitos a vídeos da plataforma *YouTube*, os quais versam, em sua maioria sobre o tópico do "jeitinho brasileiro".

3.1 **Sobre a tipologia da pesquisa**

Esta tese é de ordem empírica, pois trata de dados reais que foram extraídos a partir de depoimentos espontâneos coletados *online*, além de comentários feitos em rede social. Além disso, possui abordagem híbrida (Quanti-Quali), já que faz uso tanto de análise quantitativa quanto qualitativa. Com relação à forma como os textos foram pesquisados, a abordagem escolhida foi *top down*, ou seja, a pesquisa começou por uma prospecção dos corpora.

3.2 **A coleta e tratamento de dados**

Esta tese segue princípios teórico-metodológicos da LdC, adotados por Deignan (1997, 2005, 2008) no estudo das metáforas linguísticas. A autora sugere três possibilidades para abordagem exploratória de corpora. Dessas três, somente a última é relevante para esta tese. Diz Deignan (2005, p. 93) que o linguista de corpus pode

1. associar-se a um lexicógrafo para garimpar o léxico. Através de milhões de palavras, o léxico é examinado pela frequência, padronização e a semântica das palavras na compilação de dicionários. Uma das funções de um lexicógrafo, por sua vez é de sinalizar usos metafóricos no banco de dados enquanto trabalham com as concordâncias de todo o léxico. Contudo, uma oportunidade como esta, isto é, de se ter a colaboração de um lexicógrafo, é rara, como ressalta Deignan;
2. recorrer a dicionários de sinônimos. Os itens lexicais selecionados como sinônimos seriam também palavras indicativas do tema. Essas palavras podem ser selecionadas e a elas acrescentados seus colocados. A partir dessas combinações de palavras, forma-se, então, uma lista de itens lexicais a ser investigada;
3. começar com um mapeamento manual de um corpus pequeno. Devido ao tamanho reduzido do corpus, o pesquisador pode ter acesso a uma gama de metáforas linguísticas e seus colocados nesse corpus e a informações pontuais a respeito de seu contexto.

Nesta tese foi utilizada a abordagem 3, como será ilustrado mais abaixo.

Outro princípio teórico-metodológico utilizado nesta tese é com relação à compilação dos corpora pequenos, denominados exploratórios nesta pesquisa, com base em Vereza (2013b), os quais serão identificados em 3.3, a seguir.

3.3 **Compilação dos corpora pequenos**

Esta tese estuda a corrupção endêmica, que pode ser encapsulada por um termo específico, “jeitinho brasileiro”. Para esse estudo, foram feitas duas coletas de corpora pequenos, cada uma apontando para algo distinto. A primeira coleta foi feita a partir de uma seção do Corpus do Português[63], denominada NOW (*News on the Web*) e a segunda, usando-se o mecanismo de busca do *Google* para a coleta de símiles, emulando trabalho de Vereza (2013b). Os dois corpora pequenos foram usados como corpora exploratórios ou de “sondagem” ao longo do trabalho e, para melhor sistematização, serão chamados doravante de **Corpus N** e **Corpus S**.

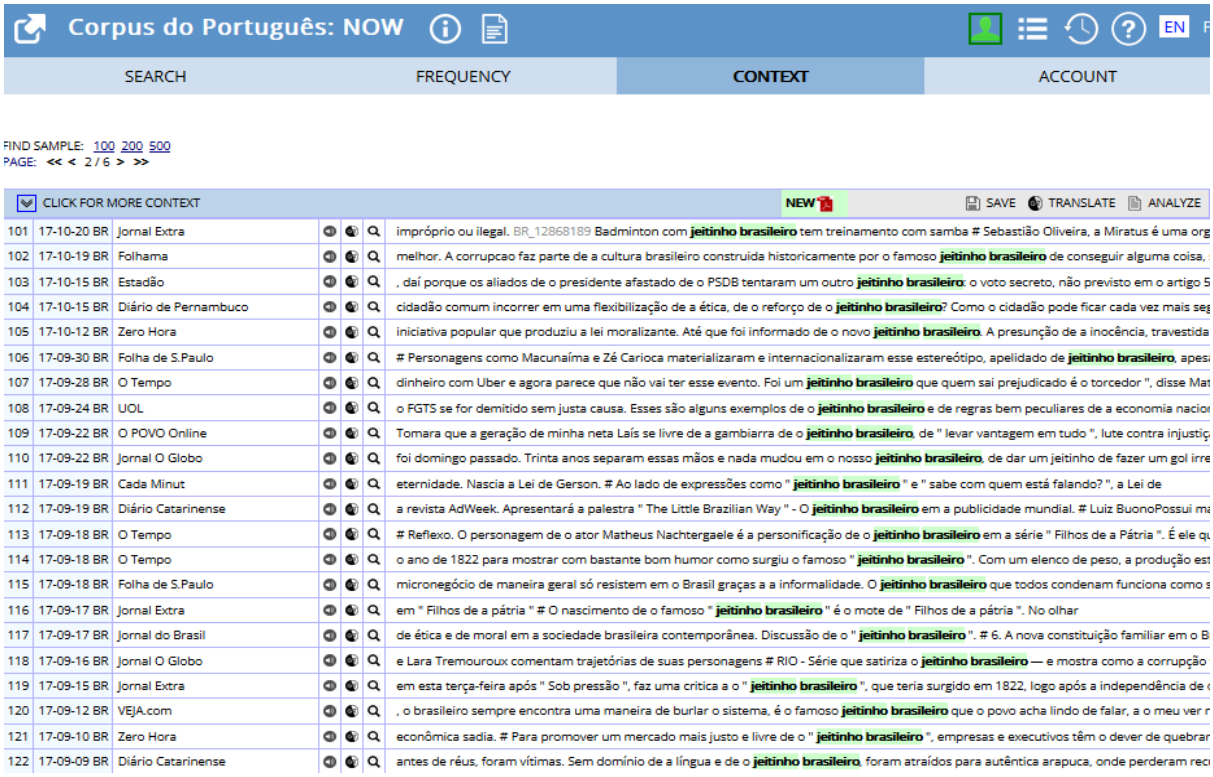
63 Disponível em: https://www.corpusdoportugues.org/. Acesso em: 15 jan. 2022.

3.3.1 Corpus exploratório N

O Corpus do Português é um banco de dados textuais da língua portuguesa, criado em 2004 por Mark Davies e à época da criação, abrigado na Bringham Young University. O corpus contém mais de 2 bilhões de palavras, distribuídas entre 4 seções, uma das quais é o componente *NOW*. Essa seção do Corpus do português contém 1.4 bilhões de palavras provenientes de jornais, revistas e blogs oriundos do Brasil e de Portugal, publicados *online*, de 2012 até 2019 inclusive. O corpus *NOW* foi escolhido como "corpus de ensaio" pelo fato de que seus textos estão circunscritos a um período curto e suficientemente recente para retratar a língua em uso do início do século 21, período esse em que se falou muito sobre corrupção e jeitinho no Brasil.

A partir da plataforma do Corpus NOW, fez-se uma busca pela expressão "jeitinho brasileiro", como na amostragem, a seguir, na Figura 3.

Figura 3 – Amostra de linha de concordância de Jeitinho Brasileiro no Corpus N



Fonte: Corpus do Português: *NOW* online, 2022.

Essa busca gerou 505 linhas de concordância, das quais foram retiradas 13 por serem oriundas de mídias escritas de Portugal. Restaram 492 linhas de concordâncias, as quais constituíram o **Corpus N** desta tese. As 492 linhas continham apenas 6 instâncias do padrão

“jeitinho brasileiro é”, que é um **padrão de linguagem de definição**, como se pode observar, a seguir:

Tabela 1 – Instâncias do padrão “Jeitinho brasileiro é” do Corpus N

Publicação	Fonte	Corpus N – Jeitinho brasileiro é
13-06-06-BR	Baguete	O jeitinho brasileiro é capaz de tudo mesmo.
14-08-01-BR	Revista Época	O pior de o jeitinho brasileiro é a mania de deixar tudo para a última hora
15-02-06-BR	Veja.com	Eu sempre digo isso, que o jeitinho brasileiro é só uma forma de colocar farinha no feijão para render
15-02-06-BR	Veja.com	O jeitinho brasileiro é o jeito de ser de o brasileiro, não do venezuelano
17-03-30-BR	Campo Grande News	“O jeitinho brasileiro” é coisa do passado. Foi o discurso uniforme de empresários sul mato-grossenses
17-12-11-BR	Revista Época	O jeitinho brasileiro é chamar o médico para sair de o hospital, marcar reunião

Fonte: Extraído do Corpus N

O que fazer quando os *insights* revelados pelos padrões oriundos de um corpus exploratório são poucos? No nosso caso, os seis exemplos pouco iluminaram a pesquisa do corpus maior. Uma solução foi analisar o **entorno** da palavra de busca através de seus colocados frequentes, tanto à esquerda quanto à direita. Para a compilação dos colocados, ativou-se a própria busca embutida no Corpus do Português NOW, estabelecendo-se uma distância mínima (*span*) de 4 itens para a direita e para a esquerda. Não foram consideradas as palavras funcionais (artigos, pronomes, preposições) e só foram deixados os itens lexicais. A busca por colocados de “jeitinho brasileiro” no Corpus N resultou, entre outros itens, em sete instâncias da palavra “resolver” à direita, como nas linhas abaixo:

Exemplo 1[64]:
a separação entre as esferas privada e pública no país, salientada pelo "jeitinho brasileiro” para **resolver os conflitos**. (Carta Capital)

Exemplo 2:
Mas flerta com possíveis novas violações e com o "jeitinho brasileiro" de **resolver as coisas**. (Consultor Ju rídico)

Exemplo 3:

64 Todos os exemplos extraídos do Corpus C tiveram a nomenclatura Exemplo + números sublinhados, para melhor visualização.

O famoso jeitinho brasileiro de **resolver as coisas** por vias tortas - algo tão abjeto que em tempos... (Zero Hora)

Exemplo 4:
pois acomodados com o "jeitinho brasileiro" de **resolver os problemas** diários e pior de o que isso, acostumados... (Consultor Jurídico)

Exemplo 5:
comprar drogas por *delivery*, e capaz de sustentar o tradicional "jeitinho brasileiro'' de **resolver as coisas**. (Jornal do Brasil)

Exemplo 6:
O que os empresários mais temem é que acabará aquele famoso jeitinho brasileiro de **resolver as coisas**, pois todas as informações passarão para o sistema... (Diário de Minas)

Exemplo 7: Se quer crescer, não pode se valer do jeitinho brasileiro para **resolver os seus problemas**... (Baguete)

Resultou também na presença da palavra "corrupção" tanto à direita como à esquerda. A lista de colocados à esquerda mostrou-se mais numerosa, constando de itens como "famoso", "chamado", "tal", "conhecido" e "'famigerado". Esses vários itens, entretanto, parecem se repetir, estando ligados por sinonímia imperfeita. A palavra "corrupção" também apareceu com relativa frequência à esquerda de jeitinho brasileiro. Estes achados serão discutidos em detalhe no capítulo analítico.

3.3.2 Corpus exploratório S

O segundo corpus pequeno compilado seguiu a abordagem teórico-metodológica do estudo de Vereza (2013b), que sugere compilar um corpus de símiles extraídos da web com o auxílio de plataforma digital, como ponto de entrada para analisar metáforas. Sabe-se que como figura de linguagem, diferentemente da metáfora, o símile é uma comparação explícita. No símile "A é (como/que nem) B", as palavras de conexões explícitas são usadas principalmente para comparar duas coisas *não relacionadas.*

Os símiles compilados através de plataformas de busca como *Google* e usados como corpus são descontextualizados. Em outras palavras, normalmente tem-se acesso a somente o site de onde eles se originam, mas não a todo o seu texto, a não ser que esse seja reconstituído. Entretanto, segundo Vereza, essa busca por símiles pode gerar resultados muito

produtivos, porque os símiles atuam como "marcas linguístico-discursivas que explicitam metáforas situadas, tornando-as um ato comunicativo metadiscursivo" (2013b, p. 17).

Dessa forma, buscou-se fazer extração aleatória de símiles com o *Google* a partir das expressões "x é que nem", e "x é como", seguindo o modelo de Vereza (2013b). A expressão de busca neste caso foi "jeitinho brasileiro é que nem/como". Nessa sondagem para a constituição do **Corpus S** foram obtidas apenas 3 ocorrências para "jeitinho brasileiro é como" e nenhuma para "é que nem". O Quadro 3, a seguir, ilustra essas 3 instâncias.

Quadro 3 – Símiles extraídos da web com o *Google*

Jeitinho brasileiro é como
"O Jeitinho brasileiro é **como um vício incontrolável** misturado a uma **doença contagiosa**"
"O jeitinho brasileiro ***é como* uma bola de neve**, quando atrapalha um geralmente atrapalha outro, causando um caos na sociedade".
"O jeitinho brasileiro é **como se fosse uma saída fácil** de uma situação difícil".

Fonte: Compilado pela autora a partir do mecanismo de busca Google, 2022.

As três instâncias acima, apesar de serem em número insuficiente para caracterizar um **padrão de uso**, sinalizaram possíveis campos semânticos de investigação: jeitinho brasileiro é vício mesclado à doença, é bola de neve e é saída de dificuldades.

Com o mesmo mecanismo de busca do *Google,* em lugar de "jeitinho brasileiro", foram feitas buscas a partir dos gatilhos, "corrupção é que nem" e "corrupção é como". E por que "corrupção" como item de busca? Devemos lembrar que "corrupção" é um colocado de "jeitinho brasileiro". Em outras palavras onde existe a expressão "jeitinho brasileiro", via de regra existe "corrupção", como verificado no NOW.

No corpus desta pesquisa, foram encontrados **34 símiles do tipo A é como B**, como

Exemplo 8*: "Corrupção é como diabetes. Não tem cura e tem de ser tratada todo tempo".*

Depois de extraídos, os símiles foram agrupados de acordo com os campos semânticos identificados e os respectivos *frames* que estruturam os domínios cognitivos os quais norteiam o tema da corrupção. Os resultados dessa análise encontram-se no próximo capítulo.

3.4 **Corpus C: comentários em rede social (*YouTube*)**

O corpus de estudo desta tese é formado de comentários feitos acerca de 8 vídeos temáticos específicos abrigados na plataforma *YouTube* sobre o tópico "jeitinho brasileiro". Neles o comentarista[65] reage a algum tópico e escreve o que pensa, aparentemente sem muita reflexão. Dessa forma, a espontaneidade e fluidez ao comentar os vídeos do *YouTube* pode ser algo positivo para se ter padrões linguísticos acerca de "jeitinho brasileiro". Esta seção, portanto, enfoca a compilação do **Corpus C** e sua natureza como corpus.

Antes de mencionar mais alguns pontos relevantes com relação à escolha dos comentários em rede digital como terceiro e mais robusto instrumento de pesquisa, é necessário entender o que seria a prática social do "comentário em rede social". Entre os inúmeros locais na *web* onde se pode encontrar comentários, escolhi investigar especificamente os comentários sobre vídeos postados no *YouTube* que são sobre a temática do "jeitinho".

Logo no início da página do *YouTube*, lê-se que a sua missão é "dar a todos uma voz e revelar o mundo". Existente em diferentes idiomas, *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, fundada em 2005 na Califórnia. O nome é originário do inglês *you* (você) e *tube* (tubo), ou no caso, uma gíria para televisão, portanto, o sentido de dar voz a quem queira mostrar a si e suas produções na "telinha". O *YouTube* é um dos maiores sites de compartilhamento de vídeo da *internet*, ja que abriga milhões de canais, com recursos interativos que incluem o número de visualizações, curtidas e os comentários escritos por usuários.

São exatamente os comentários que foram escolhidos como corpus de análise para a segunda parte da pesquisa. Isso se deu por conta do número de vídeos que enfocam o tema desta tese, os quais, por sua vez, suscitam inúmeros comentários. Além disso, apesar de os vídeos serem publicados em anos específicos, a seção de comentários fica aberta, possibilitando aos usuários colocarem suas contribuições quando as acham relevantes. São, portanto, cumulativos. Outra questão relevante para escolha dos comentários se deve à maneira aparentemente espontânea, ou sem autocensura de os usuários apresentarem suas opiniões na seção de comentários. Dito de outra forma, o *YouTube* dá exposição a quem faz/edita vídeos e abre um espaço para comentários. Esses últimos parecem ser, em sua grande maioria, atos de reação, e não de reflexão, o que os torna ideais para serem analisados.

65 Nesta tese chamaremos os participantes das discussões presentes na seção de comentários de "comentaristas".

Em seu glossário, Benson (2017, p. 116) define comentários digitais como um trecho escrito, enviado como uma reação ou resposta a um texto de mídia. Pode-se dizer que os comentários que integram as páginas do *YouTube* são textos multimodais, característicos de interação social, mediado por elementos-chave nas relações reconfiguradas entre o design ou a estrutura da página e a distribuição do texto *online* (2017, p. 3). Em outras palavras, os comentários têm o formato que têm por causa dos algoritmos que criaram a página para a exposição do vídeo. Uma característica marcante dos comentários é que possuem um caráter conversacional. Dito de outra forma, a linguagem dos comentários se parece com conversa transcrita, adicionada de elementos gráficos. Certamente quem produz um vídeo e posta no *YouTube* espera que outros usuários comentem sobre o mesmo, quando deixa a seção de comentários em aberto. Por outro lado, quem comenta o vídeo, é possível que o faça com a intenção de ter seu comentário lido pelo autor do vídeo ou por outros usuários. Portanto, a intenção interacional existe de ambos os lados.

Segundo Oliveira (2013, p. 158) uma vantagem de analisar comentários digitais *"*é o fato de estes serem divulgados de forma intradispositiva", atuando como uma complementação imediata ao fato comentado (2013, p. 159). Ainda segundo Oliveira, aqueles que participam da seção de comentários na *internet* têm 3 propósitos ao postarem os comentários.

1. como complementação ou respostas a outros comentários;
2. como reação dirigida nominalmente ao *Youtuber*, elogiando-o, ou criticando-o;
3. como reação ao conteúdo do vídeo, abordando-o diretamente ou indiretamente.

Nesta tese foram compilados tão somente aqueles comentários que tinham a temática dos vídeos como foco. Não foram levados em consideração sugestões de temas ou elogios ao *Youtuber*, configurando somente o objetivo do tipo 3, acima descrito, ou seja, reação ao conteúdo do vídeo, abordando-o diretamente ou indiretamente.

Uma questão relevante a acrescentar é que apesar de não haver simultaneidade na participação dos internautas, a partir dos comentários, o evento comunicativo é delineado e costurado por meio de tópicos dos vídeos, funcionando como elementos-chave neste evento. Este ponto é importante pois, embora as interações não sejam simultâneas, como sugere a noção tradicional de metáfora sistemática recrutada no Corpus Comentários, os tópicos jeitinho brasileiro e corrupção dão coesão ao evento comunicativo *online*.

Para a análise dos comentários, utilizo o conceito de **âncora material** desenvolvido por Hutchins (2005) e que ainda vem sendo estudado. Ferrari (2019), por exemplo, fez uso desse conceito em um artigo[66] para descrever a estrutura cognitiva subjacente ao aplicativo de celular *WhatsApp*. Para Hutchins (Ferrari, 2019, p. 11) "a cultura material se acha ostensivamente impregnada de um tipo específico de integração conceptual que emprega objetos como âncoras materiais". O conceito de âncora material é importante para o desenrolar desta tese porque a plataforma *Youtube* também funciona como uma âncora material a qual permite que as pessoas ´interajam e simulem´ interações, tendo os tópicos como elementos de coesão. Nas palavras de Bernardo (2002)[67], esse evento comunicativo se dá em uma espécie de comunicação 3D, do qual fazem parte o vídeo produzido pelo *youtuber*, os comentários dos internautas e os tópicos formando um elemento de coesão entre eles.

Também é importante ressaltar que os comentários em rede social se assemelham ao que pode ser denominado de um **grupo focal "digital"**. Os participantes discutem um tema, após um estímulo, que é o vídeo. As contribuições são espontâneas, pois participam dos comentários aqueles que quiserem. Além disso, não são elicitados. Diferentemente do grupo focal, nos comentários não há uma mediação, caso os participantes se afastem do tema principal. Também, ao contrário dos grupos focais tradicionais, não há escolha previa do perfil social do comentarista, nos quais há uma escolha de perfis a fim de harmonizar as discussões para que se possam ouvir todos os tipos de opinião.

Nesta tese, e, por motivo de espaço/tempo, não foram capturadas as respostas dadas aos comentários principais. Os comentários não foram tratados como interação, pois na verdade, podem ser considerados como grandes fragmentos de **uma múltipla interação** entre *youtuber*, comentarista, vídeo, comentarista com comentarista. Semelhante às análises de discursos feitas em grupos focais tradicionais, não foi considerado o desenvolvimento da interação (asserções, discordâncias, mudanças de tópicos, entre outros).

3.4.1 Corpus C: descrição e compilação

66 WhatsApp: uma mesclagem multimodal contemporânea, Ferrari, L., Avelar, M., Guedes, G. P., 2019.
67 Bernardo, Sandra, Comunicação pessoal, 2022.

Abaixo descrevo o corpus que alimenta a segunda fase da análise desta tese. Esse corpus teve como foco comentários a 8 vídeos, selecionados do *YouTube*, sobre a temática do jeitinho brasileiro.

Tabela 2 – Informações resumitivas dos vídeos do Corpus C

Título do vídeo	**Ano de publicação**	**Duração**	**Comentários até fevereiro de 2021**	**Total geral de itens (tokens)**	**Total geral de palavras diferentes (types)**
"Entenda a corrupção no Brasil de um modo SIMPLES (canal Nostalgia)	2019	13' 5"	16 mil	16.061	3.501
"O jeitinho brasileiro" (canal Nerdologia)	2014	5' 52"	1283	18.750	3.566
Fura fila (canal Uol).	2021	2'54"	189	4.059	1.436
"Dar um Jeitinho (canal do Cortella)	2019	4'20"	257	633	350
"Ciência do jeitinho" (canal Minutos Psíquicos)	2018	4'43"	160	1.344	591
"O que é corrupção?" (compilação de *urls* pequenas)	vários	vários	*[68]	1.129	425
Você é corrupto? (Canal Prof. André Azevedo)	2015	3'50"	66	1.663	674
Como surgiu o jeitinho brasileiro (Canal Fatos desconhecidos)	2018	11'10"	1247	1.132	422

Fonte: A autora, 2022.

68 Alguns comentários do arquivo "O que é corrupção?" foram utilizados nesta tese, mas ao sistematizar o material para a organização desta tabela, percebi que o vídeo havia sido retirado da plataforma *YouTube*, impedindo-me de acrescentar o número total de comentários até fevereiro de 2021, ano da coleta dos comentários.

Uma vez baixados os textos dos comentários, foi feita a limpeza de qualquer tipo de identificação. Os comentários foram separados em arquivos contendo os anos em que foram publicados e salvos em formato txt. Assim, comentários numerosos publicados em 2018, receberam o nome do *youtuber* específico, seguido do ano de 2018. Como o número de comentários compilados dessa maneira se mostrou insuficiente, foi compilado também um arquivo chamado de "Outros", contendo comentários sobre vídeos menos populares.

Todos os nomes/apelidos dos comentaristas foram retirados para anonimizar os dados. Cada extração de comentários se pautou pelo critério temporal decrescente (do mais recente até o mais antigo). Cada um dos conjuntos de comentários formou um subcorpus. Este primeiro bloco foi categorizado com a letra "C" (de comentário), acrescido de um número, neste caso 1, para o primeiro bloco de comentários relacionado ao primeiro vídeo abordado. Dessa forma, o subcorpus referente ao vídeo "Entenda a corrupção no Brasil de um modo simples", do *youtuber* Castanhari foi nomeado "C1", e o subcorpus sobre o "Jeitinho Brasileiro" do biólogo e *youtuber* Átila, C2. Esses sub-corpora foram divididos em blocos, tendo o ano em que o comentário foi feito como referência para o rótulo recebido. Assim, C2_2021, por exemplo, é o rotulo para um lote de comentários do subcorpus C2 do site Nerdologia feito em 2021. Além de anonimizados, os comentários que elogiavam ou criticavam o *Youtuber,* ou o vídeo propriamente dito, ou ainda, que pediam para que o *Youtuber* fizesse vídeos a respeito de determinado assunto, foram retirados.

Na próxima seção, veremos os critérios e procedimentos para coleta de dados dos comentários analisados.

3.4.2 Procedimentos

Os dados do **Corpus C** foram submetidos ao concordanciador *Lancsbox tools* 6.0 (BREZINA; WEILL-TESSIER; MCENERY, 2021), concordanciador grátis desenvolvido pela Universidade de Lancaster. Concordanciadores são instrumentos da linguista de corpus que servem para contar todas as palavras do texto, organizá-las em ordem alfabética e por frequência, mostrar a sua dispersão no corpus (ver Capitulo 2 para a definição de dispersão). Os mais modernos geram gráficos de palavras, que ajudam o analista a visualizar seu corpus de maneira diagramática. Abaixo, encontra-se o passo a passo do processamento:

- Listagem dessas palavras em termos de dispersão;
- Listagem das concordâncias, contendo as palavras de busca jeitinho e corrupção;
- Levantamento dos colocados adjacentes e não adjacentes;
- Configuração de um diagrama lexical.

O **Corpus C** serviu de base para a extração de categorias semânticas, a partir da extração dos colocados mais frequentes de “jeitinho brasileiro”. A imagem a seguir mostra um exemplo de linha de concordância com a expressão jeitinho brasileiro e alguns de seus colocados.

Figura 4 – Amostra de linha de concordância de Jeitinho Brasileiro do Corpus C

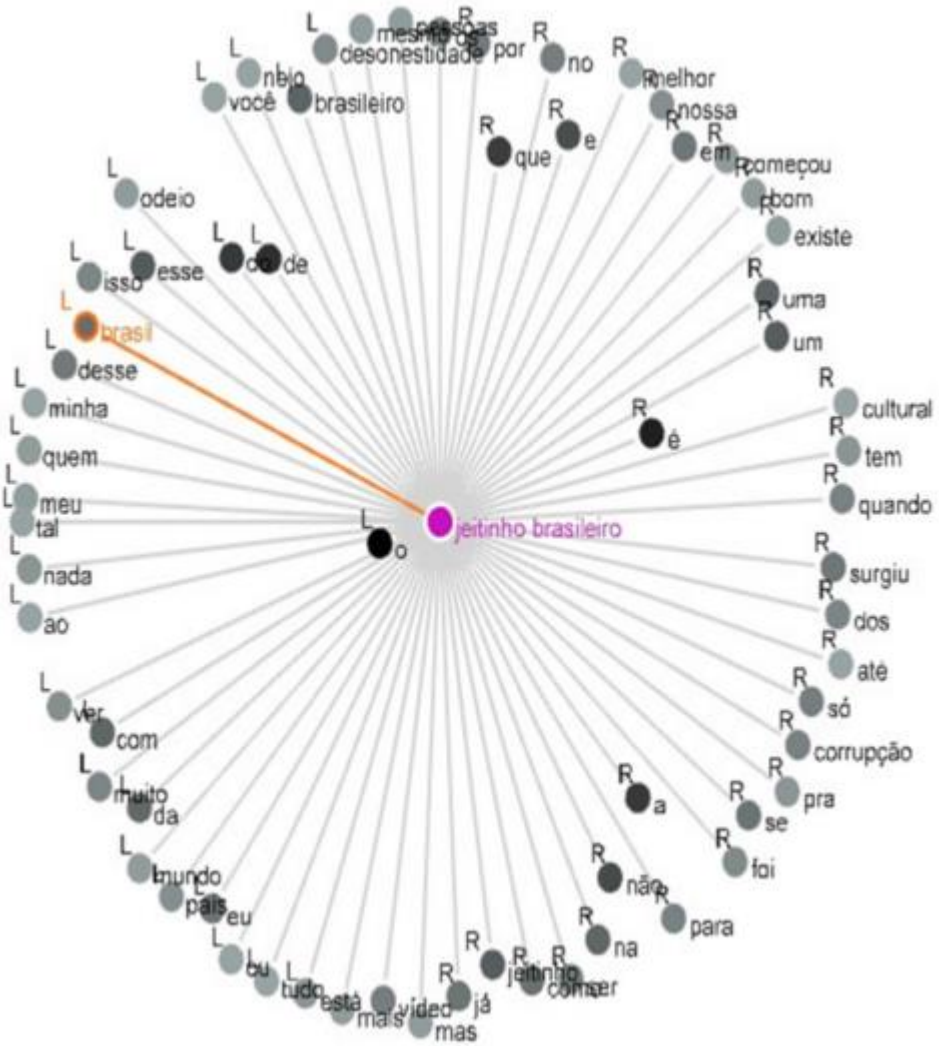
Search jeitinho brasileiro **Occurrences** 235 (45.66) Texts 17/21 ▼ **Corpus** Corpus 2 ▼ **Context** 7 ▼ **Display Text**

Index	File	Left	Node	Right
16	At_2014.txt	Kkkkkk. Vídeo foda que mostra que esse	jeitinho brasileiro	está acabando com o país! 118 desonestos
17	At_2014.txt	tinha assistido, mas muitos amigos meus tinham...	"jeitinho brasileiro"	exatamente isso. Cara, uma fato que aponta
18	At_2014.txt	dá para colocar todos os fatores desse	"jeitinho brasileiro"	baseados em um livro só e dizer
19	At_2014.txt	fazem parte dos que se aproveitam do	jeitinho brasileiro.	Parabéns pelo vídeo. Não tem como votar
20	At_2014.txt	sul. Atila, acredito que os problemas do	"jeitinho Brasileiro"	é um problema social, claro que existem
21	At_2014.txt	Fuga do tema! O tema era "o	jeitinho brasileiro"	mas foi abordado a desonestidade em várias
22	At_2014.txt	desonestidade em várias partes do mundo. O	jeitinho brasileiro	é uma maneira "carinhosa" de dizer fazer
23	At_2014.txt	Sergio Buarque de Hollanda? Ê galera... De	"jeitinho brasileiro"	esse vídeo não teve muita coisa... uma
24	At_2014.txt	honestas. Parabéns pelo tópico. Bom ver o	"jeitinho brasileiro"	mostrado como ele realmente é, uma desonestidade.
25	At_2014.txt	eleitorais. Votar em quem? eis a questão!	Jeitinho brasileiro	é fazer um vídeo de 5 minutos
26	At_2014.txt	Youtube e promover os produtos da loja.	Jeitinho brasileiro	é o caralho, isso é desculpa de
27	At_2014.txt	e jogarem fora qualquer mal exemplo. O	jeitinho brasileiro	é a pior maldição da nossa sociedade.
28	At_2014.txt	massa neste planeta! na minha concepção, o	jeitinho brasileiro	era na verdade uma solução criativa para
29	At_2014.txt	impunidade! O título da uma enganada. O	"jeitinho brasileiro"	é um aspecto puramente histórico. A nossa
30	At_2014.txt	relacionados, explicar desonestidade não é explicar o	"jeitinho brasileiro".	Muito bom. Achei legal mesmo. Acompanho desde
31	At_2015.txt	sem sensacionalismo e "viralatismo" para mim este	"jeitinho brasileiro"	é uma herança do passado colonial do
32	At_2015.txt	"isto só acontece aqui", outro é o	"jeitinho brasileiro"	que serve para justificar a desonestidade, o
33	At_2015.txt	tenho o seminário para fazer falando de	jeitinho brasileiro	honestidade X desonestidade VC pode me ajudar?
34	At_2015.txt	só pra falar que subimos uns degraus.	Jeitinho brasileiro	já esta enraizado na nossa cultura desde
35	At_2016.txt	terá que andar na linha abandonando o	jeitinho brasileiro....	A corrupção existe porque o brasileiro pensa
36	At_2016.txt	ficar velho". Um grande dislike por usar	"jeitinho brasileiro",	uma expressão que se refere a uma
37	At_2016.txt	ativista de sofá, mas ninguém quer agarrar.	Jeitinho brasileiro	é um câncer só isso simples assim.
38	At_2016.txt	um câncer só isso simples assim. O	jeitinho brasileiro	nasceu da necessidade dos miseráveis que aqui
39	At_2016.txt	resumida em uma frase, só descobriram o	jeitinho brasileiro	nas filas, do pobre tentando sobreviver... Apesar
40	At_2016.txt	da origem da desonestidade do brasil. o	jeitinho brasileiro.	tapa na cara da sociedade. É o
41	At_2016.txt	Átila vc está misturando as coisas, O	JEITINHO BRASILEIRO	NÃO É CORRUPÇÃO, e como vc mesmo
42	At_2016.txt	ou menos o mesmo percentual trapaceou, O	JEITINHO BRASILEIRO,	é algo que nós teríamos que nos
43	At_2016.txt	do agronegócio enfim, não misturemos as coisas,	JEITINHO BRASILEIRO	e corrupção são coisas diferentes. O fato
44	At_2016.txt	diferentes. O fato de eu defender o	JEITINHO BRASILEIRO	não quer dizer que eu não queira
45	At_2016.txt	uma pequena reclamação: Reduzir a ideia do	jeitinho Brasileiro	á desonestidade. assistindo esse vídeo me fez
46	At_2017.txt	repete isso nas eleições de 2018! O	jeitinho brasileiro	é a essencial do capitalisto, onde o
47	At_2017.txt	ser considerado dano contra a propriedade? O	jeitinho brasileiro	nasceu no Rio de janeiro....No sul do

Fonte: Corpus C, organizado pela autora, 2022.

Após a extração dos colocados, lançamos mão de uma configuração diagramática dessa distribuição de colocados de jeitinho, tanto à sua direita (R) como à sua esquerda (L). A Figura 5 abaixo, feita pelo *Lancsbox* distribui os colocados nas suas reais posições do termo de busca. Alem disso, ele possibilita ver os colocados periféricos (aqueles cuja cor é mais apagada) e os mais adjacentes (cuja cor é mais viva) . Os círculos mais vivos do diagrama consistem de palavras funcionais, enquanto que os mais distantes são itens lexicais, como por exemplo os itens “corrupção” e “cultural”, e à esquerda, “desonestidade”.

Figura 5 - Colocados de Jeitinho brasileiro em suas posições reais



Fonte:Elaborado pela autora a partir do software Lancsbox, 2022.

Tendo obtido essa representação gráfica do **Corpus C**, passo para a fase analítica, de natureza qualitativa, que será explicitada no capitulo 4, a seguir.

4 ANÁLISE DE DADOS

Esta tese investiga dois pontos importantes: o que se entende por jeitinho brasileiro, e se há metaforizações nas verbalizações dos comentaristas do Corpus C. Para tal investigação, foram compilados três corpora de tamanhos variados em torno da temática, que são foco deste capítulo analítico. Os dois corpora menores, de caráter exploratório, que receberam os nomes de **Corpus N** e de **Corpus S** servem como ponto de entrada para a extração de *Frames* e possíveis metaforizações. Em seguida, avalia-se se esses achados dos corpora exploratórios estão ou não presentes nos dados oriundos do **Corpus C** (corpus de comentários provenientes da plataforma *YouTube).*

Para seguir este percurso analítico, o capítulo é dividido em 5 seções. Em 4.1, apresento e discuto o **Corpus N**, extraído do componente *NOW,* do Corpus do Português Contemporâneo[69]. Em 4.2, discuto o **Corpus S**, composto de símiles extraídos aleatoriamente do site de busca *Google,* a partir dos quais levanto pistas linguísticas de campos semânticos que possam ativar *Frames* relacionados ao jeitinho brasileiro. Em 4.3, analiso os comentários do **Corpus C**, meu corpus focal de estudo, a partir dos campos semânticos identificados e *Frames* principais de jeitinho brasileiro, ativados. Em 4.4, comparo os *Frames* evocados nos corpora exploratórios com aqueles evocados no **Corpus C**, buscando encontrar *Frames* convergentes. Por fim, na seção 4.5, mapeio metáforas sobre jeitinho brasileiro, encontradas no **Corpus C**.

4.1 Partindo de corpora pequenos

Esta tese teve como ponto de partida dois corpora pequenos: o **Corpus N** e **Corpus S**. Do corpus N foram extraídas 505 linhas de concordância e obtidas 492 após a eliminação de 13 linhas, oriundas de mídias de Portugal, fora do escopo desta tese. Após a eliminação desses 13 exemplos, e como é praxe em estudos da LdC, fez-se um levantamento de possíveis padrões de uso, extraindo-se colocados do entorno da expressão de busca, tanto à esquerda quanto à direita. Para tal, estabeleceu-se um ponto de corte de 2 ocorrências no mínimo para qualquer item lexical ser considerado um colocado.

69 Disponível em: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 12 dez. 2021.

O procedimento de extração de colocados deu visibilidade à recorrência de sinais gráficos como aspas duplas e simples, tanto à direita como à esquerda de jeitinho brasileiro, cujas frequências são mostradas na Tabela 3 abaixo. Além dos sinais gráficos, a expressão de busca é precedida de inúmeros itens lexicais à esquerda, mas esses ocorrem em número menor à direita. Essas ocorrências podem ser interpretadas como a presença maior ou menor de padrões de uso da expressão de busca.

Tabela 3 – Colocados à direita e à esquerda do Corpus N

Frequência	**Itens gráficos à esquerda**	**Expressão de busca**	**Itens gráficos à direita**	**Frequência**
160	“	Jeitinho brasileiro	“	160
43	‘		‘	43
	Colocados à esquerda		**Colocados à direita**	
51	o famoso			
16	o chamado			
13	usar		ser	13
11	formas			
10	esse			
08	o tal		resolver	08
			coisas	08
			vantagem	07
06	corrupção		corrupção	06
05	o conhecido			
04	o velho			

Fonte: A autora, 2022.

A Tabela acima pode ser lida da seguinte maneira: na linguagem escrita em uso, nas mídias brasileiras do **Corpus N** (jornais, revistas e blogs), o item de busca tende a aparecer entre aspas. Segundo Bechara (2009, p. 843), entre outras funções, as aspas podem ser empregadas para dar um sentido particular a determinada expressão, sentido esse que pode ser irônico ou dúbio.

Os colocados desse item, a saber “o chamado”, “o famoso”, “o tal”, “o conhecido” e “o velho”, estão relacionados como sinônimos imperfeitos. O resultado de todas as ocorrências de aspas somadas às instâncias dos sinônimos de “famoso” demandam que se leia a expressão de busca nas entrelinhas, como tendo **invariavelmente** um sentido figurado, sentido esse que é algo compartilhado de há muito.

Um outro colocado de jeitinho brasileiro que chama atenção nos exemplos do **Corpus N** é o item “corrupção”. Esse colocado aparece seis vezes no cotexto da expressão de busca, cinco delas ligado por conjunção aditiva (e). Isso nos permite especular que os conceitos de jeitinho e corrupção possam estar interligados.

Abaixo, acham-se alguns exemplos das linhas de concordância do item de busca “jeitinho brasileiro”, contendo o item “corrupção” em seu entorno:

Quadro 4 – Ocorrências de jeitinho brasileiro e o colocado ‘corrupção’

Data	Mídia	Ocorrência
11.08.2018	E mais Estadão	Brasileiro tem toda a moral para questionar política, **corrupção, jeitinho brasileiro.**
23.08.2017	Terra Brasil	O que há de **corrupção** no jeitinho brasileiro?
22.06.2017	Folhamax	Vamos obedecer as leis para diminuir a **corrupção e jeitinho brasileiro** [sic]
01.03.2017	Jornal de Jundiaí	Chega desse câncer de carnaval, novelas; **corrupção e jeitinho brasileiro** acaba, destrói, suja, apodrece, empobrece esse país. [sic]
06.09.2016	Esmael Moraes Blog	As leis desmotivando com severidade a **corrupção e o " jeitinho brasileiro "** não teremos nunca uma nação para chamar de sua. [sic]
10.04.2014	Amigo De Cristo	Nenhuma instituição escapa da antiética, **jeitinho brasileiro e da corrupção.** [sic]

Fonte: Corpus N

Esses são somente alguns *insights* sobre o item de busca no **Corpus N** de mídias brasileiras. O primeiro é que a expressão de busca “jeitinho brasileiro” configura linguagem figurada. O segundo *insight*, de maior importância, é que os itens “jeitinho brasileiro”, e “corrupção” apesar de terem sentidos distintos, podem aparecer no discurso de forma adjacente, sugerindo afinidade.

A próxima seção discute o outro corpus pequeno desta tese, também de caráter exploratório: o **Corpus S**.

4.2 **Corpus S: Campos semânticos e *frames* ativados**

Esta seção segue percursos teórico-metodológicos sugeridos por Deignan (2005) e por Vereza (2013). A primeira dessas autoras ressalta as vantagens de se usar um corpus pequeno para fonte de prospecção inicial de metáforas (ver seção 4.2.2). A segunda autora enfatiza que símiles sinalizam marcas linguístico-discursivas que podem apontar para campos semânticos, servindo de porta de entrada para outros tipos de corpora (ver seção 4.3.2). Como próximo passo, discuto um conjunto de símiles extraídos pelo mecanismo de busca *Google* e compiladas em um pequeno corpus, denominado de **Corpus S**.

A prospecção com o mecanismo *Google* deu origem a 34 símiles com base nas expressões de busca "corrupção é como" e "corrupção é que nem", como visto no Quadro 5, a seguir:

Quadro 5 – Lista de Símiles

Corrupção é como/Corrupção é que nem - Primeira parte -	Segunda parte dos símiles
(S1) Cano furado	Desvia e desperdiça recursos que jamais chegam a seu destino.
(S2) Varrer uma escada	Tem de varrer de cima para baixo
(S3) Petróleo	Precisa fazer prospecção para obtê-lo. Da mesma forma, a corrupção, você só vai saber se ela existe de verdade, se fizer investigação.
(S4) Barata	Vê uma e tem 300 atrás
(S5) Ferida	Tem de espremer para sair todo o pus
(S6) Vírus altamente contagioso	Que corrói diversos setores da sociedade
(S7) Unha	Tem de estar cortando sempre
(S9) Bola de neve	Começa pequena e depois se torna algo gigante, difícil de ser parado
(S10) Açúcar	É algo que se entranha em nós. É como o açúcar, é doce, nós gostamos, é fácil. E depois, de tanto açúcar fácil, acabamos por ficar diabéticos ou o nosso país fica diabético.

(S11) Areia movediça	Quanto mais se mexe, mais afunda
(S12) Buraco negro	Que arrasta tudo e todos
(S13) Hidra de Lerna adaptada à atualidade	Que hora ataca com uma cruz, ora com um tridente
(S14) Pântanos	Que te sugam. Quem quer sair dele dá um passo e entra mais ainda. É um terreno pantanoso.
(S16) Uma faísca	Que tornou incêndio em uma floresta.
(S18) Carrapato	Pode viver até sete anos sem se alimentar e põe até cinco mil ovos. A infestação não é eliminada em uma única assepsia.
(S19) Doença Doença	*Está* ali, não se vê, mas pode te matar. Que vai prejudicando a saúde de uma pessoa de pouco em pouco.
(S21) Água	*S*empre procurando novas brechas para se infiltrar.
(S22) Mau hálito	Quem tem, não admite e acha que ninguém percebe
(S23) Radiação	Altamente contaminante e prejudicial.
(S24) Inflação	Não acaba nunca.
(S25) Câncer	Caso não seja eficazmente combatido, se espalha rapidamente pelo corpo social. Quanto maior a demora do diagnóstico, iniciar o tratamento, menores as chances de cura; Um câncer irradiando metástase.
(S26) Monstro silencioso e sem rosto	Que sorrateiramente devora o dinheiro público e dizima a esperança de um país.
(S27) Diabetes	Não tem cura e tem que ser tratada todo tempo
(S28) Elefante	Um animal grande e aparentemente difícil de se definir, porém facilmente reconhecível quando se o vê.
(S30) Fungo	*Ele nasce na penumbra, se desenvolve na penumbra, na sombra.*
(S31) Droga	Ás vezes, está dentro de casa e as pessoas não sabem. Produz “dependência” e gera pobreza, exploração, sofrimento.
(S32) Certas doenças	Que só “dão” nos outros.
(S33) Rato	A gente mata uma ninhada, mas logo aparece outra.
(S34) Parasita	Que se aproveita da fraqueza do Estado para sugá-lo.

Fonte: Compilação de símiles extraídos do site Google, coletados pela autora, 2022.

“Corrupção” foi adotada como palavra de busca por duas razões. A primeira, porque, como explicado acima, os itens “jeitinho brasileiro” e corrupção geralmente aparecem no mesmo cotexto, ou seja, próximos um do outro. A segunda é por “jeitinho brasileiro é como” ou “jeitinho brasileiro é que nem” não aparecer substancialmente para formar um corpus, do qual se possa extrair padrões. Dos 34 símiles compilados contendo “corrupção”, 29 são tentativas de definição para o conceito, ao passo que as 5 restantes dão sugestões de como resolvê-la. Os *Frames* metafóricos evocados, a partir do item lexical “corrupção”, revelam campos semânticos que podem ser compartilhados tanto por jeitinho brasileiro como por corrupção.

No **Corpus S** foram depreendidos 5 *Frames* metafóricos que o item lexical “corrupção” parece evocar:

- **Disseminação**
- **Presença**
- **Infinitude**
- **Profundeza**
- **Raiz**

Vale lembrar que uma análise de *Frames* envolve o olhar subjetivo do analista e neste caso, conforme Semino, Demjén e Demmem (2018) apontam, o conhecimento prévio para a formulação de um *Frame* é usado, representando uma visão particular de mundo, neste caso, a visão desta pesquisadora. (ver capítulo 1, sessão 1.8).

Os *Frames* evocados mais frequentes são os relacionados principalmente a doenças, mas há 5 campos semânticos: animal, doença, bola de neve, radiação e faísca.

4.2.1 *Frame* 1: Disseminação

Quadro 6 – Campos Semânticos do Frame 1 – *Disseminação*

Campos Semânticos			
Animal	**Doenças**		**Outros**
Ratos	Ferida com pus	“certas doenças”	Bola de neve
Baratas	Tumor	Doença	Radiação
Carrapatos	Câncer	Diabetes	Faísca
----	Compulsão/açúcar	Halitose	-----

Fonte: A autora, 2022.

O *Frame* 1 destaca-se por apresentar campos semânticos aparentemente não relacionados uns com os outros, isto é, animais, doenças, bola de neve, radiação, faísca, porém os diferentes símiles convergem para o mesmo *Frame* da Disseminação. Além disso, todos ressaltam aspectos negativos: corrupção é *algo que se alastra*, como em uma praga de ratos ou um câncer com metástase, por exemplo. *Corrupção é algo que se avoluma*, como uma faísca que pode resultar em um grande incêndio, ou em uma bola de neve, que ao rolar montanha abaixo, pode crescer de tamanho e causar estragos em seu entorno.

No exemplo 9, *“Corrupção é como rato. A gente mata uma ninhada, mas logo aparece outra”,* o rato é um roedor considerado impuro e sujo em nossa cultura, e para maioria das pessoas, é considerado uma praga que pode transmitir doenças, inclusive a peste bubônica, que pode ser fatal. Um aspecto do domínio fonte corrupção é realçado nesse símile: a facilidade de reprodução dos ratos e o uso do item lexical *ninhada*, que remete ao nascimento de muitos filhotes ao mesmo tempo, e que no caso dos ratos, corresponde à proliferação de algo que não é bem-vindo. Ao mesmo tempo, matar não parece resolver a questão, já que, ao serem mortos, os ratos, assim como a *corrupção*, não são exterminados, pois sempre surge mais um.

O exemplo 10 é representado pelo carrapato: *“corrupção é que nem carrapato. Pode viver até sete anos sem se alimentar e põe até cinco mil ovos. A infestação não é eliminada em uma única assepsia”***.** Esse animal destaca-se pelo poder que tem de se multiplicar e de se retroalimentar do sangue de seus hospedeiros, sejam animais domésticos, silvestres ou o homem. Ao traçar um paralelo do carrapato com a corrupção, observa-se que este fenômeno é como uma infestação muito difícil de eliminar, assim como os ratos do exemplo 9.

Em 8 símiles, (dos 34 encontrados), a corrupção é conceptualizada como uma doença. Destaco no exemplo 11,*"A corrupção é como um câncer irradiando metástase",* um símile que explica a *corrupção* por meio de um termo típico na medicina: a metástase, uma fase do câncer em que o tumor maligno se alastra de forma desordenada para outros órgãos do corpo. No caso da corrupção, esse corpo pode representar outro organismo, como a nossa própria casa, uma cidade, um país ou a sociedade como um todo, e, se não for extirpado, poderá causar a morte. Além disso, o veículo metafórico da metástase é ainda reforçado pelo verbo irradiar. No ***Frame* 1 da Disseminação**, o campo semântico de doença é o que predomina, em um *continuum* com relação à gravidade da "doença", ou seja, passa pelo câncer, compulsão alimentar até a halitose – essa última uma doença certamente desagradável, porém sem risco de morte como um câncer. Da mesma forma, a projeção que se faz com relação a uma ferida com pus nos remete a ideia de que o local da ferida se encontra em processo infeccioso. Outro mapeamento com prosódia negativa é o tumor: Um tumor pode ser benigno ou maligno. Contudo, para um olhar de leigo, essa palavra é utilizada como sinônimo de câncer. Outra doença mapeada a partir de um símile para o domínio fonte corrupção é a diabetes, doença caracterizada pela presença de glicose no sangue.

Saindo do campo semântico "doença", no subgrupo "Outros", destaco o exemplo 12, "*Corrupção é como uma bola de neve: começa pequena e depois se torna algo gigante, difícil de ser parado"*. Semelhante ao campo semântico das enfermidades que se alastram no espaço, o mapeamento da bola de neve remete a algo que se avoluma conforme se movimenta. Ao rolar por uma encosta nevada, por exemplo, uma bola de neve aumenta de volume e pode se transformar em avalanche, assim como acontece com o fenômeno da corrupção. Conforme aumentam os atos de corrupção, mais "avalanches" de atos de corrupção ou falcatruas acontecem.

Diante do exposto, sugere-se que o *Frame* 1 Disseminação projeta e conceptualiza a corrupção como algo que, independentemente dos campos semânticos suscitados, se alastra, ao mesmo tempo que se avoluma.

4.2.2 *Frame* 2: Presença

Quadro 7 – Campos Semânticos do *Frame* 2 – Presença

Campos Semânticos	
Personagem do gênero da fantasia: monstro	Animal grande: elefante

Fonte: A autora, 2022.

Um segundo *Frame,* da **Presença**, é ativado através de dois campos semânticos identificados no **Corpus S**: um personagem do gênero da fantasia, representado por um monstro silencioso e sem rosto, e um animal de grande porte, representado pelo elefante. Vejamos o exemplo 13: "*corrupção é como um monstro silencioso e sem rosto, que* ***sorrateiramente*** *devora o dinheiro público e dizima a esperança de um país".* Este é um claro exemplo que reflete a corrupção sistêmica, o qual sintetiza a ubiquidade da corrupção. O campo semântico faz alusão a um monstro, cuja expectativa é termos itens lexicais que refletem medo, pois "monstros" geralmente são grandes e assustadores. No entanto, esse monstro da corrupção é descrito como um ser sem rosto e silencioso, uma imagem que se contrapõe à representação mental que fazemos, geralmente, de um "monstro". Esse monstro descrito no exemplo 13 também age de forma silenciosa e sorrateira, assim como certas doenças. O advérbio "sorrateiramente" remete a algo feito às escondidas. Além disso, ênfase é dada ao tempo presente, portanto ao processo através do qual a corrupção "devora e dizima" a esperança, sem fazer alarde.

O campo semântico do animal grande, representado pelo elefante, no exemplo 14: "*Corrupção é como elefante. Um animal grande e aparentemente difícil de se definir, porém facilmente reconhecível quando se o vê*", se contrapõe ao campo semântico do personagem fantástico do exemplo 13, pois segundo aquele símile, o tal monstro sem rosto e silencioso destrói tudo diante dos olhos de todos, mas parece despercebido. Por outro lado, no exemplo 14, o elefante também é um animal conhecido por sua inteligência e anda em grupos. Mas certamente, o autor deste símile tenta comparar o tamanho de um elefante ao tamanho da corrupção. As demais características do animal não são salientadas pelo criador do símile.

4.2.3 *Frame* 3: Infinitude

Quadro 8 – Campos Semânticos do *Frame 3* – Infinitude

Campos Semânticos		
Parte do corpo: unha	Termo de Economia: inflação	Personagem da mitologia: Hidra de Lerna

Fonte: A autora, 2022.

Os três campos semânticos que ativam o *Frame* 3, **Infinitude,** são **parte do corpo**, representada pela unha, **personagem da mitologia**, representada pela Hidra de Lerna, porém, adaptada aos tempos atuais e um **termo da economia**, representado pela inflação. Estes três campos de significados projetam a corrupção como um problema sem fim. No exemplo 15, *"Corrupção é como a Hidra de Lerna adaptada à atualidade, que hora ataca com uma cruz, ora com um tridente",* o criador do símile compara a Hidra de Lerna, uma serpente de sete cabeças, que renasciam assim que eram cortadas, a um monstro da atualidade, que ora ataca com um tridente, ora com uma cruz, quase uma referência à expressão 'estar entre a cruz e a espada', ou seja, não há como escapar. No exemplo 16 *"Corrupção é que nem unha: tem de estar cortando sempre*", semelhante à ideia da Hidra de Lerna, as unhas precisam ser aparadas de vez em quando, e neste símile, a *corrupção* é vista como algo inerente ao ser humano, porém precisa ser aparada com frequência, em um processo sem fim. Já a inflação, no contexto brasileiro, é algo traumático, sempre prestes a ter um *moto-contínuo,* como mostrado no exemplo 17: *"Corrupção é como inflação: não acaba nunca"*. Portanto, essa recorrência se mostra permanente no símile em questão.

4.2.4 *Frame* 4: Profundeza

Quadro 9 – campos semânticos do *Frame* 4 – Profundeza

Campos Semânticos	
Lugares: areia movediça, buraco negro	Parasita

Fonte: A autora, 2022.

O *Frame 4*, **Profundeza** é evocado a partir de 2 diferentes campos semânticos: primeiro, **Lugares**, subdivididos em ecossistemas, representados pelos pântanos e a areia movediça, além do buraco negro, representado por uma região do espaço-tempo gravitacional. Terceiro, o campo semântico do **parasita**, representado pelo item parasita. No exemplo 18,

*"corrupção é como areia movediça. Quanto mais se mexe, mais afunda"***,** o símile faz referência à areia movediça, que tem como característica provocar um afundamento de quem tenta pisar nela, e que pode provocar o aprisionamento da vítima na areia. Nesse sentido, a *corrupção* pode se tornar difícil de ser resolvida conforme vai sendo praticada. No exemplo 19*, "corrupção é como um buraco negro; que arrasta tudo e todos",* nota-se que, quando a corrupção existe, torna-se difícil livrar-se dela, pois como expresso neste símile, ela arrasta tudo e todos, revelando seu caráter endêmico. Semelhante à areia movediça, os pântanos representam também essa força que suga, como no exemplo 20: *"Corrupção é como pântanos que te sugam. Quem quer sair dele, dá um passo e entra mais ainda. É um terreno pantanoso"*. Portanto, comparar a corrupção a um pântano, parece remeter a um obstáculo do qual se torna muito difícil de se desvencilhar. O exemplo 21 utiliza o item parasita como uma clara referência à corrupção sistêmica: *"corrupção é como um parasita que se aproveita da fraqueza do Estado para sugá-lo"* e, o Estado, somos todos nós.

4.2.5 *Frame* 5: Raiz

Quadro 10 – Campo Semântico do *Frame 5*

Campo Semântico
Prospecção – Petróleo

Fonte: A autora, 2022.

O *Frame* **Raiz** evoca o campo semântico de **prospecção**, representado pelo petróleo. O exemplo 22, *"Corrupção é como petróleo. Precisa fazer prospecção para obtê-lo",* compara a corrupção com a prospecção de petróleo, encontrado em bolsões profundos, em terra firme ou no fundo do mar. O processo de perfuração petrolífera precisa ser profundo, assim como teria de ser uma investigação de atos de corrupção. Dessa forma, é necessário fazer uma espécie de sondagem para desvendá-la.

As conclusões tiradas a partir do **Corpus S** iluminam o fenômeno da corrupção e por extensão também o foco desta pesquisa, que é o "jeitinho brasileiro". A primeira conclusão é que parece não haver símiles para jeitinho brasileiro no ambiente digital. Em outras palavras, a ausência de símiles parece sinalizar não ser necessário explicar o sentido de jeitinho

brasileiro, comparando-o a outra coisa. Por outro lado, quando se buscam símiles para "corrupção", acham-se alguns símiles que evocam 5 blocos congruentes de *Frames* metafóricos. A corrupção pode se equiparar preponderantemente a doenças em um espectro, que vão do câncer, passam pela compulsão e incluem a halitose. Há também outros males que remetem não a superfície das coisas e que, além disso se repetem, replicam, crescem, se avolumam e se multiplicam.

A próxima seção investiga o léxico do **Corpus C,** compilado especialmente para esta tese, com vistas a comparar e contrastar os achados dos corpora exploratórios.

4.3 ***Frames*** **ativados do Corpus C**

Esta seção começa com os *Frames* ativados a partir do **Corpus C**. Estes *Frames* servirão de balizadores para determinar os pontos de afinidade temática do corpus. Em seguida, em 4.4, mostro as possíveis congruências com relação aos corpora **N**, **S** e **C**, e, por fim, em 4.5, identifico as possíveis metáforas sistemáticas no **Corpus C**.

Foram identificados 14 campos semânticos, através dos quais aponto os oito *Frames* ativados, a seguir. (Ver **Apêndice**, para inventário de campos semânticos com a listagem de itens lexicais extraídos do Corpus C).

1. ***Frame*** **Herança**
2. ***Frame*** **Raiz + Doença**
3. ***Frame*** **Presença**
4. ***Frame*** **Corrupção (Desonestidade + Levar Vantagem)**
5. ***Frame*** **Disseminação**
6. ***Frame*** **Maldição Cultural**
7. ***Frame*** **Repulsa (Sujeira, Podridão, Nojeira, Vergonha)**
8. ***Frame*** **Criatividade/Flexibilidade**

4.3.1 *Frame* Herança Cultural

Entre os *Frames* de "jeitinho brasileiro", o mais frequente foi o de **jeitinho brasileiro** como **herança histórico-cultural.** Esse *Frame* emergiu a partir das evidências linguísticas ligadas à herança colonial de Portugal, em traços culturais, geralmente verbalizados pelos comentaristas como maus exemplos herdados, passados para, ou aprendidos pelas gerações mais novas e fazendo com que esse fenômeno se perpetue na sociedade. Lembro aqui, que apesar de haver um vídeo (kar) que faz a pergunta "de onde vem o jeitinho brasileiro", os exemplos que ilustram esse *Frame* estão dispersos em outros blocos de comentários. Vejamos o exemplo 23:

"*Lembre-se que quando você pratica um ato dito como 'jeitinho', seus filhos, netos e sobrinhos estão vendo e aprendendo com os seus exemplos"* At. (2015).

Aqui parece haver um forte indício de que "praticar" jeitinho, seguido de escolhas lexicais relacionadas a membros de família, como filhos, netos, sobrinhos pode projetar um mapeamento metafórico relacionado à *herança histórico-cultural.* A partir de comentários similares a este, entende-se que o jeitinho é, portanto, uma **prática aprendida**, que passa de pai para filho, e/ou de um grupo social para outro, ou seja, é **Herança cultural**. Ademais, note-se que o significado primário de "herdar", segundo o dicionário Michaelis, é "receber bens de alguém por ocasião de sua morte" ou "receber algo dos antepassados por hereditariedade"[70]. Nesse sentido, o **verbo receber** encontra-se na base de ambos os significados de herança que, no dicionário, está também presente como uma expressão proveniente da antropologia, que significa "o conjunto de crenças, técnicas, saberes, tradições etc. que um grupo social transmite a outro ao longo das gerações[71]".

Como diz Entman (1993, p. 52), *Frames* envolvem a noção de **seleção e relevância** de determinados aspectos sobre outros (ver capítulo 1, seção 1.6). Assim, ao analisar os comentários no **Corpus C**, essa noção de relevância e seleção é construída por meio de itens lexicais com prosódia negativa. Esses itens são repetidamente usados como referência a uma cultura de trapaça, que favorece levar vantagem, que incentiva a desonestidade, do fazer as coisas por meios escusos, da cultura propensa à corrupção. A seguir, apresento o conjunto dos exemplos 24 a 27, que ativam o ***Frame*** **Herança histórico-cultural,** apontando a origem da referida herança.

70 Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?id=e38RQ. Acesso em: 13 dez. 2021.
71 Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?id=yVmDG. Acesso em: 13 dez. 2021.

Exemplo 24:*"Jeitinho brasileiro é um dos traços de nossa* ***identidade cultural****" At (2014);*

Exemplo 25*: "Sem sensacionalismo e viralatismo, pra mim, este jeitinho brasileiro´ é uma* ***herança do passado colonial****" At (2015);*

Exemplo 26*: "Malandro é malandro, mané é mané. O jeitinho brasileiro* ***veio*** *ainda na* ***época colonial,*** *os* ***colonizadores portugueses*** *eram todos bandidos, ladrões" At (2019);*

Exemplo 27*: "Jeitinho começou com os* ***portugueses*** *que chegaram aqui, enganaram os índios e roubaram toda a nossa riqueza" Kar (2018).*

4.3.2 *Frame* Raiz + Doença

O *Frame* de Raiz muito se faz presente no escopo dos comentários do **Corpus C**. Frequentemente usados são os adjetivos "impregnado" e "entranhado" que podem ser considerados sinônimos imperfeitos. Segundo o dicionário Michaelis, *enraizado* significa "Que lançou raízes; preso pelas raízes; arraigado", mas também há um outro significado figurado que "fala de algo que virou hábito"[72]. No mesmo dicionário online, o adjetivo *entranhado* possui 4 significados, dos quais destaco 2: o primeiro diz que "é algo introduzido no interior ou nas entranhas". Um outro traduz o sentido de entranhado como algo "que brota das entranhas"[73]. As entranhas anatomicamente representam nossas vísceras e no sentido figurado é a parte mais íntima do ser. De acordo com os padrões da linguagem encontradas no **Corpus C**, este campo semântico de algo enraizado se aplica ao caso do "jeitinho brasileiro", já que na avaliação dos internautas, esse fenômeno encontra-se nas entranhas da cultura brasileira, em nossa essência, e, para alguns, até mesmo no sangue e no DNA. Alguns exemplos do *Frame* Raiz extraídos do **Corpus C** são os exemplos 28 a 31:

Exemplo 28: *"Jeitinho brasileiro já está* ***enraizado*** *em nossa cultura desde que Brasil é Brasil" At (2015);*

Exemplo 29: *"A corrupção está* ***enraizada*** *na alma do país" Cast (2019)";*

Exemplo 30: *"Esse jeitinho está tão* ***impregnado*** *nas pessoas que já se tornou um modo de vida ou até parte da cultura brasileira" Kar (2018);*

72 Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/palavra/5lER/enraizado/. Acesso em: 13 dez. 2021.
73 Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/palavra/PE5k/entranhado/. Acesso em: 13 dez. 2021.

Exemplo 31*: "O problema desse jeitinho é que está* ***entranhado*** *na cultura do Brasil, isso para não dizer no sangue mesmo" Kar (2018).*

Os *Frames* **Raiz** e **Doença** encontram-se justapostos, já que apresentam conceptualizações semelhantes com relação ao alastramento, especialmente quando se trata do câncer. O *Frame* **Doença** também não é exclusivo do universo do "jeitinho brasileiro", especialmente com relação ao câncer (Cf. SEMINO; DEMJÉN; DEMMEN, 2018). Alguns dados desta tese sugerem que o *Frame* Doença é uma extensão do *Frame* Raiz. Há itens lexicais relativos a outras doenças e a termos relacionados, como células cancerígenas, vírus e parasitas. O Brasil é personificado, metonimicamente, pelo próprio câncer. Os padrões léxico-gramaticais descrevem o *jeitinho* como um câncer que precisa ser expurgado, que faz parte de uma sociedade doente, com câncer espalhado por toda parte. O câncer brasileiro é coletivo, pertence a todos, mas, ao mesmo tempo, é uma espécie de sujeito indeterminado, já que o câncer é descrito como sendo parte dos "outros". O *Frame* **Doença** é evocado através da corrupção.

Segundo o dicionário Michaelis, vírus é "organismo infeccioso diminuto sem capacidade metabólica independente. São reprodutivos apenas no interior das células hospedeiras[74]". Dessa forma, o *frame* sob o aspecto do vírus transforma o brasileiro claramente em uma vítima dessa herança cultural, mas no caso do jeitinho, de doença contagiosa, passa a ser uma doença de natureza moral. Se pensarmos no modo pelo qual os comentaristas envolvidos neste trabalho se referem ao *jeitinho brasileiro,* percebe-se que os comentaristas atribuem ao fenômeno, questões biológicas, também visto como um câncer com metástase, em outros fragmentos de texto. Outro veículo característico do *Frame* **Doença** é parasita. No sentido biológico, esse organismo vive em outro – um hospedeiro, do qual retira seu alimento e geralmente causa-lhe dano. Dessa forma, no exemplo 38, quando um comentarista chama os brasileiros de "Malditos parasitas", ele/a quer expressar o descontentamento com o comportamento dos brasileiros por praticarem o jeitinho.

O conjunto de significados dos campos semânticos encontrados no *Frame* **Doença** estão refletidos nos exemplos 33 a 39, a seguir:

Exemplo 32*: "Jeitinho brasileiro… o câncer do Brasil!!! O povo fica tentando justificar os erros de agora com os erros dos outros e do passado… essa corrente de roubalheira jamais*

74 Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/virus. Acesso em: 13 dez. 2021.

vai ser quebrada se continuarmos assim. Isso precisa dar um basta. Se punir agora, o próximo vai pensar duas vezes" At (2015);

Exemplo 33*: "Jeitinho brasileiro é um* ***câncer*** *que* ***precisa ser expurgado****" At(2016);*

Exemplo 34*: "e as* ***células cancerígenas*** *são os políticos corruptos que estão espalhados pelo país", Cast (2019);*

Exemplo 35*: "Jeitinho é o* ***câncer*** *dessa merda de país" Kar (2018);*

Exemplo 36*: "Na época do Império, não havia corrupção de forma generalizada. Depois do golpe militar de 15 de novembro de 1889, aí o* ***vírus corrupção se espalhou pelo Brasil****" Cast (2019);*

Exemplo 37: *"Não adianta. O* ***Brasil já está em metástase"*** *Cast (2019);*

Exemplo 38*: "Malditos* ***parasitas"*** *Cast (2019).* (Referindo-se aos próprios brasileiros).

4.3.3 *Frame* Presença

Uma característica revelada pelos comentários do **Corpus C** é a constatação da ubiquidade do *jeitinho* na cultura brasileira. Assim, o *Frame* **Presença** é ativado por meio de verbos como *permear* e *estar*. A ideia de ubiquidade é reforçada pelo item todos (os lugares, os tipos de relação) como nos exemplos 39 e 40:

Exemplo 39: "O problema da corrupção do jeitinho **está em todos os lugares**" At. (2014);

Exemplo 40: "Esse ´jeitinho´ **permeia** por todos os tipos de relação" At. (2014).

4.3.4 *Frame* Corrupção

Pode-se dizer que o *Frame* Corrupção abarca outros dois, muito próximos semanticamente. Por esta razão, o *Frame* Desonestidade, e o *Frame* "Levar vantagem" encontram-se inseridos neste *Frame* guarda-chuva Corrupção. O item lexical **corrupção** está presente em praticamente todos os arquivos compilados, muitas vezes colocado como um hiperônimo de jeitinho brasileiro. A partir dessa palavra-chave, os comentaristas ampliam seu significado, com os colocados à direita da expressão lexical *jeitinho brasileiro*. Dessa forma,

em diferentes instâncias, os comentaristas verbalizam que o jeitinho brasileiro é um ***tipo de corrupção***, um ***problema***, uma ***questão***, *a* ***cultura, é coisa de corrupção,*** *é* ***algo propenso a existir,*** em síntese, como outro comentarista diz, "**tudo o que corrompe a sociedade**". Também no entorno de corrupção, à esquerda, há verbalizações que qualificam o fenômeno, como em "***pura corrupção***", como se pode observar no conjunto de exemplos 41 a 48, a seguir:

Exemplo 41: *"O jeitinho brasileiro é um* ***tipo de corrupção****" Kar (2018);*
Exemplo 42: *"Tudo é cultural, amigos. Infelizmente, o Brasil está se tornando a* ***cultura da corrupção"*** *At (2014);*
Exemplo 43*: "O que faz a diferença de um povo para outro é a cultura! Todos têm a mesma* ***propensão à corrupção, à desonestidade****" At. (2014);*
Exemplo 44*: "O* ***problema*** *da corrupção do jeitinho está em todos os lugares" At. (2014);*
Exemplo 45: *"A* ***questão da corrupção*** *é tão complexa" At. (2014);*
Exemplo 46: *"****Jeitinho brasileiro é coisa de corrupto e malandro****. Não me representa" Kar (2018).*
Exemplo 47*: "O Jeitinho é* ***pura corrupção****" At (2014);*
Exemplo 48*: "Pra mim,* ***tudo o que corrompe a sociedade é corrupção.*** *Desde os mais simples atos como* ***furar fila,*** *desrespeito com o outro, etc. Tudo o que se faz contra regras definidas, mesmo que não concordemos com as regras, elas existem para serem seguidas" Outros_O que (s/d);*

Com os colocados de jeitinho brasileiro à direita, um outro padrão linguístico recorrente do item lexical *corrupção* é tentar definir e explicar esse fenômeno do Brasil, por exemplo, através do adjetivo ***enraizada,*** até mesmo ***"na alma do país".*** Um outro adjetivo utilizado é ***inerente,*** o qual é definido pelo dicionário Michaelis como "algo que está ligado estruturalmente, que, por natureza, é inseparável de alguma coisa", como se pode perceber no conjunto de exemplos 49 a 51:

Exemplo 49*: "Infelizmente a corrupção no Brasil é* ***enraizada*** *em nossa cultura, desde o descobrimento" At. (2014);*
Exemplo 50: *"NÃO ADIANTA. A CORRUPÇÃO ESTÁ* ***ENRAIZADA*** *NA ALMA DO PAÍS" Cast. (2019);*

Exemplo 51: *"O Brasil tem problemas porque a lei é frouxa; a corrupção é uma* ***característica inerente*** *a qualquer ser humano, seja ele de qualquer raça for" Kar (2019);*

A corrupção também representa uma **"falha no caráter**". A falha representa um desvio de caráter (ex.52). No ex.53, a falta de caráter envolve a total inexistência dele. Portanto, grosso modo, uma falha nos remete inicialmente a um defeito. Entretanto, uma falha no caráter pode implicar em um desequilíbrio ou distúrbio mental, o que certamente não seria o caso de toda a população brasileira. Pode-se afirmar, portanto, que há uma clara imbricação do fenômeno do jeitinho com a cultura, como se pode observar nos exemplos 52 e 53:

Exemplo 52: *"Corrupção é uma* ***falha no caráter*** *no ser humano, na qual a faz fazer coisas erradas. Corrupção é* ***egoísmo****" Outros_Oque (s/d);*
Exemplo 53: *"****Desonestidade e corrupção é questão de falta de caráter****. Na minha concepção, o jeitinho brasileiro é sim* ***questão cultural,*** *que surgiu devido as várias barreiras e dificuldades com as quais os brasileiros esbarram no trabalho e na vida" At. (2020);*

Ainda a respeito do item corrupção no **Corpus C**, há casos em que as definições propostas pelos comentaristas são explicativas e conseguem expandir ainda mais o campo semântico sobre o tema. Parece haver um consenso que sob o termo guarda-chuva, corrupção, existe o jeitinho brasileiro, com suas especificidades. Um sujeito define-o como os **pequenos atos do dia a dia** e para que sejam atos corruptos, precisam estar atrelados a algum tipo de **ilegalidade**. Assim, **burlar algo** em **benefício próprio** faz parte desse espectro. Um outro comentarista faz uso do **verbo reinar** no presente simples, para indicar onde a corrupção se situa na sociedade brasileira – ela reina, na condição de soberana, personificada, com muito prestígio, mas sabe-se que, além de a corrupção *reinar*, é também uma praga, um câncer. Vejamos os seguintes exemplos 54 a 56:

Exemplo 54*: "No meu ponto de vista, corrupção é o ato de querer* ***burlar algo*** *ou a lei (política, ética, social), etc., para* ***benefício próprio****" Outros_O que (s/d);*
Exemplo 55*: "são pequenos* ***atos do dia a dia*** *em que as pessoas fazem* ***de forma ilegal****,* ***imoral*** *e* ***sem ética****, a fim de conseguir vantagens em cima dos outros" Outros _O que (s/d);*
Exemplo 56*: "Então viveremos num país onde a corrupção* ***reina****." At. (2015);*

Uma outra característica do *Frame* **Corrupção** cria uma projeção de *jeitinho* como uma solução ou até mesmo uma aceitação de que praticá-lo pode ser o caminho para sobrevivência e, por esta razão, deveríamos aceitá-lo simplesmente, como algo inerente ao ser humano, não somente ao brasileiro. O conjunto de exemplos 57 a 61 ilustram essa representação mental:

Exemplo 57*: "Enquanto houver* ***humanos*** *sempre terá* ***desonestidade***, ***desigualdade***, ***racismo, poluição, corrupção****" At. (2014);*
Exemplo 58*: "Brasileiro não tem raiva de corrupção.* ***Brasileiro tem raiva por não se beneficiar pela corrupção****" At. (2020);*
Exemplo 59*: "A corrupção* ***sempre existiu e sempre existirá.****" Cast. (2019);*
Exemplo 60: "Já sofremos com roubo, violência, corrupção, ***temos que ter malandragem em alguma coisa****, né" Kar (2018);*
Exemplo 61: "Lembre-se que ***se não fosse a corrupção e o jeitinho brasileiro,*** *nenhum de vocês teria o que comer, seus estatolatras!" Kar (2018);*

Por outro lado, outro comentarista faz um questionamento com relação à prática do "jeitinho brasileiro", metaforizando as consequências dessa prática, na qual o autor do comentário compara o jeitinho brasileiro ao "tiro" que saiu pela culatra. O dicionário Michaelis define a culatra como "Parte posterior e/ou fecho do cano de uma arma de fogo por onde se faz o seu carregamento[75]". Dito de outra forma, assim como o tiro sai do lugar errado e, por consequência, pode causar estragos a alguém, praticar o *jeitinho brasileiro* pode nos fazer dar um tiro no pé, já que a sociedade e seus cidadãos são os grandes prejudicados neste círculo vicioso, como explicado no exemplo 62, a seguir:

Exemplo 62: "O Jeitinho Brasileiro é o ***responsável*** *pela corrupção no Brasil. O nosso jeitinho brasileiro, a nossa* ***malandragem saiu pela culatra****,* ***foi um tiro no próprio pé****" Kar (2018);*

A famosa frase, *"Eu gosto de levar vantagem em tudo, certo. Leve vantagem você também!",* remete à campanha publicitária de cigarros, apresentada pelo jogador da seleção brasileira de futebol da década de 1970, Gerson. A partir de então, surgiu uma associação do jeitinho brasileiro ao ato de levar vantagem em tudo, mais especificamente conhecida por

75 Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/palavra/ZOGR/culatra/. Acesso em: 13 dez. 2021.

“Lei de Gerson”. Observa-se pelos exemplos 63 a 67, a seguir, que há um padrão de frequência com o verbo levar seguido do substantivo vantagem. No sentido criado pela campanha publicitária, “levar vantagem” envolve meios ilícitos, mais próximos ao conceito de corrupção.

Exemplo 63 “A corrupção, o jeitinho, o **levar vantagem** é arraigado na cultura nacional” At (2014);
Exemplo 64: “Gosto de **levar vantagem em tudo**, certo? Leve vantagem você também!”At (2014);
Exemplo 65: “Embora o JEITINHO BRASILEIRO de **levar vantagem em tudo** possa parecer um hábito muito vantajoso e inofensivo a curto prazo, é nocivo e corrosivo a longo prazo” At (2018);
Exemplo 66: “… arte da enganação, falcatrua, desonestidade, engodo, trapaça, golpes, agiotagem e levar vantagem em tudo, moldaram o famoso jogo de cintura do jeitinho brasileiro” At (2020);
Exemplo 67: “Brasileiro gosta muito de **levar vantagem em tudo**” Kar (2018);

O *Frame* **Desonestidade**, como extensão do *Frame* **Corrupção**, foi pensado por conta da frequência com que os comentaristas do **Corpus C** fazem uso de uma série de sinônimos para o item “desonestidade”. Um significado que considero relevante para desonestidade, com relação ao **Corpus C**, é “Ausência de integridade ou de retidão com as coisas alheias[76]” (Michaelis *online*). As verbalizações dos internautas definem o *jeitinho brasileiro* como parte integrante de uma cultura que incentiva a desonestidade, bem como praticado por canalhas, ladrões, picaretas, malandros, gentalhas. Os honestos são vistos como otários. Por outro lado, esse fenômeno apresenta-se como atos de picaretagem, vigarice e sabotagem, assim como ilustrado pelos exemplos, 68 a 74, extraídos do **Corpus C**:

Exemplo 68: “Jeitinho brasileiro é **ser desonesto**” At (2014);
Exemplo 69: “Nossa **fama** na Europa é **de ladrão, trapaceiro, desonesto**” At (2016);
Exemplo 70: “Baixar o livro da internet é considerado **desonestidade**? Mesmo se eu não tiver dinheiro e quiser ler?” At (2014)

76 Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/desonestidade/#:~:text=3%20Aus%C3%Aancia%20de%20integridade%20ou,da%20verdade%3B%20m%C3%A1%2Df%C3%A9. Acesso em: 13 dez. 2021.

Exemplo 71: “Nossa **cultura incentiva** tanto a **desonestidade** a ponto de taxar os honestos de otários” At (2014);

Exemplo 72: “A **cultura de desonestidade** parece cada vez maior” At. (2015);

Exemplo 73: “O pior da **desonestidade** é a moral que certos grupos acham que têm” At. (2017);

Exemplo 74: “Jeitinho brasileiro são **babacas, canalhas, ladrões, picaretas, malandros**. Por isso o Brasil está uma merda por causa de gentalhas, que só querem destruir as pessoas por **picaretagem, vigarice, sabotagem, tem muita gente canalha**” Kar (2018).

4.3.5 *Frame* Disseminação

Outro *Frame* ativado pelas verbalizações dos comentaristas circunscritos à pesquisa é o *de coisas que se alastram*. O verbo *alastrar-se* está presente em várias instâncias, assim como o verbo espalhar. Em outras, *jeitinho brasileiro* é uma praga. Portanto, como um sujeito mesmo diz, “as coisas erradas se alastram”. Alastrar, segundo o Michaelis, significa “Espalhar(-se) com rapidez; exacerbar(-se), proliferar(-se)[77]”, um sentido que também corrobora com a ideia de uma praga, como outro comentarista define o *jeitinho brasileiro.* Praga é um substantivo que nos remete, em primeiro lugar, à ideia de infestação por decorrência de insetos ou plantas daninhas, por exemplo. Mas com relação ao *Jeitinho*, a ideia de praga nos remete a uma espécie de maldição, uma desgraça ou mal coletivo, já que o *jeitinho brasileiro* é algo que se alastra pela sociedade como um todo, como se pode observar nos exemplos a seguir, no conjunto de exemplos 75 a 77:

*Exemplo 75: “Existem coisas muito erradas que **se alastraram** pelo comportamento da sociedade brasileira” At. (2014);*

*Exemplo 76: “Jeitinho brasileiro é uma **praga** empregada em nossa sociedade” Kar (2018);*

*Exemplo 77: “A colonização portuguesa aconteceu da mesma forma que outros colonizadores e não foi por isso que o jeitinho brasileiro **se espalhou**” Kar (2018).*

4.3.6 *Frame* Maldição Cultural

77 Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?id=A4l0. Acesso em: 13. dez. 2021.

O *Frame* **Maldição** foi depreendido de alguns comentários, os quais amaldiçoavam a sociedade, os brasileiros, o Brasil e até mesmo, a democracia. Há uma repetição das expressões "herança maldita","maldição cultural" e "Jeitinho maldito/do demônio". A maldição é uma praga rogada por alguém em cima de outrem. Esses comentaristas que veem o jeitinho como uma herança maldita, parecem acreditar e aceitar que a herança é maldita porque alguém lhes rogou praga, mas é interessante notar que para se livrar de uma praga, basta ter vontade, o que seria o oposto de herança cultural. Vejamos o conjunto de exemplos 78 a 85, a seguir:

Exemplo 78: "O jeitinho brasileiro é a pior **maldição da sociedade**" At (2014);
Exemplo 79: "… a **maldita democracia** do roubo" Cast (2019);
Exemplo 80: "**Maldito** Brasil" Cast (2020);
Exemplo 81: "Esse país chamado Brasil realmente é uma **Sodoma e Gomorra**" Cast (2021);
Exemplo 82:"Esse jeitinho brasileiro é uma **maldição nessa nação**..." Kar (2018);
Exemplo 83: "É esse **maldito jeitinho** q nos perpetua em país de 3º mundo" Kar (2018);
Exemplo 84: "Odeio esse jeitinho **do demônio.** Nossa fama na Europa é de ladrão, trapaceiro, desonesto" At. (2016);
Exemplo 85: "Esses corruptos são uns **demônios** mesmo" Cast (2019).

4.3.7 *Frame Repulsa (*Sujeira, Podridão, Nojeira, Vergonha)

Os quatro *Frames* acima foram inseridos em um único *Frame* nesta pesquisa, o de Repulsa, pois, ao analisarmos as evidências linguísticas extraídas do **Corpus C**, de certa forma, percebemos que os quatro *Frames* se encontram um tanto imbricados com relação ao modo pelo qual jeitinho, corrupção e suas consequências são representados metaforicamente. Tanto o *Frame* **sujeira** quanto **podridão** evocam campos semânticos convergentes, dos quais fazem parte um **esquema sujo** e um **sistema podre,** relacionando-os aos fatos propriamente ditos, isto é, às causas, *per se*, da prática do jeitinho e da corrupção na sociedade, fato este muito marcado pelo uso do ***verbo ser*** na terceira pessoa. Os ***Frames*** **Nojeira e Vergonha**, por outro lado, representam as consequências e os efeitos que ambos provocam nos cidadãos brasileiros circunscritos aos comentários da pesquisa. O *jeitinho podre* e *sujo* ativam os

terceiro e quarto *Frames* da *nojeira* e da *vergonha*. Em primeiro lugar, porque, trata-se, na realidade, de uma nojeira moral. A *corrupção* e o *jeitinho* são atos sujos que podem desencadear repulsa, nojo e muita vergonha por parte de alguns. Os *Frames* da Nojeira e da Vergonha, apesar de não serem semelhantes com relação aos campos semânticos, são semelhantes com relação ao impacto que exercem nas pessoas, como no conjunto de exemplos 86 a 109 a seguir:

4.3.7.1 *Frame* Sujeira

Exemplo 86: "É tão **sujo** o **esquema.(…)** Cast. (2019)";
Exemplo 87: "JEITINHO BRASILEIRO. Que só serviu para colocar **porcos corruptos** e incompetentes no poder" At (2018);
Exemplo 88: "… **porcos cariocas**" Kar (2021);
Exemplo 89: "Resumindo: o Brasil é uma **GRANDE SUJEIRA**" Cast (2019);
Exemplo 90: **"o país da sujeira e poluição é foda"** Cast (2019).
Exemplo 91: "Jeitinho Brasileiro é **bosta** desse país" At. (2018);

4.3.7.2 *Frame* Podridão

Exemplo 92: **"Sistema podre!** Cast (2020)";
Exemplo 93: "os políticos e a **parte podre** da população do Brasil" At (2016);
Exemplo 94: "O sistema político do Brasil está **podre, doente e defasado"** Cast (2019);
Exemplo 95**: "A podridão é pior do que eu imaginava"** Cast (2019);

4.3.7.3 *Frame* Nojeira

Exemplo 96: "**Tenho nojo** desse jeitinho brasileiro". **Tenho nojo** desses políticos corruptos" Kar (2018);

Exemplo 97: “Esse país **dá nojo”** Cast. (2019);

Exemplo 98: “Quanto mais aprendo sobre esse país, mais **sinto nojo**” Cast (2019);

Exemplo 99: “**Nojo**. A podridão é pior do que eu imaginava” Cast (2019);

Exemplo 100: “Quanto mais aprendo sobre esse país, mais **sinto nojo**. O pior que isso nunca vai acabar” Cast (2019);

Exemplo 101: “**Nojo desse sistema** e parte da sociedade também, por isso estou vazando” Cast (2020;

Exemplo 102: “Rouba mas faz. **Isso me dá nojo**” Cast (2020);

Exemplo 103: “**Tenho nojo** dessa porra de jeitinho brasileiro” Kar (2018);

Exemplo 104: “Brasil é um Titanic eterno. Em TDS os aspectos. Não muda nunca. **Ricos nojentos.** Pobres idiotas q ficam vendo TD ano após ano e não fazem nada. (…) Fura fila, joga lixo na rua, não segue regras. **Nojo**” Outros_UOL (2021);

Exemplo 105: “Só **nojo**. Os médicos lutando tando (*sic*) incansavelmente na linha de frente, e vem vagabundo querendo furar a fila” Outros_UOL (2021).

4.3.7.4 *Frame Vergonha*

Exemplo 106: “A dança da pizza me faz ter vergonha”… At (2020)

Exemplo 107: “Isso é uma vergonha” At (2014)

Exemplo 108: “Tenho vergonha do meu estado de MG” Cast (2019)

Exemplo 109: “QUANTO AO NEPOTISMO, ISTO É UMA VERGONHA PARA O NOSSO PAÍS” Cast (2020)

Aqui abro um adendo para ilustrar a presença do item vergonha colocado com “na cara”, cujo sentido é outro, completamente distinto de algo que nos causa ou nos faz sentir vergonha. Por exemplo, alguns comentaristas fazem referência a **ter/criar/tomar vergonha + na cara** e parecem sugerir que, para se extinguir essa maldição cultural do jeitinho brasileiro, é necessário que se **crie/tome/tenha vergonha na cara**. Se alguém não tem vergonha na cara é porque age de forma indigna, desonrosa, inapropriada. Portanto, há de se ter dignidade, para que se possa exterminar o jeitinho brasileiro. Vejamos os exemplos 110 a 112, a seguir:

Exemplo 110: “Já passou a hora de nós brasileiros **criarmos vergonha na cara** e pararmos com essa maldição cultural que é o JEITINHO BRASILEIRO” At (2018);
Exemplo 111: “O brasileiro tem de tomar é vergonha na cara” Kar (2018)
Exemplo 112: “Lamentavelmente não tem vergonha na cara” Outros_UOL, ANO (2021)

4.3.8 *Frame* Flexibilidade / Criatividade

O único *Frame* depreendido do **Corpus C** com cunho positivo é aquele em que os comentaristas veem o jeitinho brasileiro como uma gambiarra, isto é, uma forma criativa e flexível para solução dos problemas do dia a dia. Dito de outro forma, neste caso, as evidências linguísticas demonstram que o jeitinho pode significar tanto um modo de sobrevivência quanto a capacidade de se adaptar aos obstáculos causados pelos problemas existentes em nosso cotidiano. Dessa forma, como um outro comentarista diz, “criam-se atalhos”, ou seja, o jeitinho é o **caminho curto** entre dois pontos, a saber: onde está o “problema” ou “obstáculo” até a solução, com muita criatividade e flexibilidade. Um exemplo, citado por outro comentarista, é na falta de esparadrapo para se fazer um curativo, dá-se um jeito com fita crepe. Outras instâncias que evidenciam essa faceta criativa e flexível do *jeitinho* podem ser ilustradas pelo conjunto de exemplos 113 a 119, a seguir:

Exemplo 113: “Jeitinho é **ser flexível**, é **dar uma ajudinha**” Kar (2018);
Exemplo 114: “Jeitinho brasileiro é **encontrar soluções criativas para problemas**” At (2014);
Exemplo 115: “O jeitinho brasileiro é **uma forma carinhosa de dizer, fazer de qualquer jeito, sem comprometimento ou responsabilidade.** Faltam vigas de aço para construir a ponte? Vamos usar madeira. Falta esparadrapo, curativo? Vamos usar fita crepe At (2014);
Exemplo 116: “Na minha concepção, o jeitinho brasileiro era, na verdade, uma solução criativa para problemas diários do cotidiano brasileiro, e não levar vantagem em outras pessoas” At. (2014);
Exemplo 117: **“**Ver jeitinho brasileiro somente como sinônimo de corrupção é limitado e inadequado uma vez que é apenas uma das manifestações de como o brasileiro cria atalhos, inclusive de forma empreendedora ou criativa e às vezes até altruísta: vide o jeitinho

brasileiro na invenção do soro caseiro, feito com açúcar e sal, da Pastoral da Criança" At (2020);
Exemplo 118: "Jeitinho brasileiro = gambiarra" Kar (2018)
Exemplo 119: **"Jeitinho brasileiro = superbonder"** Kar (2018).

Por fim, outro item relevante presente tanto no **Corpus C** quanto no **Corpus N** é o verbo resolver, no sentido de sugerir soluções para resolução de problemas, de forma flexível e/ou criativa: o jeitinho brasileiro, portanto, de resolver as coisas. Vejamos os exemplos 120 a 122 do **Corpus C**:

Exemplo 120: "Ser habilidoso em **resolver** problemas" At (2014)
Exemplo 121: "Quando há um problema, a maneira é **resolver** a situação" Kar (2018)
Exemplo 122: "Jeitinho brasileiro é tomar fluoxetina e **resolver** um problema por vez" Kar (2018).

Esse comentarista do exemplo 122 acredita que, ao tomar um medicamento antidepressivo, poderá resolver um problema por vez.

Tendo discutido os **8** *Frames* identificados no **Corpus C**, comparo estes *Frames* com os **5** identificados no **Corpus S** com o objetivo de investigar semelhanças e diferenças entre eles, as quais serão vistas em detalhe, na seção 4.4., a seguir.

4.4 **Comparação entre os *frames* evocados no Corpus S e no Corpus C**

No Quadro 11, a seguir, mostro a interseção dos *Frames* evocados em cada um dos corpora.

Quadro 11 – Interseção de *Frame*s do Corpus S e *Frame*s do Corpus C

***Frame*s Corpus S**	***Frame*s comuns ao dois corpora**	***Frame*s Corpus C**
1.Disseminação 2.Presença 3.Raiz 4.Infinitude 5.Profundeza	**Disseminação** **Presença** **Raiz**	1. Disseminação 2. Presença 3. Raiz 4. Herança 5. Corrupção 6. Maldição 7. Sujeira, Podridão, Nojeira, Vergonha 8. Flexibilidade/Criatividade

Fonte: A autora, 2022.

No Quadro 11 com os *Frames* do **Corpus S** e do **Corpus C**, observa-se que há uma interseção de conceptualizações sobre *jeitinho brasileiro e corrupção,* a partir dos seguintes *Frames* metafóricos:

- Disseminação
- Presença
- Raiz

Em linhas gerais, o *jeitinho brasileiro* existe no tempo e no espaço, porque é onipresente, isto é, encontra-se em todas as partes. Está também enraizado de tal forma que não se consegue extirpá-lo. Além disso, trata-se de algo que se alastra e se multiplica. Estas três imagens convergentes nos corpora **S** e **C** parecem estar entranhadas no imaginário da cultura brasileira e por consequência, no brasileiro. A cultura brasileira é como se fosse um hospedeiro desse *jeitinho,* que possui uma força que suga e que se espalha. O *jeitinho* encontra-se, portanto, preso ao tempo e ao espaço, no *locus* Brasil.

Falar de uma cultura entranhada nos remete a algo que criou e fincou raízes, que vem de baixo, que sobe à tona, que emerge, evidências lexicais que estão marcadas nos corpora investigados. Como bem nos lembra Sinclair (2004, p.28), “Na coleta e organização de evidências do corpus, o primeiro foco é nas repetições de eventos, em vez de ocorrências

únicas."[78] Os eventos aqui estão exemplificados na repetição dos *Frames* da Disseminação, Presença e Raiz.

Os demais *Frames* identificados no **Corpus C**: Herança, Corrupção, Maldição, Sujeira, Podridão, Nojeira, Vergonha, Criatividade/Flexibilidade formam, na verdade, uma rede de *Frames* entrelaçados, conectados, encabeçada pelo *Frame Herança*. Ao pensarmos no item lexical herança, pensamos em partilha de bens ou algo ou um objeto que é herdado, porque trata-se de um legado, um ensinamento, e, nesse caso, trata-se de algo que deveria possuir uma prosódia semântica positiva. Entretanto, no caso do impacto do jeitinho brasileiro na sociedade brasileira e no *locus* Brasil, a prosódia é quase sempre negativa. Em outras palavras, o **jeitinho brasileiro** é conceptualizado de duas formas: a primeira se dá a partir de 3 *Frames* convergentes nos corpora **S** e **C**: Disseminação, Presença e Raiz. Além desse entrecruzamento, existem os outros 5 *Frames* que completam o raio-x do fenômeno jeitinho brasileiro.

A seguir, apresento as metáforas sistemáticas que emergem dos *Frames* identificados.

4.5 **Metáforas do jeitinho brasileiro do Corpus C**

A metáfora é um fenômeno pluridimensional

Cameron

A metáfora é um fenômeno existente na linguagem humana, no pensamento e na comunicação. As palavras de Semino (2020) a respeito da metáfora delineiam, grosso modo, o percurso analítico dessa tese: "a metáfora envolve falar e pensar sobre uma coisa através de outra, onde as duas coisas são diferentes, mas algum tipo de semelhança pode ser percebido entre elas"[79]. Assim, no **Corpus C**, depreendemos **8 metáforas sistemáticas** acerca do *jeitinho brasileiro*, agrupadas em 4 temáticas/tópicos distintos. Essas diferentes metáforas afetam como nós sentimos e racionalizamos tópicos específicos. Nesta pesquisa, *metáforas e frames* encontram-se intrinsecamente ligados, já que as metáforas, ainda segundo Semino,

78 Minha tradução para: "*In gathering and organizing corpus evidence, the first focus is on repeated events rather than single occurrences*" (SINCLAIR, 2004, p. 28).
79 Minha tradução para: "*Metaphor involves talking and, potentially, thinking, about one thing in terms of another, where the two things are different but some similarities or correspondences can be perceived between them*".

enquadram um determinado tópico de maneiras distintas, destacando alguns aspectos e ofuscando outros.

Na abordagem da metáfora sistemática, investiga-se como os veículos metafóricos (ou domínios) possibilitam a emergência de metáforas sistemáticas no discurso. Neste caso, os padrões lexicais de determinados itens, assim como os *frames* ativados, foram imprescindíveis para identificarmos quais metáforas emergiram do corpus C. Nas palavras de Maslen (2016, p. 88). "A pesquisa sistemática da metáfora toma como ponto de partida uma das características mais intrigantes da metáfora: o fato de que no uso cotidiano, por mais aleatórias e desconexas que possam parecer, nossas metáforas muitas vezes caem em padrões"[80]. No Corpus C, pode-se afirmar que existem instâncias de sistematicidade já que existem conexões repetidas e coerentes entre alguns tópicos, como sugere Maslen (2016.). As 8 metáforas sistemáticas recrutadas no Corpus C têm a expressão jeitinho brasileiro em comum, seguidas de seus domínios fontes específicos, como se pode observar a seguir:

1. *JEITINHO BRASILEIRO É RAIZ;*
2. *JEITINHO BRASILEIRO É DISSEMINAÇÃO;*
3. *JEITINHO BRASILEIRO É PRESENÇA;*
4. *JEITINHO BRASILEIRO É SUJEIRA;*
5. *JEITINHO BRASILEIRO É PODRIDÃO;*
6. *JEITINHO BRASILEIRO É NOJEIRA;*
7. *JEITINHO BRASILEIRO É OBJETO HERDADO;*
8. *JEITINHO BRASILEIRO É FLEXIBILIDADE.*

As três primeiras metáforas *JEITINHO BRASILEIRO É RAIZ, JEITINHO BRASILEIRO É DISSEMINAÇÃO e JEITINHO BRASILEIRO É PRESENÇA* encontram-se interligadas. A primeira, *JEITINHO BRASILEIRO É RAIZ***,** forma uma rede lexical corporificada, ligada a veículos metafóricos característicos da raiz, algo entranhado, arraigado e impregnado. Vale ressaltar que parece existir uma relação entre as metáforas sistemáticas e outras subjacentes, mais primárias. Essa do jeitinho brasileiro como raiz, por exemplo, tem como base, uma metáfora conceptual primária, PERMANÊNCIA É RAIZ, porque esta é uma prática que encontra-se enraizada na sociedade brasileira. A segunda metáfora, *JEITINHO*

80 Minha tradução para: "*Systematic Metaphor research takes as its starting point one of metaphor's more intriguing characteristics: the fact that in everyday use, however random and disjointed they may seem,* ***our metaphors often fall into patterns***.".

BRASILEIRO É DISSEMINAÇÃO encontra-se também sedimentada pela questão da raiz e emerge de uma cadeia discursiva sustentada por comentários que tratam o jeitinho como algo que se encontra espalhado por todas as partes e setores da sociedade. Muitos comentaristas também fazem uso do verbo alastrar-se, assim como campos semânticos relacionados ao câncer, que se alastra com metástase e a pragas, que se multiplicam. A terceira metáfora**,** *JEITINHO BRASILEIRO É PRESENÇA*, marca o jeitinho como um fenômeno presente em todos os lugares do Brasil. Assim**,** na perspectiva desse primeiro agrupamento de metáforas sistemáticas, o jeitinho brasileiro é "sistematizado" sob o espectro de tempo e espaço, com base física e cultural. Muitas dessas metáforas estão relacionadas com a orientação espacial, porque existe recorrência de verbos como alastrar-se e espalhar. Assim, quando se diz, no exemplo 123, *"A corrupção está* ***enraizada*** *na alma do país" Cast (2019)"*, tem-se a noção de que a corrupção encontra-se no fundo deste espaço-alma, como as raízes das plantas que se desenvolvem para baixo e ramificam-se em raízes secundárias, por todas as direções, embaixo e acima da terra muitas vezes.

Além de o social e o cognitivo estarem integrados nas metáforas sistemáticas, Vereza ressalta que esse tipo de metáfora é formado por um "conjunto de metáforas linguísticas, encontradas em textos autênticos e podem ser semanticamente relacionadas" (2013, p. 110), algo que vai ao encontro dos *frames* metafóricos identificados no Corpus C. Dessa forma, as metáforas sistemáticas propostas no segundo agrupamento são *(4) JEITINHO BRASILEIRO É SUJEIRA;(5) JEITINHO BRASILEIRO É PODRIDÃO;(6) JEITINHO BRASILEIRO É NOJEIRA;* Como observado nos *frames* do Corpus C, foram identificados veículos metafóricos que justificam tais metáforas. Porém, essas três metáforas evocam uma outra, mais básica, conceptual, primária e subjacente às três metáforas sistemáticas supracitadas, que envolve uma avaliação moral: IMORALIDADE É SUJEIRA. Conforme Lakoff (2016, p. 54)[81], a moralidade é conceptualizada como pureza e a imoralidade como impureza ou sujeira, e acrescenta que,

> As implicações dessa metáfora são poderosas: assim como as impurezas físicas podem arruinar uma substância, impurezas podem arruinar uma pessoa ou uma sociedade. Assim como as substâncias, para serem utilizáveis, devem ser purgadas de impurezas, as sociedades, para serem viáveis, devem ser expurgadas de indivíduos ou práticas corruptoras, a imoralidade pode arruinar uma sociedade e, portanto, não pode ser tolerada.

81 Minha tradução para: *"The entailments of this metaphor are powerful: Just as physical impurities can ruin a substance, so moral impurities can ruin a person or a society. Just as substances, to be usable, must be purged of impurities, so societies, to be viable, must be purged of corrupting individuals or practices. Immorality can ruin a society and therefore cannot be tolerated".*

Portanto, CORRUPÇÃO É SUJEIRA, e, apesar desta tese não investigar as metáforas conceptuais especificamente, é fundamental ressaltar a existência delas, já que encontram-se subjacentes às metáforas sistemáticas depreendidas do Corpus C e sedimentam ainda mais a base cognitiva delas, como pode ser observado nos exemplos, a seguir:

Na 4ª metáfora sistemática identificada, *JEITINHO BRASILEIRO É SUJEIRA*, o conjunto de exemplos 124 a 129 mostram a recorrência de dados linguísticos que mapeiam os veículos metafóricos sob a perspectiva da sujeira, da qual precisamos nos lavar para nos purificarmos de uma cultura "mal vista":

Exemplo 124*: "..Aos poucos,* ***nos lavando da cultura mal vista e suja do "jeitinho"*** *(At_2015);*
Exemplo 125: "Brasil… as ***fossas abertas da AMÉRICA LATRINA***" (Outros_Fura fila_2021);
Exemplo 126: *"Resumindo: o Brasil é uma* ***GRANDE SUJEIRA****" (Cast_2019);*
Exemplo 127: "*É tão* ***sujo*** *o esquema"... (Cast_2019);*
Exemplo 128:"O jeitinho brasileiro é a pior **bosta** desse país" (At_2018);
Exemplo 129*: "OUTRAS NAÇÕES EVITAM A* ***LATRINA DE BOSTA*** *CHAMADO BRASIL" (Outros_Fura fila_2021).*

É interessante ressaltar que a metaforização ocorre, por exemplo, a partir do momento em que se usa o verbo lavar, o qual, logo é associado à limpeza com uso de água. Porém, no caso do *Jeitinho brasileiro,* a ideia projetada é da necessidade de purificação da cultura brasileira, em uma espécie de lavagem moral, para que a tal "grande sujeira" seja limpa de vez. Outra metaforização impactante é da identificação do Brasil como uma "latrina de bosta", complementada por outro comentário que inclui o Brasil como parte de uma "fossa aberta" acrescentando ainda o trocadilho da expressão América Latina, com *América Latrina,* talvez uma alusão ao livro clássico escrito em 1970 pelo autor uruguaio Eduardo Galeano, intitulado "As veias abertas da América Latina".

Em cenário semelhante ao *Jeitinho Brasileiro* como algo sujo, a 5ª metáfora sistemática ***JEITINHO BRASILEIRO É PODRIDÃO*** foi inferida a partir dos veículos metafóricos relacionados à podridão, também algo que se é imaginado inicialmente de forma mais concreta, em um contexto de alimentos que estragam, por serem devorados por fungos e bactérias, e consequentemente, impróprios ao consumo. Da mesma forma, pensa-se na podridão de um corpo quando se morre, ao fato que a carne morta apodrece, pela mesma

presença de vírus e bactéria. Contudo, assim como a sujeira, a podridão no **Corpus C** também é metaforizada como algo que afeta a moral humana, como se pode constatar no conjunto de exemplos 130 a 133, a seguir, os quais referem-se a pessoas vivas, a um sistema , ao próprio território brasileiro:

Exemplo 130*: "... a **parte podre** da população" (At_2016);*
Exemplo 131: *" A **podridão** é pior do que eu imaginava" (Cast_2019);*
Exemplo 132: *"**Sistema podre**. ACEITEM! Esse nosso país lindo ACABOU! (Cast_2020)*
Exemplo 133*: "O jeitinho brasileiro começou quando o navio não afundou e o **povo da Europa** chegou por aqui por acaso pra **estragar** a América do Sul" (Kar_2018);*

A 6ª metáfora sistemática proposta, ***JEITINHO BRASILEIRO É NOJEIRA,*** foi inferida a partir das evidências linguísticas formando uma rede lexical de verbos (dar, sentir, ter, ser) acrescidos do substantivo *nojo* ou em alguns casos, do adjetivo *nojento* (com o verbo ser), além do substantivo *nojeira*, como constatados no conjunto de exemplos 134 a 138 a seguir:

Exemplo 134*: "Esse país **dá nojo**". (Cast_2019);*
Exemplo 135 *"Quanto mais aprendo sobre esse país, mais **sinto nojo**" (Cast_2019);*
Exemplo 136*: "Ver essa **nojeira** dá até uma angústia" (Cast_2019);*
Exemplo 137*: "**Tenho nojo desse jeitinho brasileiro**" (Kar_2018);*
Exemplo 138*: "**Jeitinho** mais marcado e **nojento** é aquele que existe no Brasil" (Outros_Cienc_Ano);*

Abro aqui parênteses para poder entender porque o jeitinho brasileiro causaria nojo. Em uma pesquisa feita por Curtis e de Barra (2008), da London School of Hygiene & Tropical Medicine (LSHTM) foram identificadas 6 fatores causadores de repugnância ou nojo nas pessoas: má higiene, animais ou insetos portadores de doenças, comportamento sexual de risco, lesões ou bolhas com pus na pele, comida em estado de putrefação e alimentos que têm uma aparência atípica. Segundo os cientistas, o sentimento de repugnância advém do perigo de contágio. Apesar de bactérias ou vírus não serem perceptíveis ao olho nu, há no nojo uma percepção de algo que pode infectar, e essa percepção reflete um desejo humano de evitar aquilo que causa nojo.

A 7ª metáfora depreendida do Corpus C é o da *corrupção endêmica/ jeitinho brasileiro* como uma herança histórico-cultural amaldiçoada, a qual resulta na metáfora sistemática ***JEITINHO BRASILEIRO É OBJETO HERDADO***. Vale acrescentar que o campo semântico relacionado ao *jeitinho* como *herança* envolve dados linguísticos recorrentes no âmbito das questões culturais ligadas à desonestidade, a levar vantagem, a propensão à corrupção e a culpabilidade da colonização portuguesa pelo surgimento do jeitinho brasileiro e corrupção sistêmica e endêmica. Os *frames* Herança histórico-cultural e Maldição Cultural encontram-se fortemente imbricados, pois de acordo com os dados do Corpus C, o *jeitinho brasileiro* representa uma herança maldita. Assim, este é um cenário metafórico mais complexo, o qual pode ser ilustrado com o conjunto de exemplos 145 a 155, a seguir:

Exemplo 145*: "Tudo é* ***cultural****, amigos" (At_2014);*

Exemplo 146*: "O jeitinho brasileiro é* ***algo extremamente cultural****" (At_2014);*

Exemplo 147*: "Este"Jeitinho brasileiro" é uma* ***herança do passado colonial do país****. (...) Acho que a* ***colonização*** *é uma das responsáveis por uma "ideologia" que valorize a desonestidade, para mim o grande problema do país são duas "ideias" que se estalaram (sic) na base da nação. Uma é o "espírito de vira-lata" que impede o povo de agir contra o "sistema", aceitando os fatos status quo, tendo como frases típicas, "este país não tem jeito" ou "isto só acontece aqui", o outro é o "jeitinho brasileiro" que serve para justificar a desonestidade, o engraçado é que os mesmos que dizem "esses políticos são todo (sic) ladrão" não agem muito diferente quando tem (sic) uma oportunidade" (At_2015);*

Exemplo 148*: "Odeio esse* ***jeitinho do demônio.*** *Nossa fama na Europa é de ladrão, trapaceiro, desonesto" (At_2016);*

Exemplo 149*: "Já passou da hora de nós brasileiros criarmos vergonha na cara e pararmos com essa* ***maldição cultural*** *que é o" JEITINHO BRASILEIRO". (...) Embora o JEITINHO BRASILEIRO DE LEVAR VANTAGEM EM TUDO possa parecer um hábito muito vantajoso e inofensivo a curto prazo. É extremamente nocivo e corrosivo a longo prazo. Acaba sempre se voltando contra nós mais tarde" (At_2018);*

Exemplo 150*: "Não tem outra opção nesse lugar. Malandro é malandro, Mané é Mané. O jeitinho brasileiro* ***veio*** *ainda na* ***época colonial****. Os* ***colonizadores portugueses*** *era (sic) todos bandidos, ladrões que queriam livrar-se das penas e detenção lá em* ***Portugal****. Só vieram ruins pra cá, todos trazido (sic) pelos* ***portugueses****" (At_2019);*

Exemplo 151*: "Jeitinho brasileiro começa com a* ***chegada*** *dos* ***portugueses****" (Kar_2018);*

Exemplo 152*: "Fomos* ***colonizados*** *por pessoas da pior espécie no Brasil, tendo como* ***herança cultural do jeitinho brasileiro herdado*** *pelos filhos dos filhos desses exilados aqui no Brasil" (Kar_2018);*

Exemplo 153*: "O problema desse jeitinho é que* ***tá entranhado na cultura do Brasil,*** *isso pra não dizer* ***no sangue mesmo****, sendo assim fica difícil de combater a corrupção, principalmente do colarinho branco. Vamos imaginar uma coisa: se eu furo fila (sic) banco, estaciono em vaga para idoso, uso carteira de estudante falsa, etc., como posso exigir honestidade dos políticos? Pode parecer engraçado para alguns mas é uma* ***desgraça cultural****!" (Kar_2018);*

Exemplo 154*: "È esse* ***maldito jeitinho*** *q nos perpetua em país de 3 (sic) mundo" (Kar_2018);*

Exemplo 155*: "O Brasil nunca terá jeito; não é pessimismo, isso é uma* ***herança do passado****, bem da época dos* ***portugueses****" (Cast_2020);*

Os campos semânticos relacionados ao *Frame* **Herança** representam, em grande parte, um mapeamento metafórico-chave que alimenta os demais *frames* e estão também interligados, por meio de colocados e coligados. Assim, pode-se dizer que ***JEITINHO BRASILEIRO É OBJETO HERDADO*** encontra-se no topo de todas as outras, as quais estariam conectadas. Dessa forma, das 7 metáforas sistemáticas propostas até agora, todas podem ser consideradas como "hipônimos" dessa metáfora maior. O *jeitinho brasileiro*, como herança maldita organiza as demais.

Há exceções a esse quadro negativo: a 8ª metáfora, *JEITINHO BRASILEIRO É FLEXIBILIDADE*, cujos campos semânticos são formados por uma rede lexical composta por situações positivas, que percebem o jeitinho brasileiro como um fenômeno flexível, gerador de improvisações e criatividade, o qual estimula a imaginação. Esta metáfora sistemática pressupõe uma outra, conceptual: CRIATIVIDADE É FLEXIBILIDADE, pois como visto no Corpus C, jeitinho brasileiro é um tipo de flexibilidade, constatado no conjunto de exemplos 156 a 159, a seguir:

Exemplo 156: ***"****Jeitinho brasileiro é* ***ser flexível*** *a* [sic] ***dar uma ajudinha ao próximo"*** *(Kar_2018*

Exemplo 157*: "O Jeitinho também tem* ***lados positivos****. Já ouvi pessoas falarem que muitas situações que os* ***brasileiros tiram de letra****, no exterior pode ser encarado como o fim do*

mundo. A gente ***arruma um jeito pra tudo, nem sempre de forma desonesta.*** *O* ***brasileiro é criativo*** *e* ***encontra soluções*** *onde muitas pessoas não veem" (Kar_2018);*

Exemplo 158*:* *"Me recuso a assumir esse significado para o "jeitinho brasileiro". Desonestidade e corrupção é (sic) questão de caráter. Na minha concepção, o "jeitinho brasileiro" é sim questão cultural, que surgiu devido a várias barreiras e dificuldades com as quais os brasileiros esbarram no trabalho e na vida; é o* ***ato de conseguir driblar a dificuldade****,* ***contornar a barreira e se virar com o que tem disponível para fazer o que precisa; é*** *o* ***uso da criatividade para improvisar. (…) Não é justo a criatividade de improvisar temporariamente levar a má fama por conta dos corruptos ou dos chefes que fazem o improviso temporário virar um século"*** *(At_2020)****;***

Exemplo 159: ***"Ver "jeitinho brasileiro" somente como*** *sinônimo de corrupção é* ***limitado*** *e* ***inadequado*** *uma vez que é apenas uma das manifestações de como o brasileiro burlar* ***e criar atalhos, inclusive de forma empreendedora OU criativa e às vezes até altruísta: vide o jeitinho brasileiro na invenção do soro caseiro feito de açúcar e sal da Pastoral da criança"*** *(At_2020.*

Como se pode observar, as únicas metáforas sistemáticas recrutadas positivamente são a do jeitinho brasileiro como um meio criativo de sobrevivência, a qual teve um mapeamento metafórico formado por uma rede lexical que inclui itens como atributos relacionados à criatividade e à flexibilidade do brasileiro em lidar com situações difíceis. Assim, *jeitinho brasileiro* pode ser também para alguns, uma busca por soluções criativas, um atalho, uma forma empreendedora de se resolver um problema, um momento de flexibilidade e até de altruísmo, como o exemplo do soro caseiro citado por algum comentarista.

Este capítulo investigou as metaforizações da corrupção endêmica ou *jeitinho brasileiro* no **Corpus C**. Outros corpora exploratórios foram investigados (**N** e **S**), a fim de identificar possíveis convergências com relação a metaforizações e campos semânticos. A partir de *frames* metafóricos depreendidos com a ajuda dos campos semânticos identificados através de campos lexicais, foram propostas algumas metáforas sistemáticas. Tendo o jeitinho brasileiro uma dimensão que envolve um espectro histórico-cultural, torna-se relevante acrescentar a possível existência de uma metáfora superordenada, mais complexa, que organizaria as demais e sobre a qual discuto em seguida, no capítulo 6. Mas antes, mostro um resumo das metáforas sistemáticas, no Quadro 12, a seguir.

Quadro 12 – Resumo das metáforas sistemáticas no Corpus C

Metáforas Sistemáticas do Jeitinho Brasileiro				
Fragmentos Corpus C	**Fontes**	**Veículos**	***Frames***	**Metáforas**
"uma **herança** do **passado colonial**"	At. 2015	Herança	Herança Cultural Maldita	Jeitinho Brasileiro é objeto herdado
"**maldição cultural** que é o JEITINHO BRASILEIRO"	At. 2018	Maldição Cultural	Herança Cultural Maldita	Jeitinho Brasileiro é objeto herdado
"já está **enraizado** em nossa cultura"	At.2015	Enraizado	Raiz	Jeitinho Brasileiro é Raiz
"está tão **impregnado** nas pessoas"	Kar.2018	Impregnado	Raiz	Jeitinho Brasileiro é Raiz
"está **entranhado** na cultura do Brasil"	Kar. 2018	Entranhado	Raiz	Jeitinho Brasileiro é Raiz
"é um **câncer** que precisa ser **expurgado**"	At. 2016	Câncer, expurgado	Raiz/Doença	Jeitinho Brasileiro é Raiz/Doença
" **vírus** corrupção se espalhou pelo Brasil"	Cast.2019	Vírus	Disseminação/Doença	Jeitinho Brasileiro é Disseminação
"está **em todos os lugares**"	At. 2014	Em todos os lugares	Presença	Jeitinho Brasileiro é presença
" Brasil é uma grande **sujeira**"	Cast. 2019	Sujeira	Sujeira	Jeitinho Brasileiro é sujeira
" sistema **podre**"	Cast. 2020	Podre	Podridão	Jeitinho Brasileiro é podridão
"esse país **dá nojo**"	Cast. 2019	Dá nojo	Nojeira	Jeitinho Brasileiro é nojeira
"Jeitinho Brasileiro é ser **flexível**"	Kar. 2018	Flexível	Flexibilidade	Jeitinho Brasileiro é flexibilidade
"brasileiro é **criativ**o e **encontra soluções** onde muitas pessoas não veem"	Kar. 2018	Criativo, encontra soluções	Flexibilidade	Jeitinho Brasileiro é flexibilidade

Fonte: A autora, 2022.

Nas Considerações Finais, portanto, faço um sumário do percurso de minha tese. Em seguida, respondo às perguntas de pesquisa. Em uma terceira parte discutirei a metáfora guarda-chuva que permeia as demais. Por fim, farei uma apreciação sobre o enfoque empírico adotado pela tese, sobre a sinergia entre estudos sobre metáfora e a orientação dada pelo corpus além da discussão sobre possíveis limitações da tese, as quais podem ser vistas como contribuições a pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma seção de tese que se intitula considerações finais evoca alguns *frames* – um texto que vai mencionar o que foi feito, o que deixou de ser feito e o que poderá ser feito. Dessa forma este meu capítulo seis seguirá esse percurso, sem muitas surpresas.

Esta tese teve como objetivo inicial empreender uma investigação a respeito de possíveis metaforizações da corrupção endêmica no Brasil, tópico tão pouco estudado no âmbito da linguística. Foram escolhidos como dados, os comentários produzidos em ambiente digital. Optei por dar voz a pessoas comuns, usuárias das seções de comentários de redes sociais, falantes do português contemporâneo do Brasil, o que justifica o corpus coletado a partir da plataforma *YouTube.* Através das metaforizações constantes nesses dados, este estudo desvelou também aspectos fundamentais para um melhor entendimento da relação entre o jeitinho e o homem brasileiro comum. Assim, foi revelador constatar a percepção que esse homem brasileiro comum tem de si mesmo, do jeitinho brasileiro e de sua prática.

Resumo agora o caminho trilhado nesta tese, e respondo às perguntas de pesquisa. Após respondê-las, faço uma avaliação das possíveis contribuições feitas, e depois menciono algumas de suas limitações. Como uma tese jamais é o fim de uma trilha, enumero possíveis encaminhamentos em pesquisas futuras. Essa deve ser a materialização do *frame* capítulo final.

Organização da tese e respostas

Na **introdução**, tentei traçar uma breve genealogia do conceito de corrupção, na qual constatei uma falta de unanimidade sobre o que seja. Sabe-se sim que o fenômeno pode ser dividido em corrupção sistêmica e endêmica, e que falar de uma, implica, via de regra, falar da outra. Em linhas gerais, corrupção é atemporal, existe em diferentes culturas e faz parte de processos históricos distintos, em contextos diversos. Esta tese optou por um lado prosaico da corrupção: aquela corrupção do dia a dia, também chamada de corrupção endêmica, praticada neste país, isto é, o jeitinho brasileiro. **O primeiro capítulo** teve a fundamentação teórica como foco, e, em especial, apresentou uma visão histórica sobre o que se convencionou chamar de “fases” dos estudos da metáfora. Vale ressaltar que essa retrospectiva foi tão somente um recorte dentre as principais visões de metáfora, a começar pelos gregos, em especial, Aristóteles (século IV antes de Cristo).

Ciente do fato de que a visão de metáfora oscilou por muito tempo entre dar protagonismo ao papel da língua ou ao papel do pensamento em seu processamento, a tese optou por investigar a metáfora tanto como um fenômeno linguístico quanto cognitivo. Por essa razão, o capítulo selecionou dar relevância aos conceitos de *frames* (enquadres) e *framing* (enquadramento), conceitos esses que também serviram de âncora para a análise.

Em síntese, no capítulo sobre a metáfora e tantas vias de acesso a ela, dei ênfase à abordagem de Deignan (1997, 2005, 2015) por duas razões: primeiramente, porque a autora pesquisa a metáfora na interface com a LdC, lócus de investigação o qual vem se mostrando produtivo; em segundo lugar, utilizei a metodologia sugerida pela autora, adicionando-a à de Vereza (2013b), nas quais ambas sugerem que se faça primeiramente uma prospecção inicial em corpora pequenos, para que se possa investigar um corpus maior em seguida. Esta prática também se mostrou bem-sucedida, já que foi possível depreender uma variedade de campos semânticos a partir da expressão jeitinho brasileiro. Quanto ao **segundo capítulo,** sentiu-se a necessidade de desmembrá-lo do primeiro capítulo, justamente porque teve como foco detalhar a interface produtiva da metáfora e a LdC. Quatro questões são importantes quando relacionamos a utilização da LdC para extração e análise de dados: a abordagem é empírica, sempre parte da língua em uso, de dados autênticos e a linguagem, essa é vista como uma prática social. O **terceiro capítulo** detalhou a metodologia que incluiu a opção por dois corpora exploratórios e um corpus de estudo, além do passo a passo envolvido na pesquisa. O **quarto capítulo** detalhou a análise de dados dos três corpora envolvidos. As percepções sobre esses resultados da análise são discutidas e interpretados nesta seção da tese, iniciando pelas respostas às questões de pesquisa, as quais passo a apresentar.

Respostas às perguntas de pesquisa

A **1ª pergunta,** "*É possível mapear a percepção do brasileiro de uma característica da corrupção endêmica através do uso que faz de padrões metafóricos?*"

É possível mapear a percepção não somente de uma característica, mas de uma variedade delas, a partir dos padrões encontrados nos comentários feitos pelo homem comum e anônimo na rede social *YouTube*. Nota-se que esse homem comum atribui ao jeitinho brasileiro, um conjunto de características que se repetem ao longo dos diferentes arquivos dos corpora, mesmo em anos diferentes. A partir da percepção desses comentaristas, tem-se a dimensão de como a corrupção endêmica se estabeleceu na prática. Por exemplo, constantes

dos diferentes padrões metafóricos encontrados, têm-se os itens **podre** e **podridão**, como características compartilhadas tanto pela "corrupção" como pelo "jeitinho". Esses são dois exemplos que ilustram a maneira pela qual alguns percebem jeitinho brasileiro e corrupção, isto é, como itens justapostos. É interessante perceber que tais itens lexicais refletiam a visão inicial da corrupção na Grécia antiga, quando a corrupção era vista como uma questão biológica, algo que gera decomposição e a consequente degradação do corpo. As palavras **podre e putrefato** em latim eram os sentidos de *corruptus*, sendo ambas as palavras, portanto, resquícios do significado inicial de corrupção.

Outra percepção refletida nos padrões linguísticos do corpus foi o jeitinho brasileiro visto como um "**vício contagioso, uma doença sem cura, um câncer**". Essas constatações partiram da materialidade linguística produzida pelo corpus, como visto no capítulo 5.

A **2ª pergunta**, "*Quando mencionada a expressão jeitinho brasileiro em corpora de natureza distintos, quais frames são ativados?*", será respondida junto com a **3ª pergunta**, "*Esses frames se repetem, ou seja, formam padrões*?"

Um total de 11 *frames* foram ativados, dois quais três foram compartilhados com os corpora da pesquisa, pois têm padrões lexicais repetidos em comum, como a corrupção que **se alastra**, **se espalha**, como uma praga ou um vírus. Também **é enraizada** em nossa cultura e em nossa essência, **está impregnada**, até mesmo em nosso sangue e **existe em todos os lugares**:

***Frame* Disseminação;**
***Frame* Presença;**
***Frame* Raiz**

Outros oito *frames*, mesmo *não sendo co*mpartilhados nos corpora, foram fundamentais para que pudessem complementar uma tentativa de traçar um perfil desse homem brasileiro comum: ***Frame* Disseminação, *Frame* Profundeza, *Frame* Herança Cultural; *Frame* Corrupção, *Frame* Maldição, *Frame* Repulsa (Sujeira, Podridão, Nojeira, (Causar) Vergonha), *Frame* Criatividade, *Frame* Flexibilidade.** É importante ressaltar que dos 11 *frames* evocados, apenas dois têm prosódia semântica positiva – Criatividade e Flexibilidade. Barbosa (1992, p. 32), em sua pesquisa, concluiu que

> [j]eitinho é sempre uma forma especial de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob forma de burla a alguma regra ou norma preestabelecida, seja sob forma de conciliação, esperteza ou habilidade. Portanto, **para que uma determinada situação seja considerada jeito necessita-se de um acontecimento imprevisto e adverso** aos objetivos do indivíduo.

É bem verdade que a percepção que se tem do jeitinho foi conflitante tanto nesta tese, quanto na pesquisa de Barbosa. Entretanto, os *frames* ativados a partir dos dados do corpus de comentários, revelaram novas questões com relação ao fenômeno "jeitinho", que é visto como uma **prática** que advém de uma **herança** da colonização portuguesa, segundo os dados apontaram, e não se resume a uma resposta criativa a um imprevisto. Outra situação mais complexa revelada nos dados é a repulsa psicológica que o jeitinho causa no indivíduo: dá nojo, é podre e é sujo. Portanto, estes resultados diferem da pesquisa de Barbosa, já que, para o jeito acontecer, segundo a autora, é preciso que haja um imprevisto que necessite de uma atitude. Porém, ao contrário dos dados de Barbosa, os dados de minha tese revelam que os comentaristas definem o "jeitinho", repetidamente, como uma prática, a partir de situações complexas que fazem parte de um processo, como é o caso do *Frame* Herança Cultural Maldita.

A **4ª pergunta** diz respeito às metaforizações: "Quando mencionada a expressão jeitinho brasileiro em corpora distintos, quais metaforizações são recrutadas?", a qual será respondida com a **5ª pergunta**, "Essas metaforizações também formam padrões, ou seja se repetem no corpus?"

Oito metáforas sistemáticas foram recrutadas no Corpus C: *JEITINHO BRASILEIRO É RAIZ; JEITINHO BRASILEIRO É DISSEMINAÇÃO; JEITINHO BRASILEIRO É PRESENÇA; JEITINHO BRASILEIRO É SUJEIRA; JEITINHO BRASILEIRO É PODRIDÃO; JEITINHO BRASILEIRO É NOJEIRA; JEITINHO BRASILEIRO É OBJETO HERDADO e JEITINHO BRASILEIRO É FLEXIBILIDADE.*

Os *frames* ativados no corpus de estudo são indicativos de metáforas sistemáticas. Contudo, é importante destacar que não comecei a tese olhando metáforas sistemáticas. A natureza dos dados, isto é, metáforas linguísticas que se repetiam intra comentários e intercomentários, levaram a suspeitar que fossem sistemáticas. Como referido no capítulo 2 de fundamentação teórica, Cameron e Maslen focam na existência das metáforas sistemáticas a partir da produção de um conjunto particular de veículos de metáforas linguísticas para falar sobre um tópico específico ou tópicos intimamente relacionados (2010, p. 91). Segundo Maslen (2016, p. 88), o princípio-chave da metáfora sistemática é a **sistematicidade** que

emerge por meio das **conexões repetidas e coerentes** entre tópicos e veículos[82] **no próprio texto**.

No corpus em questão, há repetição de padrões, que podem ser formados por substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, por exemplo, os adjetivos **podre** e **sujo**, os verbos **resolver** e **espalhar,** para citar alguns. O tópico matriz que permeia o corpus foi representado pelo **jeitinho brasileiro,** tendo como veículos metafóricos: **enraizado, espalhado, permeado, sujeira, podridão, nojeira, vergonha, herança cultural, maldição, criatividade, flexibilidade,** os quais serviram de trampolim para a ativação dos *frames.*

Levando-se em consideração que os comentários pertencem a vídeos diferentes e, ainda assim, alguns padrões se repetem, pode-se afirmar que existem alinhamentos de posição entre interlocutores que não se conhecem, que não estão no mesmo evento discursivo, mas, mesmo assim, a percepção através da metáfora é veiculada, repetida, reusada, transformada e estendida.

Uma questão que nos chama atenção é que os dados empregados por Cameron são interações bem formadas, e apesar de não ter olhado eventos discursivos orais como interação face a face, assim como fez Cameron (2003), esta tese demandou uma flexibilização quanto à definição de metáfora sistemática, como dito anteriormente, no capítulo de metodologia, pois foi constatada a presença de metáforas sistemáticas, mesmo não tendo um evento discursivo único. Ao contrário, a natureza fragmentada do Corpus C é marcada por interações seccionadas, tanto nos arquivos individuais, quanto distribuídos nos diferentes arquivos, em anos distintos, os quais têm a própria plataforma *YouTube* funcionando como simuladora dessas interações, formadas por comentários retroalimentados através de um tempo não específico, exercendo, portanto, o papel de âncora material (Hutchins, 2005). Assim, apesar da aparente falta de coesão interna, a construção colaborativa e os tópicos reiterados costuram um evento comunicativo com coesão. Outro aspecto característico das metáforas sistemáticas diz respeito à emoção dos interlocutores, ao apresentarem seus pontos de vista sobre determinados tópicos (Cameron, 2003), um fenômeno também recorrente no Corpus C, quando os comentaristas falam sobre o jeitinho como uma herança maldita.

Entretanto, diferentemente das observações de Cameron, as interações de meu corpus de estudo ocorreram entre 2014 e 2021, não são contíguas, mas, mesmo assim, apresentam metáforas sistemáticas, o que nos faz refletirmos sobre a possibilidade de existirem metáforas

82 Vale lembrar que os veículos metafóricos são expressões linguísticas por meio das quais é possível perceber o que tem sido salientado na elaboração metafórica.

sistemáticas em interações descontinuadas das redes sociais, quando temos outros eventos discursivos inseridos numa mesma temática e pertencente a um mesmo gênero discursivo.

Em síntese, se a condição de metáfora sistemática é o que se assemelha ao que surgiu nos dados, talvez a definição de **sistemática** deva ser adaptada para dar conta dos dados descontinuados provenientes dos comentários. A metáfora sistemática identificada nesta tese pode ser, certamente, também definida como **metáfora reiterada, de natureza cultural.**

Por fim, a **6ª pergunta**, *"O que as metáforas revelam sobre as percepções do brasileiro acerca de si próprio?"*

Pode-se dizer que há inúmeras percepções do brasileiro acerca de si próprio, materializadas por meio de padrões metafóricos, entre os quais eu destaco a tendência de o brasileiro se esquivar da responsabilidade pela prática do jeitinho brasileiro. São feitas inúmeras referências ao "jeito de ser do brasileiro", à característica do Brasil e do brasileiro, como um povo "defeituoso" sem uma aparente salvação. Curiosamente, o responsável pelas mazelas do Brasil, em especial, pelo **jeitinho**, é sempre um brasileiro em terceira pessoa do singular (ele) ou do plural (eles). Nunca é uma questão nossa, de uma coletividade, mas de outros, seja com relação aos diferentes tipos de jeitinho, seja com relação às consequências, muitas vezes nefastas, como pudemos inferir dos diversos exemplos extraídos dos comentários. Além disso, há ocorrências lexicais que formam associações semânticas que podem explicar tanto a impessoalidade e a indeterminação, quanto à raiva e à agressividade com que os brasileiros se referem a si mesmos.

As respostas às questões acima pedem ainda uma última reflexão. Estamos lidando com um conceito, o jeitinho brasileiro, tentando inferir através das metaforizações, como o brasileiro, sujeito investigado desta pesquisa, se vê. Apesar de não ser visto a olho nu, o jeitinho causa vergonha e por extensão, o brasileiro também sente muita raiva do Brasil. A materialidade linguística aponta para uma vergonha de algo que é cultural em seu nascedouro.

Contribuições da tese

Quanto às contribuições desta tese, divido-as em dois tipos: teórico-metodológicas e temáticas. No âmbito das contribuições teórico-metodológicas, esta tese uniu com sucesso a linguística de corpus e a linguística cognitiva, a partir de uma visão discursiva. Na sua gênese, a tese fez a opção de investigar a metáfora a partir de dados empíricos, autênticos, com o

auxílio de programa de computador. Sobre esta escolha, a tese foi amparada na posição de Grondelaers, Geeraerts e Speelman (2007, p. 149-170). Esses autores foram os precursores em criticar a relutância, por vezes ilógica, da LC com relação à pesquisa de corpus e ao uso de métodos empíricos da LdC.

> [h]á uma tendência crescente na LC de enfatizar sua natureza essencial como uma linguística baseada no uso. […] A ligação entre a autoconsciência da LC como uma forma de investigação linguística baseada no uso e a implantação de métodos empíricos é direta: **você não pode ter uma linguística baseada no uso a menos que estude o uso real – como aparece nos corpora na forma de dados de linguagem espontânea**, **não elicitada** […] **(meus grifos)**

Na presente tese, constatamos, que, nos estágios posteriores à extração e quantificação de dados, a reflexão se faz necessária. Posso dizer que a parte quantitativa serviu como um pontapé inicial para a geração de linhas de concordância. Estas, por sua vez, necessitaram de análise qualitativa, o que atestou um grande potencial de compatibilidade entre o método da LdC e as práticas de pesquisa no âmbito dos estudos de metáfora sistemática. Dessa forma, pode-se dizer que a manipulação dos corpora no software *Lancsbox* propiciou a geração de padrões lexicais.

Outro ponto importante no pareamento da LC com a LdC atestado pela presente pesquisa, é que é possível desenvolver uma pesquisa produtiva sobre metáforas, não necessariamente partindo das diferenças entre os conceitos de 'literal' e não 'literal, ou lançando mão de dicionários como fonte de informação, mas sim usando a tradição da lexicografia sinclairiana adotada por Deignan: "***trust the text***" **(confie no texto)**. Como exemplo dessa lexicografia, cito o item lexical vergonha, de frequência alta no meu corpus de estudo. Observou-se que os coligados de vergonha são verbos como em **ter/sentir vergonha de**, **ficar com vergonha de**, ou mesmo expressões fixas exclamativas como **que/quanta vergonha! Ter/sentir/ficar com vergonha de** estão intimamente ligados a ter pudor, ter constrangimento com relação a algo. Por outro lado, no corpus apareceram padrões como **ter vergonha na cara.** O colocado "**na cara**" implica algo bem distinto de sentir vergonha. Ter vergonha na cara é ter decência e a "cara" aqui significa que pessoa é "cara de pau", malandro, sem ética. Estes dois padrões, que se repetem no meu corpus são uma pequena ilustração do instrumental da LdC na busca por metáforas.

Outra contribuição desta tese foi a constatação que o conceito de metáfora sistemática não se restringe a um texto, a um discurso bem formado, como um artigo de jornal, por exemplo ou uma conversa informal, como exemplifica Cameron (2010). Nesta tese, a

sistematicidade se dá em discursos fragmentados, como são os comentários da plataforma *YouTube.* Neste gênero, tal sistematicidade metafórica perpassa discursos, afastados no tempo e no espaço, que costura-os tematicamente, alicerçando "alinhamento" de *frames* entre interlocutores, assim como proposto por Snow et al. (1986). Conforme já dito, podemos nos referir às metáforas sistemáticas depreendidas dos comentários nesta tese como **metáforas reiteradas de natureza cultural.**

Em termos de temática, houve muita reflexão prévia sobre a real necessidade de se empreender uma pesquisa sobre a corrupção endêmica e sua "expressão-chave" o chamado "jeitinho brasileiro", ainda agora no início do século XXI. Detectou-se que a discussão de cunho linguístico é infrequente. Em obras anteriores sobre o fenômeno, as discussões de fôlego, ora são de natureza sociológica, ora de natureza antropológica como no exemplo de Barbosa (1992). O importante trabalho da autora usou artigos de jornais e revistas, além de entrevistas semiestruturadas e assim o fez, não para serem plataforma de análise linguística, mas como ela mesma diz para "servirem de bússola para me orientar no meio desse "continente" de informações e na forma como conduzir, provocar, confrontar, instigar os entrevistados a partir de seus **discursos e** de suas **práticas sociais**" (p. 32).

Nesta tese, tentei investigar o "jeitinho brasileiro" através da linguagem usada para veicular percepções do jeitinho, sob a ótica discursivo metafórica. A importância dos dados para essa pesquisa foi fundamental, já que a partir destes dados, obtive *insights* a respeito de como nós nos vemos: somos ou não responsáveis pela prática da corrupção endêmica? Somos ou não somente guiados por algo que herdamos e que existe "entranhado" em nossa cultura, e porque não dizer, em nós mesmos. A pesquisa de Barbosa (1992) foi atualizada na medida em que o *software* me permitiu partir do coletivo, e sistematizar a busca por repetições e recorrências nos dados numerosos, dados esses provenientes de fala/escrita do povo. Enquanto a tese de Barbosa identificou um continuum, o qual, de um lado, encontra-se o favor, e de outro, a corrupção, e entre os dois, oscila o jeitinho, nesta tese, atestamos a percepção de jeitinho como algo dicotômico, visto por uns como *jogo de cintura, habilidade de quebrar galhos* ou *corrupção, falta de caráter vergonhosa.* Dito de outra forma, os dados revelaram que o jeitinho é algo muito ruim, ou, em bem menor quantidade, algo bom. O resultado distinto pode ser atribuído aos 30 anos de intervalo entre uma pesquisa e outra, ou ao surgimento de uma nova percepção sobre o que possa ser o jeitinho, na qual não se permitem mais zonas cinzentas: o jeitinho brasileiro como algo ruim, putrefato, vergonhoso, do qual se está fadado a jamais poder se libertar porque foi herdado e está nas entranhas.

Esta tese começou por investigar um fenômeno cognitivo através da materialidade linguística, focando em um fenômeno especificamente brasileiro, isto é, a percepção do jeitinho em nossa cultura. Talvez seja hora de trazer à discussão, algumas reflexões importantes de Kövecses (2010, p. 14), sobre a influência cultural na metaforização e o papel do contexto nesse processo. O autor argumenta que "quando compreendemos algo metaforicamente em situações particulares, estamos sob dois tipos de pressão: a pressão da nossa corporeidade e a pressão do contexto", e complementa que estas duas forças não se opõem; ao contrário, se complementam. Kövecses (2010, p. 15) diz que o significado metafórico não surge simplesmente de metáforas conceptuais, seus mapeamentos e suas implicações potenciais. Uma visão enriquecida da teoria da metáfora conceptual deveria prestar muita atenção **ao papel do contexto na construção do significado metafórico.** O contexto desempenha uma função importante não apenas na compreensão de metáforas, mas também em sua produção ou criação.

Considero fundamental incluir a questão do contexto aqui, ainda que o autor tenha se referido especificamente à visão da metáfora na perspectiva da TMC, já que o contexto inclui tanto fatores linguísticos quanto não linguísticos, os quais abrangem as metáforas sistemáticas também, por exemplo. Kövecses mostra o conceito de *self* /eu como utilizado em diversas sociedades, listando alguns atributos que diferenciam uma sociedade individualista de uma coletivista (p. 63-64). Primeiro, numa sociedade sob a perspectiva individualista, os indivíduos se consideram independentes dos outros, isto é, são autônomos. Dito de outra forma, esse tipo de indivíduo vê o mundo a partir de ótica própria, na qual ele, com certeza, encontra-se no centro. Portanto, características como independência pessoal, condescendência, egocentrismo, autoexpressão fazem parte deste indivíduo. Esse 'eu' tem como objetivo a busca pela felicidade pessoal. Essa busca pela felicidade e pelas realizações pessoais são movidas pelo interesse próprio, ou seja, o interesse do eu vem antes do interesse dos outros ou do grupo, daí possuir características egoístas, competitivas, que mostram indiferença. Essas pessoas **talvez** saibam que realizam seus objetivos de vida às custas dos outros. Uma sociedade que possui essa rede de conceitos pode ser considerada **individualista**. Por outro lado, o autor acrescenta que esses mesmos conceitos que caracterizam as sociedades individualistas também podem ser encontrados nas coletivistas. No entanto, em ambos os casos temos tendências preferenciais quanto à coocorrência dos conceitos anteriores.

No caso desse homem brasileiro comum, cuja percepção é investigada nesta tese, tem-se um paradoxo, pois ao mesmo tempo que os dados mostram um brasileiro com atributos individualistas fortemente salientados, como no exemplo da "lei de Gerson", em que "gosta

de levar vantagem em tudo", por outro lado, tem-se o ator social que não se inclui como protagonista do fenômeno do jeitinho. Ao contrário, o "*self*" desse brasileiro, na questão da responsabilidade pelo fenômeno e consequências do jeitinho, não existe, porque essas mazelas são protagonizadas, **somente**, pelo "outro", como já exposto no capítulo 5. Daí os dados revelarem esse paradoxo, pois de um lado, tem-se o brasileiro conceptualizado como alguém que leva vantagem em tudo, pois visa realização pessoal. Por outro lado, como justapor a ideia de levar vantagem com algo que é podre, que causa vergonha, que é oriundo de uma cultura maldita? Pode ser que, no fundo, no fundo, ao usarem a terceira pessoa para falarem dos "outros brasileiros", implicitamente, esse brasileiro comum, participante de redes sociais, esteja falando de si mesmo. Como diz a música de Caetano Veloso, "é que narciso acha feio o que não é espelho[83]". Ao falar em terceira pessoa para expressar o que há de ruim ao praticar o jeitinho, para o Brasil e para nós brasileiros, os comentaristas falam de si mesmos em terceira pessoa como uma espécie de *mea culpa*.

Um outro dado interessante revelado pelo corpus foi constatar que o que existe de coletividade na sociedade brasileira é marcado por associações semânticas que corroboram com o conceito de homem cordial de Buarque de Hollanda (2004), que **delimita** esse coletivo aos "amigos", "familiares" e a quem mais "pertença à panela". Um exemplo é alguém guardar lugar na fila para o amigo que vai chegar mais tarde, ou alguém mais influente conseguir vacinar um grupo de "conhecidos" que ainda teriam muito de esperar em uma "fila da vacina" que todos os demais têm de esperar para serem imunizados, assim como apareceu em 39 ocorrências no arquivo dos comentários Outros_furafila (2021).

Para o sociólogo Jessé de Souza (2020), jeitinho brasileiro é[84]

> [u]ma forma de interpretar o brasileiro em todas as dimensões, a partir da ideia de que aqui se desenvolve uma cultura singular no mundo inteiro, como se fosse um planeta verde e amarelo, sob a égide das emoções, sob a égide do que eu chamo de uma sociologia de vira-lata. O brasileiro é animalizado, como sendo emoção, em contraposição ao espírito europeu e norte-americano; e uma tendência de separar o mundo entre amigos e inimigos. Corrupção é uma característica da sociedade brasileira como um todo. O brasileiro é corrupto porque privilegia seus amigos e prejudica seus inimigos.

A definição do jeitinho brasileiro de Jessé de Souza (2020) corrobora o paradoxo mencionado anteriormente, no qual o homem comum brasileiro faz suas escolhas tendo a

83 Disponível em: https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/41670/. Acesso em: 7 fev. 2022.
84 JESSÉ Souza e Luis Nassif sobre o "jeitinho brasileiro". 2019. 1 vídeo (32 min). Publicado pelo Canal da Resistência. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I2vnu7SCFNs&ab_channel=CanaldaResist%C3%Aancia. Acesso em: 7 jan. 2022.

emoção como parâmetro, em um mundo dividido entre seus amigos e os não tão amigos, e ainda mais importante, dispõe do bem público como seu próprio.

Encaminhamentos e limitações

Sabemos que "a linguagem desempenha um papel duplo em relação às conceptualizações culturais" (SHARIFFIAN, 2021, p. 3) porque a linguagem ajuda no desenvolvimento dessas conceptualizações, mas ao mesmo tempo "muitos aspectos da estrutura da linguagem e de seu uso baseiam-se e refletem conceptualizações culturais". Sob este aspecto de fertilização mútua, Kövecses (2010, p. 49) já havia **enfatizado** que "os conceitos metafóricos resultam do **efeito *priming*** de fatores contextuais em situações reais de discurso sobre a mente humana para estabelecer metáforas. Em outras palavras, conceitos metafóricos são repetidos e, por fim, incorporados.

Esta tese não é da área emergente da Linguística Cultural[85], mas o exame das conceptualizações do jeitinho brasileiro deram visibilidade a aspectos identitários do brasileiro. Os meus dados marcam fortemente um enquadramento do jeitinho brasileiro como uma herança histórico/cultural maldita, tópicos que podem ser tema de estudos futuros.

Esta pesquisa abriu também uma perspectiva para que se estudem representações de natureza cultural através de metáforas sistemáticas em outros gêneros, como editoriais, em redações do ENEM, e a partir de outros olhares e percepções.

A tese teve várias limitações. Uma delas foi em relação ao corpus de estudo, que pareceu a princípio pequeno. Esse seria, portanto, um ponto da tese que poderia ser melhorado: aumentar o corpus de estudo. Como poderíamos ampliar o corpus? Vejo o corpus ampliado com a inclusão das respostas aos comentários, e todo seu fio "interativo". Além disso, desde que esta tese foi iniciada, outros *youtubers* abriram canais em que são discutidos tópicos afins, dados esses que poderiam ser incorporados ao corpus original. Uma análise comparativa que levasse em conta **o ano** em que as respostas foram dadas também seria um acréscimo importante. Ao passar por períodos de instabilidade econômica ou política, será que os comentaristas têm mais a contribuir e o fazem com outras metaforizações?

Por fim, é fundamental ressaltar que esta tese reflete os dados reais como investigação. Ela não é sobre a história do jeitinho brasileiro, nem sobre economia ou a antropologia do jeitinho; muito menos sobre ética. Os resultados refletem o jeitinho brasileiro,

85 Segundo Sharifian (2021), Linguística Cultural é a área que fornece uma base para entendermos as conceptualizações culturais e suas realizações na linguagem.

como é falado e conceptualizado. Jeitinho brasileiro é quase como corrupção, é vício, é doença, se alastra, multiplica, avoluma, é herança cultural maldita, mas também é um jeito de resolver as coisas.

Emulando o que disse Paulo Mendes Campos, em sua crônica *Brasileiro, homem do amanhã*, de 1964, acho melhor *eu dar um jeito nesta tese* e terminar minhas considerações finais.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, C. W. Percepções pantanosas: a dificuldade de medir a corrupção. *Novos Estudos*, v. 73, p. 33-37, 2005.

ABREU, G. O. *O potencial avaliativo das metáforas conceptuais*: uma análise das metáforas sobre leitura, livro e texto. 2019. Projeto de Tese – qualificação.

ALASTRAR. *In*: *Michaelis:* Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?id=A4l0. Acesso em: 13 dez. 2021.

ALMEIDA, A.C. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

AMADO, G.; BRASIL, H. V. Organizational Behaviors and Cultural Context: The Brazilian "Jeitinho". *International Studies of Management & Organization*, v. 21, n. 3, p. 38-61, 1991.

ANDERSON, S.; HEYWOOD, P. M. The politics of perceptcion: use and abuse of transparency international´s approach to measuring corruption. *Political Studies*, Thousand Oaks, v. 57, n. 4, p. 746-767, 2009.

ANDVIG, J. C.; FJELDSTAT, O. *Corruption:* a review of contemporary research. Report R 2001: 7. Chr. Michielsen Institute, 2001.

ARIAS, J. O polêmico 'jeitinho' brasileiro. *El País*, São Paulo, 30 dez. 2013. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/30/opinion/1388424661_871576.html.

ARISTÓTELES. *Poética*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ARISTÓTELES. *Sobre a geração e a corrupção*. 1. ed. [*S.l.*]: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2009.

ASTON, G. Applied corpus linguistics and the learning experience. *In*: BARNBROOK, G. VIANA, V.; ZYNGIER, S. *Perspectives on Corpus Linguistics*. Filadelfia: John Benjamin Publishing Company, 2011. p. 1-16.

BARBOSA, E. F. *Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais*. Ser Professor Universitário. 5 dez. 2018. Disponível em: https://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf. Acesso em: 21 fev. 2021.

BARBOSA, L. *O jeitinho brasileiro*: a arte de ser mais igual que os outros. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.

BATISTA, R. B. M. *O fenômeno do jeitinho*: como um traço da cultura brasileira compõe a cultura de uma organização do setor público federal. 2012. 54 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Administração)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BECHARA, E. *Moderna gramática brasileira*. 17. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENSON, P. *The Discourse of You Tube:* multimodal Text in a Global Context. Nova York: Routledge, 2017.

BING, P.P. *Corrupção, disfunções de governo* – repensar o estado de ontem, hoje e sempre. Porto Alegre: Editora Age, 2016.

BLACK, M. *Models and metphors:* studies in language and philosophy. Nova York: Cornell University Press Books, 1962.

BLACK, M. More about metaphor. *In*: ORTONY, A. (org.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 19-41.

BOULTON, A.; CARTER-THOMAS, S.; ROWLEY-JOLIVET, E. (org.) *Corpus-informed research and learning in ESP*: issues and applications. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

BREZINA, V.; WEILL-TESSIER, P.; MCENERY, A. *#LancsBox*. v. 6.0. Lancaster: Lancaster University, 2021.

BURCH, B.; EGBERT, J.; BIBER, D. Measuring and interpreting lexical dispersion in corpus linguistics. *Journal of Research Design and Statistics in Linguistics and Communication Science*, Sheffield, v. 3, n. 2, p. 189-216, 2016.

CAMERON, L. Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory. *In*: RUIZ, F. J.; IBÁÑEZ, M. (org.). *Annual Review of Cognitive Linguistics*, Filadelfia, v. 5, p. 107-135, 2007a.

CAMERON, L. Metaphor: survey article. *Language Teaching*, v. 32, n. 2, p. 77-96, 1999.

CAMERON, L. *Metaphor and music*. 2010. Disponível em: https://www.cmpcp.ac.uk/wp-content/uploads/2015/10/Metaphor-and-music-Cameron.pdf. Acesso em: 6 fev. 2022.

CAMERON, L. Metaphor and talk. *In*: GIBBS JR., R. W. (org.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 197-211.

CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse*. Londres: Continuum, 2003.

CAMERON, L. Patterns of metaphor use in reconciliation talk. *Discourse & Society*, Thousand Oaks, v. 18, n. 2, p. 197-222, 2007b.

CAMERON, L.; DEIGNAN, A. A emergência da metáfora no discurso. *Cadernos de Tradução*, Belo Horizonte, v. 25, p. 146-168, 2009.

CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The emergence of metaphor in discourse. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 27, n. 4, p. 671-690, 2006.

CAMERON, L.; MASLEN, R. (org.). *Metaphor analysis:* research practice in applied linguistics, social sciences and humanities. Londres: Equinox, 2010.

CAMERON, L.; MASLEN, R. *The discourse dynamics approach to metaphor-led discourse analysis. Metaphor and Symbol*, Londres, v. 24, n. 2, p. 63-89, 2009.

CAMPOS, P. M. Dar um jeitinho. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 622, p. 43, 21 mar. 1964.

CHARTERIS-BLACK, J. *Politicians and rhetoric*. London: Palgrave, 2005.

CARNEIRO, P. L. *Metáforas conceptuais da corrupção na charge e no blog jornalístico.* 2012. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística e ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

CORTEZ, C. A metáfora no discurso: uma discussão sobre a emergência e a dinâmica da metáfora. *Linguagem em foco*, v. 4, n. 2, p. 107-118, 2012.

CROKER, R. An introduction to qualitative research. *In*: HEIGHAM, J.; CROKER, R. (org.). *Qualitative research in applied linguistics:* a practical introduction. Palgrave Macmillan, 2009. p. 3-24.

CULATRA. *In: Michaelis:* Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/palavra/ZOGR/culatra/. Acesso em: 13 dez. 2021.

CURTIS, V.; DE BARRA, M. The structure and function of pathogen disgust. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, v. 373, n. 1751, p. 1-17, 2018.

DAMATTA, R. O que faz do Brasil, Brasil? São Paulo: Editora Rocco, 2015.

DAVIES, M. *O corpus do português*. Disponível em: https://www.corpusdoportugues.org/. Acesso em: 15 jan. 2022.

DE GRAAF, G.; WAGENAAR, P.; HOENDERBOOM, M. Constructing corruption. *In*: DE GRAAF, G.; VON MARAVIC, P.; WAGENAAR, P. (org.). *The Good Cause:* theoretical perspectives on corruption. Leverkusen: Barbara Budrich Publishers, 2010. p. 98-114.

DE GRANDE, P. B. O pesquisador interpretativo e a postura ética em pesquisas em linguística aplicada. *Eletra*, São Paulo, v. 23, p. 11-27, 2011.

DEIGNAN, A. *A corpus-based study of some linguistic features of metaphor*. 1997. 401 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Faculty of Arts, Univeristy of Birmingham, Birmingham, 1997.

DEIGNAN, A. Corpus linguistics and metaphor. *In*: GIBBS JR., R. (org.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 280-294.

DEIGNAN, A. From linguistic to conceptual metaphors. *In*: SEMINO, E.; DEMJEN, Z. (org.). *The Routledge handbook of metaphor and language.* Nova York: Routledge, 2017. p. 102-116.

DEIGNAN, A. “Image” metaphors and connotations in everyday language. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, Filadelfia, v. 5, n. 1, p. 173-192, 2007.

DEIGNAN, A. Linguistic metaphors and collocation in nonliterary corpus data. *Metaphor and Symbol*, Londres, v. 14, n. 1, p. 19-36, 1999.

DEIGNAN, A. *Metaphor and corpus linguistics:* converging evidence in language and communication. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 2005.

DEIGNAN, A. MIP, the corpus and dictionaries: what makes for the best metaphor analysis? *Metaphor and the social world*, Filadelfia, v. 5, n. 1, p. 145-154, 2015.

DEIGNAN, A.; SEMINO, E. Corpus techniques for metaphor analysis. *In*: CAMERON, L.; MASLEN, R. (org.). *Metaphor analysis:* research practice in applied linguistics. [*S.l.*]:Equinox, 2010. p. 161-179.

DESONESTIDADE. *In*: *Michaelis:* Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/desonestidade/#:~:text=3%20Aus%C3%Aancia%20de%20integridade%20ou,da%20verdade%3B%20m%C3%A1%2Df%C3%A9. Acesso em: 13 dez. 2021.

DIENSTBACH, D. Metaforicidade: um aspecto do gênero. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 1767-1778, 2017.

DORST, A. G. Textual patterning of metaphor. *In*: SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. (org.). *The Routledge Handbook of Me'taphor and Language*. Londres: Routledge, 2016. p. 178-192.

É possível derrotar a corrupção?, 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Casa do Saber. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vAZZ93JPUnw&ab_channel=CasadoSaber. Acesso em: 19 fev. 2021.

ENRAIZADO. *In*: MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/palavra/5lER/enraizado/. Acesso em: 13 dez. 2021.

ENTENDA a corrupção no Brasil de um modo simples. 2018. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Canal Nostalgia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OmVca2R32wk&t=10s&ab_channel=CanalNostalgia. Acesso em: 21 fev. 2021.

ENTMAN, R. M. Framing: towards clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, Oxford, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

ENTRANHADO. *In*: *Michaelis:* Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/palavra/PE5k/entranhado/. Acesso em: 13 dez. 2021.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive linguistics:* an introduction. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006.

FARRALES, M. J. *What is corruption?* A history of corruption studies and the great definitions debate. Jun. 2005. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/Delivery.cfm/SSRN_ID1739962_code1600948.pdf?abstractid=1739962&mirid=1&type=2. Acesso em: 20 fev. 2021.

FERRARI, L.; AVELAR, M.; GUEDES, G. P. Whatsapp: uma mesclagem multimodal contemporânea. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 23, p. 7-19, 2019.

FILGUEIRAS, F. *Corrupção, democracia e legitimidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

FILLMORE, C. An alternative to checklist theories of meaning. *In*: ANNUAL MEETING OF BERKELEY LINGUISTICS, 1., 1975, Berkeley. *Proceedings of the First Annual Meeting of Berkeley Linguistics.* Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-131.

FIRTH, J. R. Papers in linguistics 1934-1951. *Language*, Oxford, v. 34, n. 4, p. 498-502, 1957.

FOSSILE, D. Um passeio pelos estudos da metáfora. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 13, n. 14 p. 1-15, 2011.

GARCIA, A. Prefácio. *In*: SHEPHERD, T. M. G.; SARDINHA, T. B.; PINTO, M. V. (org.). *Caminhos da linguística de corpus*. São Paulo: Mercado das Letras, 2012. p. 11-13.

GEERAERTS, D. (org.). *Cognitive linguistics:* basic readings. Mouton de Gruyter, 2006.

GEERAERTS, D. *Theories of lexical semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GIANOTTI, J. A.; DALLARI, D. Duas visões: o Brasil é hoje um país mais corrupto? *BBC*, 30 nov. 2011. Entrevista concedida a R. Spuldar. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111130_corrupcao_brasil_entrevistas_rp. Acesso em: 31 jan. 2019.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOATLY, A. *The language of metaphors*. Londres: Routledge, 1997.

GOFFMAN, E. *Frame analysis:* an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GRADY, J. E. Theories are buildings revisited. *Cognitive Linguistics*, Berlim, v. 8, n. 4, p. 267-290, 1997.

GREGÓRIO, S. B. Corrupção. *In*: GREGÓRIO, S. B. *Dicionário de Filosofia*. Disponível em: https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/corrup%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 12 jan. 2021.

GRIES, S. T. *Statistics for linguistics with R*: a practical introduction. 2. ed. rev. e ext. Boston: De Gruyter Mouton, 2013.

GRONDELARS, S.; GEERAERTS, D.; SPEELMAN, D. A case for a cognitive corpus linguistics. *In*: GONZALEZ-MARQUEZ, M. *et al*. (org.). *Methods in cognitive linguistics*. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 2007. p. 149-169.

HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. Londres: Routledge, 1994.

HERANÇA. *In*: *Michaelis:* Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?id=yVmDG. Acesso em: 13 dez. 2021.

HERDAR. *In*: *Michaelis:* Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?id=e38RQ. Acesso em: 13 dez. 2021.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HOLMES, L. *Corruption:* a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2015.

HORN, S. R. N. *Hábitos do dia a dia*. Google formulários. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1b56U-s_NDYFRyZOHOTP7hXsm5b7-TVDTh-CnzO0_bkk/edit?gxids=7628. Acesso em: 8 fev. 2021.

HORN, S. R. N. *Metáforas nas reportagens de futebol*. 2009. Monografia – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2009.

HUNSTON, S. *Corpora in applied linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HUTCHINS, E. Material anchors for conceptual blends. *Journal of Pragmatics*, Oxford, v. 37, n. 10, p. 1555-1577, 2005.

JESSÉ Souza e Luis Nassif sobre o "jeitinho brasileiro". 2019. 1 vídeo (32 min). Publicado pelo canal Canal da Resistência. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I2vnu7SCFNs&ab_channel=CanaldaResist%C3%Aancia. Acesso em: 7 jan. 2022.

KÖVECSES, Z. *Metaphor:* a practical introduction. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSES, Z. *Metaphor:* a practical introduction. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture:* universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G. As advertised: a review of the MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences. *Artificial Intelligence*, Oxford, v. 130, n. 2, p. 195-209, 2001.

LAKOFF, G. *Don't think of an elephant!:* know your values and frame the debate. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2004.

LAKOFF, G. *Moral politics*: how liberals and conservatives think. 3. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. *In*: ORTONY, A. (org.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G. The death of a dead metaphor. *Metaphor and Symbolic Activity*, Londres, v. 2, n. 2, p. 143-147, 1987.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Harvard University Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana***.** São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh:* the embodied mind and its challenge to western thought. Nova York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason:* a field guide to poetic metaphor. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LIMA, P. L. C. About primary metaphors. *DELTA*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 109-122, 2006.

LINGUAGEM e cognição: olhares e perspectivas. 2020. 1 vídeo (170 min). Publicado pelo canal Abralin. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=satHgjmJ7z0&t=2183s&ab_channel=Abralin. Acesso em 21 fev. 2021.

MACHA, J. Conceptual metaphor theory and classical theory: affinities rather than divergences. In: STALMASZCZYK, P. (org.). *From philosophy of fiction to cognitive poetics*. Frankfurt am Maim: Peter Lang, 2016. p. 93-115.

MALINOWSKI, B. *Coral gardens and their magic*. Londres: Unwin Brothers, 1935.

MARTINS, H. H. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MARTINS, J. A. *Corrupção*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

MASLEN, R. Finding systematic metaphors. *In:* SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. (org.). *The Routledge Handbook of Metaphor and Language*. Londres: Routledge, 2017. p. 88-101.

MCENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus linguistics:* method, theory and practice. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

MINSKY, M. Minsky's frame system theory. *In*: WORKSHOP ON THEORETICAL ISSUES IN NATURAL LANGUAGE PROCESSING, 1975, Cambridge. *TINLAP '75:* Proceedings of the 1975 workshop on theoretical issues in natural language processing. Stroudsburg: Association for Computational Linguistics, 1975. p. 104-116.

MOISÉS, V. S. *Do jeitinho brasileiro ao Brazilian little way:* uma leitura semiótica. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MOREIRA, C. F. *O surgimento da linguística cognitiva*. UFBA/SEC, 2014, p. 1-10.

MOTTIN, L. P. *Análise da produção metafórica no Brazilian English Learner Corpus*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MOURA, H. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, n. 1, p. 179-200, 2008.

MOURA, H. The conceptual and the linguistic factors in the use of metaphors. *DELTA*, São Paulo, v. 22, n. esp., p. 81-93, 2006.

MUGNATTO, G. Jeitinho brasileiro: da criatividade à corrupção. *Politize!* 9 mai. 2017. Disponível em: https://www.politize.com.br/jeitinho-brasileiro/?https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQiA962BBhCzARIsAIpWEL1oJtkkqmDMqV88AU0xtC2SLoKYxt0x3w0fJENDcrP0qV3mEwH8o7caAtDkEALw_wcB. Acesso em: 16 fev. 2021.

MUNIZ, L. C. F. *A configuração do jeitinho brasileiro em narrativas literárias*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2009.

MUSOLFF, A. Metaphor scenarios in public discourse. *Metaphor and Symbol*, Londres, v. 21, n. 1, p. 23-38, 2006.

NASCIMENTO, V. N. *Metáforas sistemáticas trabalhistas no discurso jornalístico*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

NISHIJIMA, M.; SATI, F. M.; CATI, R. C. The underlying causes of Brazilian corruption. *In:* ROTBERG, R. I. (org.). *Corruption in Latin America:* how politicians and corporations steal from citizens. 1. ed. Lexington: Springer, 2019. p. 29-56.

NORDQUIST, R. Semantic field definition: examples illustrate how this set of words is related in meaning. *ThoughtCo.*, 17 jul. 2019. Humanities, English. Disponível em: https://www.thoughtco.com/semantic-field-1692079. Acesso em: 4 jan. 2022.

O JEITINHO brasileiro. 2014. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Nerdologia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CM9xBCj7h5Q&t=18s&ab_channel=Nerdologia. Acesso em: 21 fev. 2021.

OLIVEIRA, L. P. Linguística de corpus: caracterização da área. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 48-76, 2009.

OLIVEIRA, M. R. Interações na Blogosfera. *In:* SHEPHERD, T. M. G,; SALIÉS, T. G. (org.). *Linguística da Internet*. Contexto: Rio de Janeiro, 2013. p. 157-180.

OPPENHEIM, A. N. *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*. Londres: Continuum, 1992.

ORPIN, D. Corpus linguistics and critical discourse analysis: examining the ideology of sleaze. *International Journal of Corpus Linguistics*, Fidadelfia, v. 10, n. 1, p. 37-61, 2005.

ORTONY, A. Metaphor, language and thought. *In:* ORTONY, A. (org.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 1-16.

PAIVA, V. L. M. O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. 1. ed. Parábola Editorial, 2019.

PATTERSON, K. J. The Analysis of Metaphor: To What Extent Can the Theory of Lexical Priming Help Our Understanding of Metaphor Usage and Comprehension? *Journal of Psycholinguistic Research*, Londres, v. 45, n. 2, p. 237-258, 2016.

PHILIP, G. *Colouring Meaning:* Collocation and Connotation in Figurative Language. Amsterdam: John Benjamin Publishing, 2011.

PIMENTA-BUENO, M. N. S. *A evolução do pensamento linguístico*. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2004.

PORCELLA, I. Bolsonaro é eleito ‘pessoa corrupta do ano’ por consórcio internacional de mídia. *Uol*, São Paulo, 30 dez. 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/12/30/bolsonaro-e-eleito-pessoa-corrupta-do-ano-por-consorcio-internacional-de-midia.htm. Acesso em: jan. 2021.

POTTS, A.; SEMINO, E. Cancer as a metaphor. *Metaphor and Symbol*, Londres, v. 34, n. 2, p. 81-95, 2019.

QUESTÕES sobre linguística aplicada. 2014. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Gih Roggi. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=670por0U6WU&ab_channel=GihRoggi. Acesso em: 8 fev. 2021.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict about language. *In*: ORTONY, A. (org.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 285-324.

RICHARDS, I. A. *The philosophy of rhetoric*. Nova York: Oxford University Press, 1936.

RITCHIE, L. *Metaphor:* key topics in semantics and pragmatics. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

ROCHA, M. L. A *compreensão das práticas sociais no Brasil a partir da percepção*: o caso “jeitinho” e corrupção no Brasil. 2019. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração Pública) - Instituto Brasiliense de Direito Público, Brasília, 2019.

ROMEIRO, A. *Corrupção e Poder no Brasil*: uma história, séculos xvi a xviii. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ROTBERG, R. I. (org.). *Corruption in Latin America:* how politicians and corporations steal from citizens. 1. ed. Lexington: Springer, 2019.

SANDEL, M. Combate à corrupção requer mudança cultural, diz filósofo. *Exame*. 26 fev. 2015. Entrevista concedida a E. Salgado. Disponível em: https://exame.com/revista-exame/combate-a-corrupcao-requer-mudanca-cultural-diz-filosofo/. Acesso em: 31 jan. 2019.

SARDINHA, T. B. Linguística de corpus: histórico e problemática. *DELTA*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007a.

SARDINHA, T. B. Metáforas e linguística de corpus: metodologia de análise aplicada a um gênero de negócios. *DELTA*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 1-20, 2011.

SARDINHA, T. B. Análise de metáfora em corpora. *Ilha do Desterro*, n. 52, p. 167-201, 2007b.

SARDINHA, T. B.; ALMEIDA, G. A linguística de corpus no Brasil. *In:* TAGNIN, S. E. O.; VALE, O. A. (org.). *Avanços da Linguística de Corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 17-40.

SATURNINO, F. Corrupção é eleita a palavra do ano por brasileiros. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 nov. 2017. https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,corrupcao-e-eleita-a-palavra-do-ano-por-brasileiros,70002077782. Acesso em: 20 nov. 2019.

SEMINO, E. Corpus linguistics and metaphor. *In*: DANCYGIER, B. (org.). *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 463-76.

SEMINO, E. *Metaphor in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SEMINO, E. “Not soldiers but fire-fighters” – metaphor and Covid-19. *Health Communication*, v. 36, n. 1, p. 50-58, 2021.

SEMINO, E.; ANDERSON, W. Metaphor. *In*: ADOLPHS, S.; KNIGHT, D. (org.). *The Routledge Handbook of English Language and Digital Humanitites*. Nova York: Routledge, 2020. p.125-141.

SEMINO, E.; DEMJÉN, Z.; DEMMEN, J. An integrated approach to metaphor and framing in cognition, discourse, and practice, with an application to metaphors for cancer. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 39, n. 5, p. 625-645, 2018.

SHARIFIAN, F. *Cultural linguistics*: cultural conceptualisations and language. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 2017.

SHEPHERD, T. M. G. Corpora de aprendiz de língua estrangeira: um estudo contrastivo de n-gramas. *Veredas – Linguística de Corpus e Computacional*, Juiz de Fora, v. 13, n, 2, p. 100-116, 2009a.

SHEPHERD, T. M. G. O estatuto da linguística de corpus: metodologia ou área da linguística? *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 150-172, 2009b.

SILVA, A.S. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

SILVA, A.S.; LEITE, J. E. R. Apresentação: 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual. Fundamentos, problemas e novos rumos. *Revista Investigações*, Recife, v. 28, n. 2, p. 1-23, 2015.

SINCLAIR, J. M. Beginning the study of lexis. *In*: BAZELL, J. C. et al. (org.). *In Memory of J.R. Firth*. Londres: Longman, 1966. p. 410–430.

SINCLAIR, J. M. Collocation: a progress report. *In*: STEELE, R.; THREADGOLD, T. (org.). *Language topics* – volume 1. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 1987. p. 319-331.

SINCLAIR, J. M. *Describing English language:* corpus, concordance, collocation. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SINCLAIR, J. M.; JONES, S.; DALEY, R. *English collocation studies*: The OSTI Report. 1. ed. Londres: Continuum, 2004.

SNOW, D. A. et al. Frame alignment processes, micromobilization, and movement participation. *American Sociological Review*, Thousand Oaks, v. 51, n. 4, p. 464-481, 1986.

STEEN, G. J. et al. *A method for linguistic metaphor identification*. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 2010.

STEEN, G. J. Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada. *DELTA*, São Paulo, v. 22, n. esp., p. 21-44, 2006.

STEEN, G. J. et al. Pragglejaz in practice: Finding metaphorically used words in natural discourse. *In*: LOW, G. et al. (org.). *Researching and applying methaphor in the real world*. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 2010. p. 165-184.

STEEN, G. J. The paradox of metaphor: why we need a three-dimensional model of metaphor. *Metaphor and Symbol*, Londres, v. 23, n. 4, p. 213-241, 2008.

STEFANOWITSCH, A. Words and their metaphors: a corpus-based approach. *In:* STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. T. (org.). *Corpus-based approaches to metaphor and metonymy*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2007. p. 63-105.

STUBBS, M. British traditions in text analysis, from firth to sinclair. *In*: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TONIGNI-BONELLI, E. (org.). *Text and technology:* in honour of John Sinclair. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 1993. p. 1-30.

STUBBS, M. A tribute to John McHardy Sinclair, (14 June 1933 – 13 March 2007). *In*: HERBST, T.; FAULHABER, S.; UHRIG, P. (org.). *The phraseological view of language*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2011. p. 1-16.

STUBBS, M. *Words and phrases:* corpus studies of lexical semantics. Blackwell Publishing, 2001.

SVARTIVIK, J. *Corpus linguistics 25+ years on*. *In*: FACCHINETTI, R. (org.). *Corpus linguistics 25 years on*. Amsterdam: Brill, 2007. p. 11-26.

TENDÊNCIAS contemporâneas dos estudos da metáfora. 2020. 1 vídeo (130 min). Publicado pelo canal Abralin. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V4maEMXX0gE&t=5664s&ab_channel=Abralin. Acesso em: 21 dez. 2021.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus linguistics at work*. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 2001.

TORRES, F. O jeitinho brasileiro para além do bem ou do mal. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 set. 2015. Disponível em: https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,corrupcao-e-eleita-a-palavra-do-ano-por-brasileiros,70002077782. Acesso em: 3 fev. 2022.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. *Global corruption barometer 2013*. 2013. Disponível em: https://images.transparencycdn.org/images/2013_GlobalCorruptionBarometer_EN_200525_112757.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

VAN WIJCK, P.; NIEMEIJER, B. Scenario planning meets frame analysis: using citizens' frames as test conditions for policy measures. *Features*, Leiden, v. 77, p. 26-84, 2016.

VELOSO, C. *Sampa*. Disponível em: https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/41670/. Acesso em: 7 fev. 2022.

VEREZA, S.C. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 561-573, 2016a.

VEREZA, S.C. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 109-124, 2013a.

VEREZA, S.C. *Literalmente Falando* – sentido literal e metáfora na metalinguagem. Niteroi: Eduff, 2007a.

VEREZA, S.C. Novos caminhos para o estudo da metáfora. *In*: ZYNGIER, S.; VIANA V.; SPALLANZANI, A. (org.). *Linguagens e tecnologias*: estudos empíricos. Rio de Janeiro: Publit, 2007b. p. 145-164.

VEREZA, S.C. Mal comparando…: os efeitos argumentativos da metáfora e da analogia numa perspectiva cognitivo-discursiva. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 18-35, 2016b.

VEREZA, S.C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007c.

VEREZA, S.C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, Niteroi, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, S.C. *Sob a ótica da metáfora*: tempo, conhecimento e guerra. Niteroi: Eduff, 2012.

VEREZA, S.C. "Metáfora é que nem…": Cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p.2-21, 2013b.

VIANA, V.; ZYNGIER, S.; BARNBROOK, G. (org.). *Perspectives on corpus linguistics*. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 2011.

VÍRUS. *In: Michaelis:* Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/virus. Acesso em: 13 dez. 2021.

ZAMPONI, G. De moedas e gelo: "derretimento" como metáfora recorrente no âmbito da economia. *Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 26-38, 2011.

ZANOTTO, M. S. T. A construção e a indeterminação do significado metafórico no evento social da leitura. *In*: PAIVA, V. L. M. O. (org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Editora do Autor, 1998. p. 13-38.

ZANOTTO, M. S. T.; CAMERON, L.; CAVALCANTI, M. C. (org.). *Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach*. Filadelfia: John Benjamin Publishing, 2008.

APÊNDICE – Inventário de Campos Semânticos com itens lexicais extraídos do Corpus C

Frames do Corpus C	Campos Semânticos	Campos Lexicais
Herança	Cultura	Herdado; herança; escravidão, passado colonial; colonização; portugueses; miscigenação; Identidade cultural; Cultura nacional / cultura do bem próprio / cultura da vantagem / cultura da trapaça / cultura que incentiva a desonestidade / cultura de dar um jeitinho / cultura de fazer o errado / cultura corrupta / cultura degenerada / com propensão à corrupção. Diferença cultural/questão cultural;
Raízes Doença	Algo enraizado Metástase	Corrupção enraizada, arraigada, impregnada, até mesmo em nosso sangue; no sistema social e político; ter raiz e não âncora; raiz do problema; Câncer com metástase, do Brasil, células cancerígenas, vírus chamado corrupção, malditos parasitas, cânceres do Brasil; Negócio enraizado.
Presença	Presença	Está em todos os lugares, permeia
		Ser desonesto, ladrão, trapaceiro; povo corrompido, cultura de canalhas, ladrões, picaretas, malandros; Picaretagem, vigarice, sabotagem,

Desonestidade	Trapaça	roubalheira, trambicalha, trapaça, engodo, falcatrua, golpes, agiotagem; Só tem ladrão; Desviar o Brasil de rumo; “Malandro é malandro, mané é mané”; *“Jeitinho malandro*: quem não tem dinheiro, não conta história”; Lei do mais forte; Virtude caracterizada pela esperteza; arte da enganação.
Disseminação	Coisas que se alastram	Alastram-se; corrupção se espalhou pelo Brasil; Praga; corruptos que estão espalhados por todo país; Brasil já está em metástase.
Corrupção	Ilegalidade	Falta de caráter, falha no caráter; quebra de leis, antiética ou abusiva, ato de querer burlar algo ou a lei, forma de burlar alguma regra, toda forma de vantagem adquirida, Inerente a qualquer ser humano; povo corrompido – não escapa nenhum lugar desse Brasil; Malandragem, atos ilegais, roubalheira, pilantragem, Impunidade; é roubo do roubo; tudo o que corrompe a sociedade, furar fila, corromper as regras da sociedade, tirar vantagem de alguma situação, é para

		além do desrespeito à moral, são pequenas sementes que ora plantadas, germinam e se transformam em desastres, ser egoísta por pensar apenas em seu bem-estar e não no coletivo, desviar-se daquilo que é o reto, infringir uma conduta que fere o espaço público, o direito alheio, ou regras de convivência na sociedade, é egoísmo, é o jeitinho brasileiro, cometer a corrupção, combater a corrupção, arrumar um jeito de fraudar algo; Corrupto, corruptos, cúpula de corruptos, corrupto por natureza; Corruptos: quem não é, acaba ficando; Cultura da corrupção, propensão à corrupção, situações de corrupção, pura corrupção, certa corrupção, escândalos de corrupção, tendência à corrupção, esquemas de corrupção, ciclo de corrupção, formas de corrupção, casos de corrupção, suposta corrupção, prática da corrupção, conivente com a corrupção, rede de corrupção; Corrupção que mancha nossa nação; Brasil está sendo estuprado pela corrupção; Vírus chamado corrupção se espalhou; Corrupção reina; Ninguém vence o Brasil no quesito pilantragem;

Sujeira e Podridão	Sistema podre e sujo	Cultura mal vista e suja, país da sujeira; Porcos cariocas, porco; É uma grande sujeira!, Que sujeira!; Esquema sujo, político sujo, jogo sujo *deles;* Poluição; Porcaria; Bosta desse país; Imundos de mau caráter; “Sistema podre!”, parte podre, Sistema político do Brasil está podre, doente e defasado; Podridão; Ficha suja; “As fossas abertas da América Latina”.
Maldição	Jeitinho do demônio	A pior maldição da sociedade; Maldição cultural, maldição nessa nação, “ “Sodoma e Gomorra”; macumba; Maldito Brasil, maldita democracia, Diabo, praga, execração, desgraça; Essa maldição; Maldita democracia; Jeitinho do demônio; Demônios.
Levar vantagem	“Lei de Gerson”	“Lei de Gerson”; Levar vantagem em tudo, Oportunidade para tirarem proveito; Tirar proveito de uma situação, agir em benefício próprio, aceitar algum

		benefício, obter benefício próprio, ter privilégio, oferecer favores.
Nojo e Vergonha	Jeitinho Nojento; Vergonhoso	Ter nojo, dá nojo, sinto nojo; Nojo desse sistema; Jeitinho mais marcado e nojento. Criarmos vergonha na cara; Vergonha nacional da corrupção; Escória do mundo; Vergonha de ser brasileiro/a, vergonha desse país; Vergonha de morar no Brasil, vergonha de onde nasci, vergonha PARA O NOSSO PAÍS; Vergonha do meu estado de MG; Vergonha de ser de Mato Grosso, dos nossos políticos; Vergonha alheia dessas pessoas, brasileiro não tem vergonha; Brasil é uma vergonha; Brasil da vergonha; Que vergonha; Vergonha nacional da corrupção
Flexibilidade/Criatividade	"Jogo de cintura"	Flexível; Ajudinha; Soluções criativas; Legítima defesa; Sobrevivência; Jogo de cintura do *jeitinho brasileiro;* *Jeitinho brasileiro= superbonder;*

		Seleção natural no Brasil, afinado (sic) pela sobrevivência do mais forte;

ANEXO A – Modelo de metaforização de Lakoff (1987)

Tipo	Exemplo	Características
1	*Pedigree*[86]	A imagem original do léxico para ´pé de um pássaro´ não existe mais; O mapeamento conceptual também não existe; O uso literal desapareceu; O mapeamento linguístico também não existe mais;
2	*Comprehend*[87]	A imagem original de "*take hold"* está presente; O mapeamento conceptual também está presente; O uso literal original desapareceu; O mapeamento linguístico não existe.
3	*Dunk*[88]	Imagem original (de molhar o biscoito no café, por exemplo) está presente; Mapeamento conceptual existe; Uso literal original não desapareceu; Mapeamento linguístico está presente, mas não é sistemático.
4	*Grasp*[89]	Imagem original está presente, Mapeamento conceptual existe; Uso literal não desapareceu; Mapeamento linguístico está presente e é sistemático.

Tradução da autora.

86 Um certificado de registro de um animal que contém a sua árvore familiar. Originalmente, *pedigree* trata de uma extensão metafórica do termo francês, *pied de gru*, cujo significado é o pé de um pássaro. A palavra *pedigree* é igualmente considerada morta porque o mapeamento mental que relaciona o pé de um pássaro a uma árvore genealógica desapareceu. Também está morta no uso especial de Lakoff e Johnson do termo (1980), no sentido de que não faz parte de um sistema metafórico que cria transferências regulares do campo semântico do pássaro para o campo da genealogia.

87 A palavra "*comprehend*" é um exemplo do segundo tipo. Assim como "*pedigree*", o antigo uso linguístico (literalmente "*take hold*" ou "tomar posse") desapareceu, e com ele, o mapeamento deste sentido para o uso atual. Ao contrário de *pedigree*, no entanto, a metáfora conceptual que mapeia o ato físico de tomar posse como ato mental de compreensão ainda é atual e é realizado por meio de muitas outras metáforas linguísticas.

88 Lakoff exemplifica seu terceiro tipo com o sentido (em inglês americano) de "dunk"/enterrada, usado para referir-se a uma jogada de basquete. Aqui, a conexão metafórica é clara para os usuários do termo. No entanto, essa metáfora está "morta" para Lakoff porque, como *pedigree*, é uma metáfora única, denominada "one-shot" para o autor, já que o domínio de comida e de bebida não está mapeado no domínio do basquete em outros pontos. As metáforas situadas (*one-shot*) são as que não envolvem domínios conceituais, mas imagens mentais estruturadas. Seu objetivo é criar ou ajustar uma imagem rica no domínio alvo, geralmente mais abstrato (MÁCHA, 2016). Metáforas de imagem "mapeiam uma imagem mental convencional em outra. (LAKOFF, 1993, p. 229)".

89 O quarto tipo é exemplificado por "*grasp"* (compreender, agarrar), uma metáfora convencionalizada que está "viva" em todos os sentidos possíveis. Ambos os sentidos metafóricos e não metafóricos da palavra estão em uso, a conexão é evidente para falantes contemporâneos, e o mapeamento dessa palavra é parte de um mapeamento mais amplo de um domínio para outro.

ANEXO B – Modelo de metaforização de Goatly (1997)

Tipo	Exemplo	Descrição
Morta	*Germ*: uma semente *Germ*: um micróbio *Pupil*: um aluno jovem *Pupil*: pupila (dos olhos)	Ambos os sentidos não-metafóricos são raramente usados ou a conexão entre os dois sentidos tornou-se tão distante com o tempo que não são mais reconhecidas pela maioria dos falantes. São homônimas.
Enterrada	*Clew*: uma bola de linha *Clue*: uma pista	Como os exemplos acima. Os dois sentidos se tornaram formalmente diferentes.
Adormecida	*Vice*: alicate de pressão *Vice*: vício *Crane*: guindaste *Crane*: espécie de pássaro do pântano	O significado metafórico é convencional. O significado literal ainda está em uso e pode ser evocado pelo sentido metafórico ocasionalmente. Os dois sentidos são considerados polissêmicos.
Cansada	*Cut*: uma incisão, corte *Cut: budget*: redução no orçamento; *Fox*: raposa *Fox*: uma pessoa atraente	Como acima. No entanto, é mais provável que o sentido metafórico evoque o sentido literal aqui do que na categoria anterior. Os dois sentidos são considerados polissêmicos.
Ativa	*Icicles*: pingentes de gelo: formações de gelo em forma de bastão, *Icicles*: dedos	O sentido metafórico é evocado inteiramente por meio do sentido literal. Não há relação lexical estabelecida entre os dois sentidos

Tradução da autora.

ANEXO C – Modelo de metaforização de Deignan (1997, 2005)

Tipos de Expressões Linguísticas com Motivações Metafóricas	Exemplos extraídos da tese de Deignan (1997)
Metáforas Vivas	
1. Metáforas Criativas ou Novas	Árvores de pirulitos (*The lolllipop trees*), (CAMERON, 2003)
2a. Metáforas Convencionais (situadas)	O vento sussurrava por entre as árvores. (*The wind was whispering through the trees*). (ALLBRITTON, 1995, p. 35 apud DEIGNAN, 2005)
2b. Metáforas Convencionais Sistemáticas	*Grasp* (LAKOFF. 1987)
Metáforas Mortas e Expressões Não-Metafóricas	
3. Metáforas mortas	*Crane* (guindaste) - máquina para mover objetos pesados (GOATLY, 1997).
4. Metáforas Históricas	*Comprehend* (compreender, alcançar, abranger) *Pedigree* (linhagem, genealogia, ascendência) (LAKOFF, 1997 *apud* DEIGNAN, 2005)

Fonte: a autora, Adaptado e traduzido de Deignan (2005).

ANEXO D – Crônica de Paulo Mendes Campos – Dar um Jeitinho

Escrevi na semana passada que há duas constantes na maneira de ser do brasileiro: a capacidade de adiar e a capacidade de dar um jeito. Citei um livro francês sobre o Brasil, no qual o autor dizia que só existe uma palavra importante entre os brasileiros: amanhã.

Pois fui ler também o livro *Brazilian Adventure*, de 1933, do inglês Peter Fleming, marido da atriz Célia Johnsonm integrante da comitiva que andou por aqui há trinta anos em busca do coronel Fawcett. No capítulo dedicado ao Rio, sem dúvida a capital do amanhã, achei este pedaço:

> A procrastinação por princípio – a procrastinação pela própria procrastinação – foi uma coisa com a qual aprendi depressa a contar. Aprendi a necessidade de resignação, a psicologia da resignação: tudo, menos a resignação em si mesma. No fim extremo, contrariando o meu mais justo aviso, sabendo a futilidade disso, continuei a engambelar, a insultar, a ameaçar, a subordinar os procrastinadores, tentando diminuir a demora. Nunca me valeu de nada. Não e possível evitá-la. Não há nada a fazer contra isso.

Não é verdade, Mr. Fleming: há uma forma de vencer a interminável procrastinação brasileira: é dar um jeitinho. O inglês apelou para a ignorância, a sedução, o suborno. Mas o jeito era dar um jeito.

Dar um jeito é outra disposição cem por cento nacional, inencontrável em qualquer outra parte do mundo. Dar um jeito é um talento brasileiro, coisa que a pessoa de fora não pode entender o praticar, a não ser depois de viver 10 anos entre nós, bebendo cachaça conosco, adorando feijoada, e jogando no bicho. É preciso ser bem brasileiro para se ter o animo e a graça de dar um jeitinho numa situação inajeitável. Em vez de cantar o Hino Nacional, a meu ver, o candidato à naturalização deveria passar por uma prova: dar o jeitinho numa situação moderadamente enrolada.

Mas chegou a minha vez de dar um jeito nesta crônica: há vários anos andou por aqui uma repórter alemã que tive o prazer de conhecer. Tendo de realizar algumas incursões jornalísticas pelo país, a moça frequentemente expunha problemas de ordem prática a confrades brasileiros. Reparou logo, espantada, que os nossos jornalistas reagiam sempre do mesmo modo aos galhos que ela apresentava: vamos dar um jeito. E o sujeito pegava o telefone, falava com uma porção de gente, e dava um jeito. Sempre dava um jeito.

Mas, afinal o que era dar um jeito? Na Alemanha não tem disso, não; lá a coisa pode ser ou não poder ser.

Tentei explicar-lhe, sem sucesso, a teoria fundamental dedar um jeito, ciência que, se difundida a tempo na Europa, teria evitado duas guerras carniceiras. A jovem alemã começou a fazer tantas perguntas esclarecedoras, que resolvi passar a aula prática. Entramos na casa comercial dum amigo meu, comerciante cem por cento, relacionado apenas com seus negócios e fregueses, homem de passar o dia todo e as primeiras horas da noite dentro da loja. Pessoa inadequada, portanto para resolver a questão que forjei no momento de parceria com a jornalista.

Apresentei ele a ela e fui desembrulhando a mentira: o pai da moça morava na Alemanha Oriental: tinha fugido para a Alemanha Ocidental; pretendia no momento retornar à Alemanha Oriental, mas temia ser preso; era preciso evitar que o pai da moça fosse preso. Que se podia fazer?

Meu amigo comerciante ouviu tudo atento, sem o menor sinal de surpresa, metido logo no seu papel de mediador, como se fosse o próprio secretário das Nações Unidas. Qual! O próprio secretário das Nações Unidas não teria escutado a conversa com tão extraordinária naturalidade. A par do estranho problema, meu amigo deu um olhar compreensivo para a jornalista, olhou para mim, depois para o teto, tirou uma fumaça no cigarro e disse gravemente: “O negócio é meio difícil...é...esta é meio complicada....Mas, vamos ver se a gente dá um jeito.”

Puxou uma caderneta do bolso, percorreu-lhe as páginas, e murmurou com a mais comovente seriedade: “Deixa-me ver antes de tudo quem eu conheço que se de com o Ministro das Relações Exteriores.”

A jornalista alemã ficou boquiaberta.